INCIDENTE EM ROSWELL

Charles Berlitz
e William L. Moore

Do mesmo autor de:
O Mistério da Atlântida
O Triângulo das Bermudas
Sem deixar Vestígios

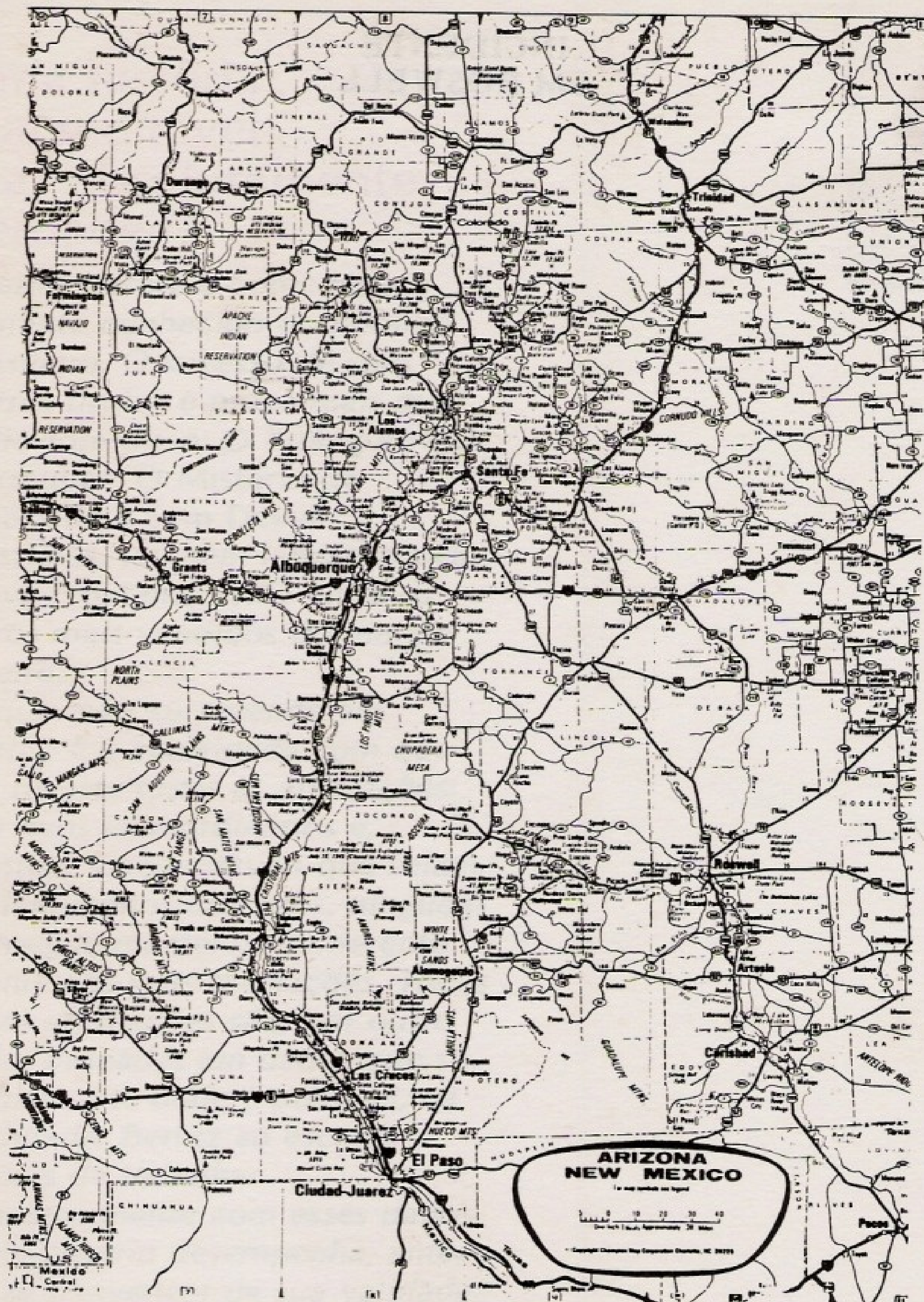
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Charles Berlitz e William L. Moore

INCIDENTE EM ROSWELL

Tradução de AUREA WEISSENBERG

EDITORA NOVA FRONTEIRA



Mapa da área central do Novo México com os locais referidos no texto. Copyright 1980 Champion Map Corporation, Charlotte, North Caroline 28225. Reservados todos os direitos.

Sumário

Introdução

Segundo a lenda dos OVNI, uma espaçonave extra-terrena espatifou-se em Novo México nos primeiros dias de julho de 1947. A primeira vista a notícia não passaria de um desses incidentes registrados em jornais e nos milhares de livros escritos em todos os idiomas acerca dos OVNI. A diferença no caso é a vitalidade do incidente e sua repercussão nos círculos científicos, jurídicos e governamentais.

Quando este livro estiver indo para o prelo, uma ação civil já terá sido instaurada contra a CIA, através de advogados, pelas partes interessadas - Cidadãos contra Sigilo OVNI - com a finalidade de divulgar informação acerca do incidente nos termos da Lei da Liberdade de Informação. O caso englobou, além disso, um processo anterior contra a CIA, movido pelos Observadores de Terra

dos Discos Voadores. Entre as acusações feitas pelas partes encontram-se a sonegação de informes aos meios de comunicação, desaparecimento de dossiês, pressionamento de testemunhas e, de modo geral, ocultamento de informações através do uso de classificação de segurança desnecessária.

Ocorrências registradas na imprensa e no rádio antes de entrarem em vigor os regulamentos de segurança impostos pela Força Aérea do Exército (que naquele mesmo ano de 1947 mudou o nome para Força Aérea) indicam que o material do OVNI despedaçado foi levado em transporte governamental de alta segurança de uma base a outra e que os despojos da nave e seus ocupantes mortos (um dos quais estava vivo ao ser encontrado) acham-se sob guarda de alta segurança na sede da CIA em Langley, Virgínia.

Os que recordam períodos anteriores a 1947, o ano da primeira "invasão" bastante divulgada dos discos voadores, talvez se lembrem de ter lido relatos factuais acerca do que poderiam ser chamados discos voadores bem antes de estes se popularizarem. Tratava-se de estranhas narrativas publicadas em jornais meteorológicos e astronômicos, incluindo referências a gigantescos objetos alados que surgiam à noite e não eram aviões nem meteoros.

Um exemplo tirado da Monthly Weather Review (março de 1904):

"O tenente Frank H. Schofield, comandante do U.S.S. Supply, comunicou que ele e sua tripulação viram nitidamente, a 24 de fevereiro de 1904, três imensos objetos luminosos movendo-se conjuntamente pelo firmamento noturno, em pleno Atlântico, tendo o maior deles diâmetro seis vezes superior ao do Sol.“

No mesmo tom, o jornal da Royal Astronomical Society of Canada (março de 1913) publicou unia compilação de relatórios do Prof. Chant, de Toronto, acerca de objetos voadores não-identificados,

movimentando-se de leste para oeste ao longo da fronteira EUA-Canadá, numa época em que subseqüentes verificações revelaram não ter havido veículos aéreos "humanos" em cruzeiro. Os depoimentos, colhidos entre inúmeros observadores ao longo da rota, afirmavam que um grande corpo luminoso viajava em linha reta pelo céu, que "o corpo se compunha de três ou quatro partes, cada qual com uma cauda" e que, à medida que um desaparecia, um segundo e um terceiro agrupamento surgiam. "Houve cerca de trinta ou trinta e dois desses corpos visíveis no período de uma hora... Moviam-se aos quatro, três e dois, um ao lado do outro. Tão perfeita era a formação que até parecia frota aérea em manobras..."

Houve outras notícias de OVNI anteriores a 1947, mas eram relativamente raras comparadas aos milhares que desde então foram divulgadas pela imprensa, rádio e televisão mundiais. (Calcula-se em 10.000 páginas os relatórios secretos acerca de OVNI, apenas na sede da CIA.) O crescente fluxo dessas notícias indica um fato pertinente: a freqüência dos aparecimentos de OVNI aumenta na proporção direta da nossa evolução científica e tecnológica. As instalações de radar que captam OVNI constituem comprovante extra das observações visuais, enquanto o número crescente de aviões em vôo coloca pilotos, e às vezes passageiros, em espantosa proximidade de objetos voadores não-identificados. Astronautas encontram-nos com freqüência no espaço. Tudo isso são ocorrências relativamente recentes.

Contudo, vivo interesse pelos OVNI é ainda considerado espécie de aberração, talvez porque nenhuma prova concreta dessas naves tenha sido encontrada ou identificada como tal. Não existe, na verdade, corpus delicti.

Se existisse e tivesse sido encontrado em território sob o controle de qualquer das grandes potências, ou mesmo de potências menos importantes, seria ocultado, o que é compreensível, até que as

autoridades do país em questão decidissem o que fazer, ou como manipular o fato de modo a melhor servir a seus interesses e finalidades.

Talvez seja esta a explicação do Incidente Roswell. Contudo, longe de ser apenas um mistério interessante, divulgado pela imprensa e em seguida esquecido, o caso continua em andamento. Segundo notícias, os despojos da nave ainda são objeto de estudo (talvez com vistas a uma duplicação), prossegue a pesquisa acerca da composição das partes metálicas (e não-metálicas) desconhecidas do veículo espacial, as figuras hieroglíficas indecifráveis que, segundo se diz, foram descobertas nos controles interiores estão sendo entregues à análise de computador, e as células e estrutura interna dos membros da tripulação humanóide, porém estranha, continuam a ser submetidas à análise médica. Do ponto de vista do interesse público, novos depoimentos de testemunhas e das famílias de testemunhas que se recusaram a fazer declarações, e "reflexões posteriores" de alguns elementos do pessoal militar envolvido no ocultamento constituem, nas páginas que se seguem, prova convincente de que o acidente com a nave espacial não foi, definitivamente, ilusão coletiva, e sim um acontecimento real.

Desde o início da era espacial observou-se com freqüência que a raça humana que habita a terra se encontra prestes a entrar em contato com alguns de seus vizinhos do cosmos e obter a prova final de que a nossa forma de vida não é a única desta galáxia. Talvez isso já tenha acontecido no Novo México em 1947 e só agora, com a descoberta de novos informes e a eventual ajuda da Lei de Liberdade de Informação, as conseqüências se tornem evidentes.

1
OVNI no Firmamento e no Espaço

OS OVNI nunca foram, de fato, uma novidade. No decorrer da história, sempre que os homens observavam o céu viam, ou assim julgavam, figuras, sinais, portentos, deuses, anjos, demônios, naus e, recentemente, tendo perdido a fé dos antepassados, tipos de naves que, ao que tudo indica, não partem de bases terrenas. Não dispomos de meios para calcular quantas dessas visões são causadas por interpretação errônea ou imaginação fértil. Contudo, ainda que apenas 20 por cento dessas aparições não tenham explicação terrena, conforme sugerem os dados do Projeto Livro Azul da Força Aérea, Relatório Especial No. 14, deve haver milhões de visitantes inexplicáveis nos céus da Terra desde que a espécie humana começou a registrar suas impressões acerca de viajantes celestiais.

Nas Idades Antiga e Média, portentos e objetos celestes eram considerados mais ou menos corriqueiros, talvez por não existir na época tráfego humano com o qual se pudessem confundir. No antigo Egito há registro de imensos círculos de fogo baixando do firmamento noturno e ameaçando o faraó de pé em sua quadriga, à frente de seus exércitos, tendo ele mantido, no decorrer de todo o incidente, um louvável, embora intrigante, sangue-frio. O profeta Ezequiel talvez tenha tido contato com uma dessas naves e seu comandante, a quem considerou o Senhor. Uma leitura do Livro de Ezequiel contém excelente descrição da aterrissagem de uma cápsula espacial, narrada em linguagem simples e compreensível. Os céus da antiguidade pareciam cheios de viajantes aéreos. Os assírios viam touros voadores, os gregos e os árabes, cavalos voadores, os

opulentos persas julgavam ver tapetes voadores, e os guerreiros romanos observavam escudos e lanças voadoras e batalhas inteiras no céu, no exato momento em que eles próprios se entregavam a combates terrenos.
Ã medida que o mundo antigo se cristianizava, as visões celestes transformaram-se em cruzes de fogo e outros sinais ameaçadores, prenunciando peste e tragédias. O imperador Constantino de Bizâncio viu no céu, antes de uma batalha, algo que o converteu ao cristianismo, alterando consideravelmente, portanto, o curso da História.
Quando a Renascença abriu a mente do homem à exploração do mundo, os OVNI adquiriram, adequadamente, a forma de galeras e caravelas, e quando os franceses principiaram a fazer experiências com balões, vastos globos foram vistos flutuando no alto dos céus, monstruosos reflexos daquilo que os franceses realizavam. A partir dos finais de 1800, observadores relativamente modernos têm descrito os OVNI como fusos, charutos e naves espaciais, voando a velocidades espantosas. Na Primeira e Segunda Guerras Mundiais foram tidos como espécie de arma desconhecida (2ª. Guerra Mundial: "combatentes inúteis"), que cada um dos lados julgava ser manipulado pelo outro; e só em 1947, com o grande aumento de visões de OVNI's (a princípio descritos como discos metálicos ou frigideiras), receberam eles o nome de "discos voadores".
É possível que todas essas visões, no decorrer da história e em grau cada vez mais amplo no presente, sejam versões do mesmo fenômeno, ajudadas talvez pela imaginação e tendência a se ver aquilo que se deseja. É por isso que os chineses julgam há muito ver dragões luminosos em movimento; os antigos hindus, carruagens aéreas de duas e três plataformas; os índios das Américas, grandes canoas; e tribos e nações de todas as partes do mundo, monstros, demônios e deuses luminosos.

Mas não podemos afirmar que houve ilusão coletiva, sobretudo em um mundo onde tantos chefes de Estado das nações desenvolvidas, assim como os mais altos dignitários das Nações Unidas, cientistas renomados, astrônomos e a maioria da população terrestre estão convictos de que somos regularmente visitados por OVNI's. Eles aparecem sobre as grandes cidades e são vistos por centenas de milhares de pessoas. Pousam nas proximidades de canais de televisão e usinas de força, tendo até causado, conforme se julga, o grande blackout de 1965. Perseguem aviões de passageiros e, segunda dizem, destroem aparelhos militares. Visitam regularmente centros de pesquisa avançada e de lançamento de mísseis e acompanham nossas cápsulas até o cosmos. Há tanta gente convicta da presença dos OVNI's que um aeroporto da França se acha permanentemente reservado para seu pouso, com luzes de aterrissagem azuis, um convite apenas para naves que não sejam deste mundo.
Com o rompimento da barreira espacial, os nossos astronautas parecem ter começado a encontrar os OVNI's no espaço. Se levarmos em conta as afirmativas de que na maioria das viagens espaciais tem havido contato com OVNI's, a percentagem de encontros no cosmos é muito mais vasta do que no firmamento terrestre. Isto parece indicar definitivamente que os OVNI's são de origem extraterrena e, longe de sobrenaturais, são, possivelmente, sondas, patrulhas, ou outras atividades com freqüência voltadas para a terra, atividades pré-datando os nossos esforços espaciais em milhares ou quem sabe milhões de anos.
Embora muito se tenha escrito a respeito de OVNI's e encontros na terra, pouco se disse às claras sobre encontros com eles na exploração espacial. Um indício convincente da sua presença no espaço terrestre (mas até onde se estendem as nossas fronteiras espaciais?) foi proporcionado pelo matemático, físico e escritor

Maurice Chatelain, planejador da nave Apolo e ex-chefe de comunicações da NASA nas missões lunares Apolo, homem franco, que documentou uma fase especial de encontros próximos no espaço, entre exploradores da terra (americanos) e entidades de outras partes do cosmos. Segundo os relatos de Chatelain, alguns dos quais baseados em informes colhidos de "fontes privilegiadas", enquanto ele trabalhava para a NASA na década de 60, e outros baseados em dados que lhe foram transmitidos mais tarde por amigos e ex-colegas, os relatórios desses encontros ocorridos no decorrer de viagens espaciais foram em geral censurados, alterados, amputados, ou simplesmente ignorados pela NASA, não chegando, portanto, jamais ao público na época de sua ocorrência. O fato de os astronautas se acharem em missão militar era, segundo Chatelain, um dado importante e talvez planejado a favor do sigilo, uma vez que eles podiam simplesmente receber ordens para não discutir determinados aspectos dos seus encontros com OVNI's. Embora a maioria dos astronautas americanos já não se ache em serviço ativo, mantêm discreto silêncio sobre este tópico até o dia de hoje; restam-nos os relatos "privilegiados" de Chatelain, com sugestões do que se teria passado no espaço, ou até na superfície da Lua. E esses relatos são, para se dizer o mínimo, impressionantes.
A tabela abaixo foi elaborada em ordem cronológica:

ESPAÇONAVE / DATA / TRIPULAÇÃO / INCIDENTE RELATIVO À OVNI OU OBJETO ESPACIAL NÃO-IDENTIFICADO

MERCURY
15 de maio, 1963
Cooper
Sobrevoando o Havaí, captou vozes em freqüência especial, falando idioma examinado mais tarde na fita e classificado como não

pertencente a qualquer língua terrestre conhecida. Ao sobrevoar Perth, Austrália, viu um grande OVNI, observado também por estação de rastreamento da Terra.

GEMINI 4
3-7 de junho, 1965
McDivitt-White
Sobrevoando o Havaí, quase colidiram com um cilindro prateado, oval, com rastro luminoso. Fotografaram-no.

GEMINI 5
21 de agosto, 1965
4 de dezembro, 1965
Cooper-Conrad
Objeto prateado ovóide, com luzes verdes, acompanhou e precedeu a cápsula. Tinha a forma de um disco quando visto pela retaguarda.

GEMINI 7
4 de dezembro, 1965
Borman-Lovell
Tiraram fotos de enorme OVNI com sistemas de propulsão que acompanhou a cápsula.

GEMINI 9
3 de junho, 1966
Stafford-Cernan
Cápsula acompanhada desde o lançamento por inúmeros OVNI's vistos tanto pelo pessoal de terra como pelos tripulantes.

GEMINI 10
18 de julho, 1966

Young-Collins
Dois OVNI’s acompanharam e desapareceram quando a cápsula pediu à estação de terra observação pelo radar. Mais tarde, um imenso objeto, nem planeta, nem planetóide, foi observado.

GEMINI 11
12 de set., 1966
Gordon-Conrad
Objeto comprido, avistado sobre Madagascar. Disse a NASA que era Pegasus 3, mas este se encontrava a 350 milhas do local na ocasião.

GEMINI 12
11 de nov., 1966
Lovell-Aldren
Dois OVNI’s avistados a meia milha da cápsula. Fotografados durante prolongada observação.

APOLO 8
21 e 27 de dez.. 1968
Borman-Lovell-Anders
OVNI’s em forma de disco avistados enquanto a cápsula rodeava a Lua. Comunicado: "Fomos informados de que Papai Noel existe." Captada também linguagem não-identificada em freqüência espacial de rádio.

APOLO 10
18 e 26 de maio, 1969
Stafford-Young-Cernan
Avistaram dois OVNI’s que acompanharam a cápsula durante a órbita da Lua e na viagem de volta.

APOLO 11
20 de julho, 1969 (Pouso na Lua)
Armstrong-Collins-Aldrin
Antes do primeiro pouso na Lua, dois OVNI's e um comprido cilindro sobrevoaram o local. Quando a Apoio 11 pousou no interior de uma cratera lunar, duas espaçonaves não identificadas surgiram na borda da cratera e levantaram vôo novamente. Aldrin fotografou-as. As fotos não foram ainda entregues ao público pela NASA.

APOLO 12
14 e 24 de novo 1969
Conrad-Gordon-Bean
Observatórios terrestres viram que a cápsula era acompanhada por dois OVNI's brilhantes, perto da Lua. Depois, quando próxima à Terra, antes do pouso, grandes OVNI's de luzes vermelhas foram observados.

APOLO 17
7 e 19 de dez., 1972
Cernan-Evans-Schmitt
Avistaram OVNI's próximos à Terra, nas imediações da Lua e no trajeto.

Nova confirmação de que os astronautas da Apolo 11 passaram por estranhas experiências na viagem de cinco dias até a Lua e na volta provém de fonte aparentemente associada à TV Anglia, de Londres. Segundo essa fonte, a NASA foi obrigada a mudar o local do pouso originalmente escolhido para o módulo de aterrissagem Eagle por ter descoberto que ele estava "ocupado" - presume-se que por outras espaçonaves. Como prova, a fonte da Anglia cita os seguintes

fragmentos de conversação supostamente "apagada", obtida através de intermediário anônimo e que se supõe ter ocorrido entre o astronauta Coronel Edwin "Buzz" Aldrin e o controle da missão da NASA, em data anterior ao pouso na Lua de 20 de julho de 1969.

Aldrin: Que é isso?... Que diabo é isso? É só o que quero saber.
Controle da Missão: Que foi que houve? ... (ruídos confusos) ... Controle da missão chamando Apoio 11...
Aldrin: Eram brinquedos enormes, rapaz... enormes... Oh, meu Deus, vocês não acreditariam!... Aviso a vocês que há outras espaçonaves por aqui... alinhadas na outra borda da cratera... Estão na Lua, observando a gente...

Embora vários dos astronautas tenham negado veementemente avistar OVNI no espaço e a NASA, segundo se diz, tenha despedido alguns dos seus funcionários por venderem "gravações falsificadas" de conversações semelhantes à reproduzida acima, Chatelain afirma que sua informação é das mais fidedignas, e publicou-a nos seus livros vendidos na França, Inglaterra e Estados Unidos. Conforme ele diz: "Todos os vôos Apolo e Gemini foram acompanhados, a distância e às vezes... bem de perto, por veículos espaciais de origem extraterrena. Toda vez que isso aconteceu, os astronautas informaram ao controle da missão, que ordenava então silêncio absoluto."
E é claro que esses encontros não incluem os ocorridos com os russos e as supostas observações, de astronautas tanto russos como de americanos, das ruínas, construções e "pirâmides" lunares, o que pode ou não relacionar-se com a atual atividade dos OVNI's. Indica, porém, viva curiosidade, por parte de entidades desconhecidas, acerca das nossas missões espaciais. Além desses encontros no cosmos, milhares de observadores casuais da Terra,

olhando para o céu à noite ou de dia, tiveram visões próximas e distantes. Há notícias insistentes, embora de difícil comprovação, de seqüestros cósmicos, nos quais estarrecidos seres humanos foram arrebatados para bordo de OVNI's, ali mantidos, interrogados, submetidos a lavagem cerebral e depois libertados, em geral com lapsos de memória e de tempo, já que o que lhes pareceu alguns minutos ocorreu na verdade em vários dias do tempo terreno. O desaparecimento de pessoas em locais isolados, as mortes inexplicáveis e o dreno de animais para obtenção de sangue foram com freqüência atribuídos aos OVNI's alvo conveniente -, como se eles andassem sondando a Terra como uma gigantesca reserva de caça para alimento ou captação de espécimes.

Apesar da ubiqüidade e freqüência dos aparecimentos dos OVNI's e dos supostos encontros, até o momento não se dispõe de prova concreta de sua existência, ou de que não sejam algum fenômeno natural como, por exemplo, gás brilhante dos pântanos, refração da luz este lar, enxames de insetos geradores de eletricidade, ou retenção visual da imagem da Lua ou das estrelas - explicações um tanto imaginosas, à altura de alguns dos relatos mais pitorescos referentes aos OVNI's. Além disso, muitas das narrativas de "encontros" com esses objetos voadores são feitas por fazendeiros, motoristas de caminhão, soldados da Polícia Estadual, xerifes e outras pessoas cujas obrigações as conduzem em geral a locais solitários à noite. (Os incidentes do filme Contatos Imediatos de Terceiro Grau basearam-se em registros de ocorrências com OVNI's.) Mas se seres extraterrenos, a bordo de OVNI's, desejassem entrar em contato com a raça humana, por que escolheriam indivíduos relativamente insignificantes, em lugar de fazer um pouso nas fontes do poder, tais como o pátio central do Pentágono, o centro da Praça Vermelha, ou o Portão Tein-an-men, para conversações de cúpula mais diretas?

É natural que os cientistas, e em especial os astrônomos, abordem com precaução um assunto que, embora popular, permanece carente de aceitação positiva. Um astrônomo (anônimo, naturalmente) citado no Relatório Acerca do Estudo Sobre os Membros da Sociedade Americana de Astrônomos, Referente ao Problema dos OVNI's (Stanford, 1975), do Dr. Peter Sturrock, fala pela maioria: "... Acho difícil ganhar a vida como astrônomo, hoje em dia. Seria um suicídio profissional dedicar tempo significativo aos OVNI's..."

No mundo inteiro, que seja ao menos de conhecimento público, não existe prova definitiva de que os OVNI's sejam produto de hipnotismo individual ou coletivo. Embora saibamos que pilotos desapareceram ou morreram enquanto perseguiam ou eram perseguidos por OVNI, a maioria dos cientistas e astrônomos presume que foram vítimas da imaginação.

Suponhamos, porém, que um desses OVNI's "imaginários" fizesse um pouso de emergência em local que podia ser alcançado pela Força Aérea, ou outros grupos de investigação. Suponhamos, além disso, que estivesse em condições de ser identificado como OVNI e contivesse humanóides extraterrenos relativamente intactos, embora mortos, na sua cápsula. Suponhamos que houvesse sinais de escrita no painel de controle e substância parecida com pergaminho espalhada no interior, e que a escrita, conforme se verificaria mais tarde, nada tivesse a ver com um idioma humano. Se isto acontecesse, reforçaria consideravelmente a convicção na vida extraterrena e na tecnologia avançada, mas simultaneamente apresentaria ao governo do país onde a nave tivesse pousado o problema de como enfrentar a questão - partilhá-la com o mundo (mantendo secreta a sua operação), ou negar a sua existência.

Diversos elementos deste script de ficção científica estiveram presentes, de modo convincente, no Novo México, há alguns anos. A

primeira cena poderia ser descrita da seguinte maneira:

Local: Sala do teletipo da Rádio KOAT, Albuquerque, Novo México.
Época: 7 de julho de 1947, quatro horas da tarde.

2
Incidente em Roswell

LYDIA SLEPPY, que, além de suas outras obrigações burocráticas e administrativas, era operadora do teletipo na estação de rádio KOAT de Albuquerque, Novo México, estava sentada diante da máquina aproximadamente às quatro horas do dia 7 de julho de 1947. Súbito, o telefone tocou, transmitindo uma mensagem que afetaria o noticiário dos dias subseqüentes no mundo inteiro e cuja importância não se tornou logo evidente. A chamada foi feita por Johnny McBoyle, repórter e um dos proprietários da estação irmã KSWS de Roswell, Novo México, que não possuía teletipo próprio, mas usava com freqüência a máquina da KOAT quando tinha algo a transmitir. Desta vez Johnny falava, muito excitado:

- Lydia, prepare-se para um furo sensacional! Queremos transmitir imediatamente para a ABC. Escute isso! Um disco voador espatifou-se... Não, não estou brincando... espatifou-se próximo de Roswell. Estive no local e vi. Parece uma grande frigideira amassada. Um fazendeiro arrastou-o com o trator até um abrigo para gado. O Exército está lá e vai recolher a coisa. Toda a área está isolada. Escute isso... Estão falando em homenzinhos a bordo... Comece a transmitir a notícia pelo teletipo, enquanto fico no telefone.

Compreensivelmente intrigada, Lydia ajeitou o fone em posição incômoda entre o ouvido e o ombro e começou a transmitir pelo teletipo a surpreendente notícia de McBoyle. Mal batera algumas

sentenças, a máquina imobilizou-se. Trata-se de ocorrência comum em teletipos, por diversas razões, de modo que Lydia não se preocupou, embora nunca tivesse sido interrompida no ar, em meio a uma transmissão. Passando o telefone do pescoço para a mão, informou a McBoyle que a máquina parara.

Desta vez, segundo Lydia recorda, ele parecia não só excitado como sob pressão e aparentemente falando com outra pessoa ao mesmo tempo. Disse, a voz tensa:

- Espere um minuto, falo já com você... Espere... Volto já.

Mas não voltou. Em vez disso, o teletipo começou a funcionar sozinho, dirigindo-se a Albuquerque, ou a Lydia, diretamente. Quem transmitia não se identificou, e o tom da mensagem era formal e seco: "ATENÇÃO ALBUQUERQUE: NÃO TRANSMITA. REPITO, NÃO TRANSMITA ESTA MENSAGEM. INTERROMPA IMEDIATAMENTE A COMUNICAÇÃO.”

Como Lydia continuasse com o telefone ligado para McBoyle, contou o que acabara de acontecer à máquina e perguntou:

- Que é que faço agora?

A resposta de McBoyle foi inesperada:

- Esqueça. Você não ouviu nada. Você não deve saber. Não toque no assunto com ninguém.

McBoyle contou mais tarde a Lydia Sleppy que vira um avião com destino ao Campo de Wright-Patterson levantar vôo com o objeto, ou partes dele, a bordo, mas não conseguira aproximar-se por causa das severas medidas de segurança mantidas por guardas armados.

Embora este tenha sido o último contato de Lydia com o "acontecimento", ela dispôs de muito tempo para reflexão subseqüente, já que o caso foi muito discutido após o regresso de seu chefe, Merle Tucker, que na ocasião se achava fora da cidade. Tucker preocupou-se com o envolvimento de sua estação no incidente, achando que poderia prejudicar seu recente pedido de licença

federal para uma estação subsidiária, que pretendia acrescentar à sua Rio Grande, Broadcasting Network. O que o aborreceu em particular foi o fato de, por mais que tentasse, não conseguir comprovar se o incidente ocorrera ou não.

O mais interessante é que muitas das pessoas com quem tentou conversar sobre o assunto insistiram em que o objeto aterrissara na vasta região a oeste de Socorro, Novo México, e não nas proximidades de Roswell, e que um delegado do xerife daquela cidade estivera no local, examinara os destroços de uma espécie de objeto em forma de pires, juntamente com uma pequena mancha calcinada no solo.

- Tornou-se de repente impossível encontrar alguém que quisesse falar no assunto - declarou, em recente entrevista.

O próprio Tucker, embora recordasse nitidamente o incidente, mostrou-se relutante em ser entrevistado sobre o assunto e recusou-se de modo categórico a que a entrevista fosse gravada. O físico nuclear e pesquisador Stanton T. Friedman deparou com igual muro de silêncio quando localizou e tentou entrevistar McBoyle acerca do mesmo tópico. A reação de McBoyle foi:

- Esqueça... Aquilo nunca aconteceu.

Mas deve ter ocorrido a Lydia, assim como a outros moradores e investigadores daquela área, que o incidente girava em torno da presença de "discos voadores" (na época ainda não eram chamados de OVNI’s), aparentemente operando com intensidade na área do Novo México e do Arizona, em junho e julho de 1947. O período é, aliás, relativamente próximo do aparecimento, a 24 de junho, da famosa esquadrilha de nove "frigideiras" que sobrevoaram Mount Rainier, Washington, e foram vistas por Kenneth Arnold - visão espetacular, que desencadeou a primeira onda intensa de interesse pelos OVNI’s e conduziu ao uso generalizado da expressão "discos voadores".

Esses relatos subseqüentes indicaram intensa atividade dos OVNI's, diurna e noturna, no Arizona e Novo México - atividade facilmente justificada pelo fato de em finais de 1940 ser o Novo México o local onde se desenvolvia a maior parte dos programas de defesa pós-guerra no setor da pesquisa atômica, foguetes, naves espaciais e desenvolvimento de mísseis, além de experiências eletrônicas e de radar. Los Alamos, a ampla comunidade científica criada pelo Projeto Manhattan em 1943 com a finalidade específica de proporcionar mão-de-obra e instalações necessárias, durante a guerra, à construção e testes das primeiras bombas atômicas, era ainda, em 1947, uma "cidade secreta", uma área altamente reservada. Status similar tinha a Área de Mísseis e Terreno de Provas de White Sands, nas imediações de Alamogordo, onde pesquisa de alto nível era realizada nos únicos foguetes alemães V-2 capturados deste lado da Cortina de Ferro. Também em Novo México, Roswell, encontrava-se o único agrupamento treinado para combate à bomba atômica existente no mundo àquela época - o 509º. Grupo de Bombardeio da Força Aérea dos Estados Unidos. Tudo isso ajuda a compreender por que naqueles meses de verão de 1947 o Novo México avistou mais OVNI's per capita e por quilômetro quadrado do que qualquer outro Estado da União. Inteligências alienígenas que estivessem observando sistematicamente o planeta e sua civilização concentrariam sem dúvida seus esforços nas áreas que exibissem os mais altos níveis de atividade científica e tecnológica.

Os relatórios abaixo são não apenas típicos, mas de interesse particular devido à capacidade dos observadores para descrever a forma (o que é difícil à noite) do que viram:

25 de junho de 1947: Um objeto em forma de pires, tendo cerca de metade do tamanho da lua cheia, foi visto movimentando-se para o sul sobre Silver City, Novo México, pelo dentista local, o Dr. R. F.

Sensenbaugher.

26 de junho de 1947: O Dr. Leon Oetinger, médico de Lexington, Kentucky, e três outras testemunhas disseram ter visto um grande objeto prateado, em forma de bola - obviamente nem balão, nem dirigível -, movimentando-se a alta velocidade, próximo à orla do Grand Canyon.

27 de junho de 1947: John A. Petsche, eletricista da Phelps-Dodge Corporation, e outras testemunhas viram um objeto em forma de disco sobrevoar e aparentemente pousar, cerca de 10h30min, nas imediações de Tintown, próximo a Bisbee, no sudeste do Arizona, próximo à fronteira com o Novo México.

27 de junho de 1947: O Major George B. Wilcox, de Warren, Arizona, avistou uma série de oito ou nove discos perfeitamente espaçados, deslocando-se a alta velocidade e com movimentos oscilantes. Declarou que os discos passaram sobre sua casa a intervalos de três segundos, rumando para leste, e calculou que voavam uns trezentos metros acima dos picos das montanhas.

27 de junho de 1947: Um "disco branco, brilhante como uma lâmpada elétrica", foi visto sobrevoando Pope, Novo México, pelo morador local W.C. Dobbs, às 9h50min. Minutos depois, o mesmo objeto, ou outro similar, foi avistado rumando para sudoeste sobre a Área de Mísseis de White Sands, pelo capitão E.B. Detchmendy, que comunicou o fato a seu comandante, o Tenente-coronel Harold R. Turner. Ás 10h a Sra. David Appelzoller, de San Miguel, Novo México, declarou ter visto objeto similar sobrevoando a cidade, também na direção sudoeste. O Coronel Turner, de White Sands, reagiu inicialmente declarando que nenhum foguete fora lançado naquela

base desde o dia 12 de junho. Mais tarde, temendo pânico, "identificou" oficialmente o objeto como um "meteorito diurno" (sic).

28 de junho de 1947: O Capitão F. Dvyn, piloto em vôo nas proximidades de Alamogordo, Novo México, viu "uma bola de fogo, com uma cauda azul brilhante" passar por baixo do seu avião e aparentemente desintegrar-se diante de seus olhos.

29 de junho de 1947: Pilotos da Força Aérea do Exército realizaram uma busca tendo por alvo um objeto que se dizia ter caído nas proximidades de Cliff, Novo México, durante a tarde, mas nada encontraram, exceto um estranho cheiro no ar.

29 de junho de 1947: Uma equipe de especialistas em foguetes chefiada pelo Dr. C. J. Zohn, de serviço na Área de Provas de White Sands, viu um disco prateado fazer uma série de manobras em elevada altitude sobre a área secreta de provas.

30 de junho de 1947: Treze objetos prateados em forma de disco foram observados por um empregado da estrada de ferro chamado Price, movendo-se um após outro sobre Albuquerque, Novo México. A princípio rumando para o sul, mudaram bruscamente de rumo para leste e, num movimento dramático, voltaram-se para oeste, antes de desaparecerem. Price alertou os vizinhos e todos saíram de casa, observando, deitados na relva, as manobras que os discos faziam no céu.

30 de junho de 1947 (segundo relato do Daily News de Tucumcari, Novo México, de 9 de julho): "A Sra. Helen Hardin, funcionária da Quay County Abstract Co., contou na terça-feira, 8 de julho, que viu um disco voador quando se achava na varanda da frente de sua

casa, às 23h do dia 30 de junho. O disco movia-se de leste para oeste a alta velocidade. Observou-o durante cerca de seis segundos em baixa altitude e viu-o descer nos arredores da cidade, não muito próximo. A princípio julgou tratar-se de meteoro, mas notou um movimento circular à medida que o objeto se aproximava do solo. Além disso, não caiu com a velocidade dos meteoros.

1º. de julho de 1947: Max Hood, executivo da Câmara de Comércio de Albuquerque, contou ter visto um disco azulado ziguezagueando pelo céu, a noroeste de Albuquerque.

1-6 de julho de 1947: Sete notícias independentes sobre discos voadores sobrevoando o norte do México, de Mexicali a Juarez.

1º. de julho de 1947: O Sr. e a Sra. Frank Munn declararam ter visto um grande objeto sobrevoando Phoenix por volta das 21h.

2 de julho de 1947: O Sr. e a Sra. Dan Wilmot, de Roswell, Novo México, avistaram um grande objeto brilhante, que passou sobre sua casa, na direção noroeste, a grande velocidade. (Vide Capítulo 3.)

O que viam essas pessoas? Não os testes dos modelos de foguete V-2, lançados de White Sands à época, conforme sugeriram alguns céticos. Um exame dos registros de White Sands revela que os únicos testes com V-2 realizados no período em questão datam de 12 de junho e 3 de julho.
Seria fácil sugerir que essas visões, ocorridas após os relatos de Mount Rainier, que receberam muita publicidade, não passaram de ilusão de ótica auto-induzidas pelas testemunhas, pessoas que examinavam o céu em busca de objetos voadores como os debatidos na imprensa daquela época em diante, tendo os obser-

vadores tendência a confundir com OVNI qualquer nuvem, pássaro ou reflexo. Esta era a reação oficial mais freqüente às notícias de OVNI e um fator contributivo para o cálculo de que milhares de aparecimentos de OVNI's deixam de ser registrados anualmente, e assim permanecerão, a menos que se encontre e divulgue uma prova concreta, seja de um verdadeiro objeto voador não identificado, seja de um exemplar vivo ou morto de existência extraterrena.

É interessante considerar que no início da onda de OVNI's de 1947, em fato comprovado por testemunhas, press releases, entrevistas, reportagens radiofônicas e sem restrições da censura, a Força Aérea do Exército tomou posse de um verdadeiro OVNI, juntamente com os despojos de sua tripulação. E, ao que parece, desde então a Força Aérea e o governo dos Estados Unidos vêm tentando decidir o que fazer com eles.

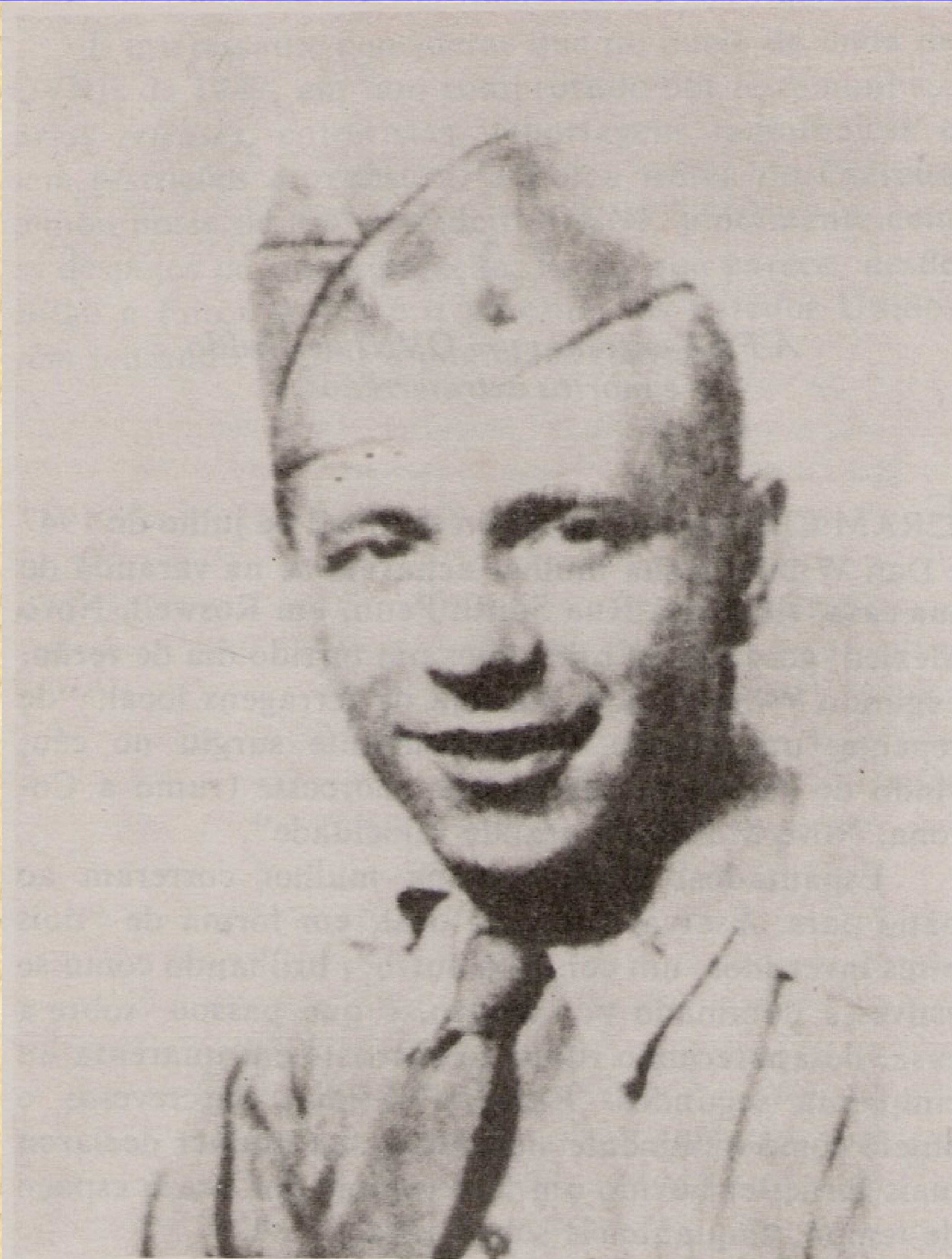
3
A FAA enfrenta um OVNI destruído e mortos extraterrenos

ERAM CERCA de 21h50min do dia 2 de julho de 1947 e Dan Wilmot e sua mulher achavam-se na varanda de sua casa, situada à Rua South Penn, em Roswell, Novo México, gozando da brisa após um tórrido dia de verão. Segundo Wilmot, dono da loja de ferragens local, "de repente, um grande objeto brilhante surgiu no céu, vindo do sudoeste. Seguia para noroeste (rumo a Corona, Novo México) a grande velocidade".

Espantados, Wilmot e sua mulher correram ao pátio para observar o objeto oval, em forma de "dois pires invertidos, um contra o outro", brilhando como se estivesse iluminado por dentro, e que passou

sobre a casa, desaparecendo rumo ao noroeste em quarenta ou cinqüenta segundos. Embora Wilmot descrevesse o objeto como totalmente silencioso, sua mulher declarou mais tarde ter ouvido um leve rumor, por breve espaço de tempo, enquanto ele sobrevoava a casa.

Temendo expor-se ao ridículo, Wilmot, que foi descrito pelo Daily Record de Roswell como "um dos mais dignos e respeitáveis cidadãos da localidade", não fez comentários acerca de sua experiência durante uma semana, esperando que "outra pessoa contasse ter visto o objeto".



O oficial de Informação da Base Aérea de Roswell, primeiro-tenente Walter C. Haut, responsável pela divulgação da chamada "Declaração Roswell", segundo a qual a Força Aérea dos Estados Unidos havia recolhido os destroços de um OVNI. De acordo com diversas fontes da imprensa, Haut foi mais tarde silenciado por "vários telefonemas enfurecidos de Washington".

(RAAF Yearbook, 1947, cortesia de Walter Haut)

Mas ninguém disse a Wilmot coisa alguma que corroborasse a sua aventura, até que a 8 de julho o oficial de informação da Base de Roswell entregou à imprensa uma nota inusitada. Diante da agitação subseqüente, talvez tenha ocorrido a Wilmot que ele vira um prenúncio do incidente que veio a ser um bem guardado e permanente segredo, pelo menos no que tocava ao público. A princípio, porém, não recebeu esse tratamento.

A 8 de julho, um dia depois do extraordinário incidente da Sra. Sleppy com o teletipo TWX, o Tenente Walter Haut, oficial de informação da Base Aérea de Roswell, fundamentado em informes que começavam a se infiltrar na base, entusiasmado, precipitou-se e distribuiu a seguinte nota ao pessoal da imprensa, sem se dar ao trabalho de obter a autorização do comandante da base, Coronel William Blanchard, deslize pelo qual sofreria penosas conseqüências:

Base Aérea de Roswell, Roswell, N .M.
8 de julho de 1947.

Os diversos boatos relativos ao disco voador tornaram-se ontem uma realidade quando o setor de informação do 509º. Grupo de Bombardeio da VIII Força Aérea, Aeroporto Militar de Roswell, teve a sorte de tomar posse de um disco, graças à cooperação de um fazendeiro local e do gabinete do xerife de Chaves County.

O objeto voador pousou em uma fazenda das proximidades de Roswell no decorrer da semana passada. Como não tinha telefone, o fazendeiro guardou o disco até poder entrar em contato com o gabinete do xerife, que por sua vez notificou o Major Jesse A. Marcel, do Setor de Informação do 509º. Grupo de Bombardeio.

cited about," he said.

ROSWELL STATEMENT

Here is the unqualified statement issued by the Roswell Army Base public relations officer:

"The many rumors regarding the flying disc became a reality yesterday when the intelligence office of the 509th Bomb Group of the Eighth Air Force, Roswell Army Air Field, was fortunate enough to gain possession of a disc through the co-operation of one of the local ranchers and the Sheriff's office of Chaves county.

"The flying object landed on a ranch near Roswell sometime last week. Not having phone facilities, the rancher stored the disc until such time as he was able to contact the Sheriff's office, who in turn notified Major Jesse A. Marcel, of the 509th Bomb Group Intelligence office.

"Action was immediately taken and the disc was picked up at the rancher's home. It was inspected at the Roswell Army Air Field and subsequently loaned by Major Marcel to higher headquarters."

RAMEY BROADCAST —

O texto da "Declaração de Roswell", de 8 de julho de 1947, distribuído à imprensa pelo primeiro-tenente Haut.

(San Francisco Chronicle, *9-7-47*)

Providenciou-se imediatamente para que o disco fosse recolhido na residência do fazendeiro. Examinado na Base Aérea Militar de Roswell, foi mais tarde confiado pelo Major Marcel às autoridades competentes.
A notícia, entusiasticamente recebida pela Associated Press, o serviço de informações do New York Times e outras agências, foi repetida em numerosos jornais de todo o país, assim como alguns estrangeiros, inclusive o prestigioso Times de Londres.
No dia anterior ao da nota expedida pela base aérea, 7 de julho, um telegrama da AP foi divulgado de São Francisco sob o título: DISCOS VOADORES EM QUASE TODOS OS ESTADOS. Em vista do fenomenal aumento das aparições de OVNI nos Estados Unidos nas duas semanas anteriores, era quase uma introdução ao incidente que alcançaria no dia seguinte destaque mundial.
O Daily Record de Roswell publicou a 8 de julho uma reportagem sob o título de FAA CAPTURA DISCO VOADOR NA REGIÃO DE ROSWELL. DETALHES MANTIDOS EM SEGREDO. O artigo tanto sugeria uma solução da Controvérsia dos Discos Voadores como dava a entender que a FAA já começava a boicotar informações. Os pontos pertinentes do artigo são os seguintes:

O Bureau de Informações do 509º. Grupo de Bombardeio da Base Militar de Roswell anunciou ao meio-dia de hoje que a base estava de posse de um disco voador.

Segundo informação divulgada pelo departamento, por ordem do Major J. A. Marcel, oficial de informação, o disco foi recolhido numa fazenda das proximidades de Roswell depois que um fazendeiro não identificado notificou o xerife George Wilcox ter encontrado o aparelho nos seus terrenos.

O Major Mareel e um destacamento do seu Setor dirigiram-se à fazenda e recolheram o disco, segundo declarações.

Depois de examinado no local pelo oficial de informação, o aparelho foi remetido (por via aérea) para "as autoridades competentes".

O oficial de informação declarou não ter sido revelado qualquer detalhe da construção ou aparência do disco.

ROSWELL, NEW MEXICO, TUESDAY, JULY 8, 1947

RAAF Captures Flying Saucer On Ranch in Roswell Region

House Passes Tax Slash by Large Margin

Defeat Amendment By Demos to Remove Many from Rolls

Security Council Paves Way to Talks On Arms Reductions

No Details of Flying Disk Are Revealed

Roswell Hardware Man and Wife Report Disk Seen

Ex-King Carol Weds Mme. Lupescu

Former King Carol of Romania and Mme. Elena Lupescu relax aboard the S. S. America bound for Cuba and Mexico in May 1941. A member of Carol's household in Rio de Janeiro said the ex-king and his companion for 23 years in reign and exile were recently married at their hotel Copacabana Palace suite. (AP Wirephoto)

Miners and Operators Sign Highest Wage Pact in History

American League Wins All-Star Game

Woodburn Compares Farm Progress in Past Twenty Years

Air Force General Says Army Not Doing Experiments

Bulletins

Primeira página do Roswell Daily Record *de terça-feira, 8 de julho de 1947.*

(Roswell Daily Record, *Jack Swickard, editor*)

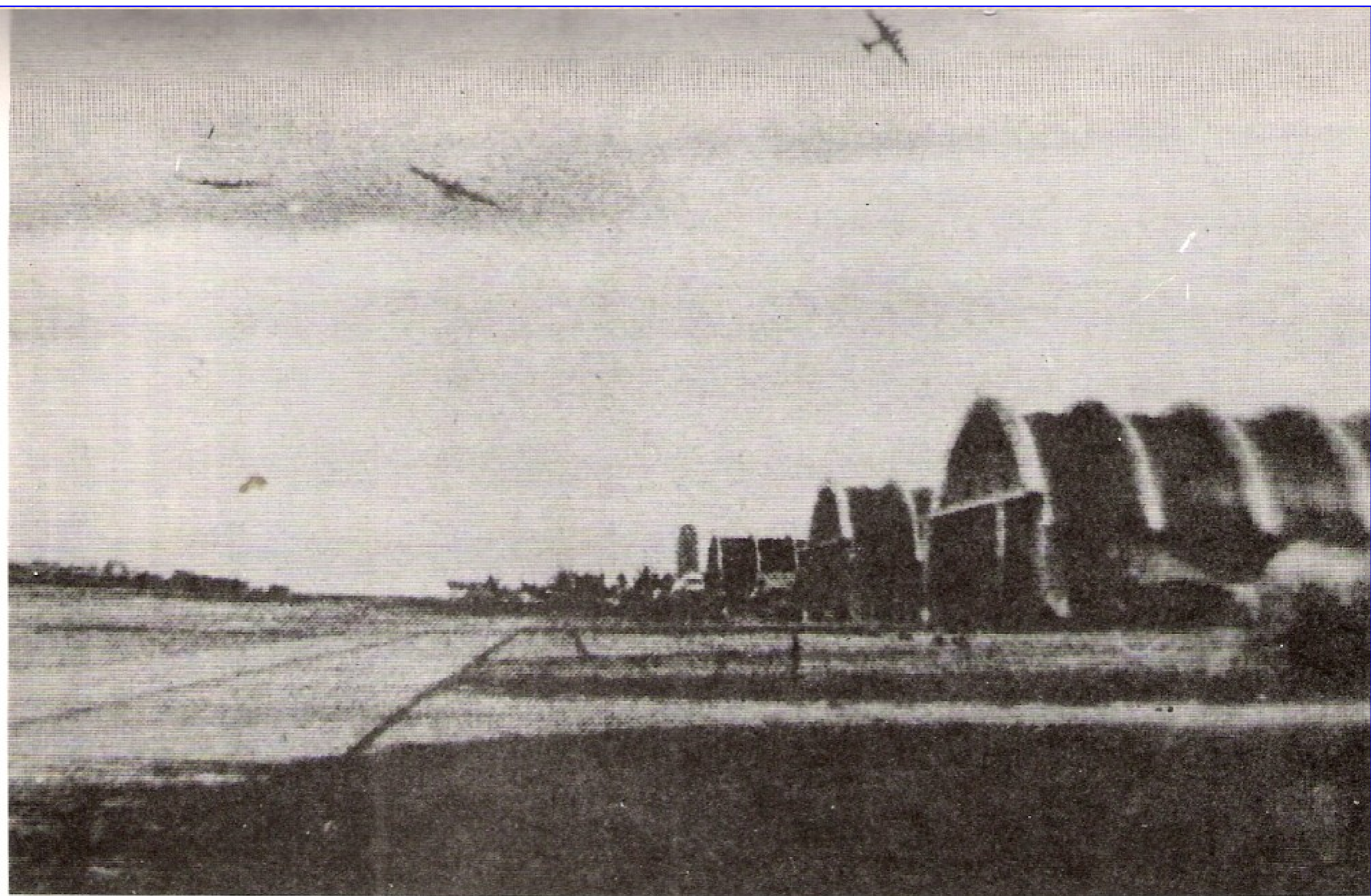
Em outro artigo do mesmo número de 8 de julho, o Daily Record de Roswell informava que um operador e pilotos de um aeroporto particular de Carrizozo (situado cerca de 50 quilômetros a sudoeste do local do acidente de Brazel) alegaram ter visto um objeto similar em vôo. Segundo o artigo:

Mark Sloan, operador do aeroporto de Carrizozo, declarou que um disco voador sobrevoou o campo a 1.200-1.800 metros de altitude.
Sloan declarou que o fenômeno foi observado por ele próprio, por Grady Warren, instrutor de vôo, e Nolan Lovelace, Ray Shafer e outro homem, todos pilotos. E fez a seguinte descrição:

Quando notamos pela primeira vez o objeto, por volta das 10h, achamos que parecia uma pena, porque estava oscilando. Notamos então sua grande velocidade e concluímos tratar-se de um disco voador. Calculamos que se movimentava a 200 ou 600 milhas horárias.
O disco sobrevoou o campo em rota quase direta do sudoeste para o noroeste e se manteve visível por apenas cerca de dez segundos.

Há quem julgue que Sloan se valeu do incidente para conseguir publicidade para o seu aeroporto, mas soube-se mais tarde que inúmeras outras pessoas tinham ouvido ou visto algo de fora do comum no céu de Roswell nas proximidades da hora do pouso do objeto voador ainda não identificado.
Talvez o tempo tivesse algo a ver com os testemunhos do suposto desastre. Cerca de cem quilômetros a noroeste dali, tinha início, sobre a desolada paisagem do Novo México, uma das piores tempestades elétricas a atingirem a região nos últimos tempos. Essas tempestades haviam ocasionalmente abatido aviões na área.

A escassa informação utilizada pelo Tenente Haut para a redação do seu primeiro press release não bastava para fornecer à imprensa detalhes de importância crucial, que inúmeras outras testemunhas, inclusive fazendeiros, soldados, um engenheiro civil, um grupo de estudantes de arqueologia e policiais, haviam observado em dois locais distintamente diversos daquela área e que pareciam ligados ao mesmo acidente. Tais detalhes incluíam um grande disco voador e os despojos de cerca de meia dúzia de criaturas humanóides, com epiderme de coloração pálida, cerca de um metro e vinte de altura, vestindo uma espécie de uniforme tipo macacão, de uma só peça. E não mencionavam uma vasta quantidade de fragmentos extremamente exóticos, quase todos de natureza metálica, oriundos do mesmo objeto e descritos pelo Major Marcel como "não fabricados aqui na Terra". Não foi também mencionada à imprensa informação subseqüente, fornecida por testemunhas, que mencionaram colunas de sinais hieroglíficos, escrita ou marcação, gravados numa substância similar a madeira (mas que não era madeira) e outros signos também desconhecidos nos painéis de controle do disco voador.



A pista da Base Aérea de Roswell em 1947.
(RAAF Yearbook, 1947, cortesia de Walter Haut)

É evidente que o Tenente Haut teve ampla oportunidade para lamentar a pequena dose de informação que divulgou. Quase de imediato foi baixado embargo total sobre o noticiário saído de Roswell, enquanto altas autoridades, inclusive do distante Pentágono, decidiam que providências tomar em seguida.

Várias horas depois, um novo fragmento de informação foi subitamente liberado. Ao que parecia, o objeto não passava de um balão meteorológico. Vários jornais publicaram a notícia, com a notável exceção do Washington Post, que fez menção insistente ao "embargo de informações".

Entretanto, o General-de-brigada Roger M. Ramey, comandante do VIII Distrito da Força Aérea sediado em Fort Worth, foi avisado por um telefonema do General-de-exército Hoyt Vandenburg, chefe adjunto da Força Aérea, que partes do objeto se encontravam na Base Aérea de Roswell (que se chama agora Base Aérea Walker). O General Ramey ligou imediatamente para o Coronel Blanchard, manifestando seu extremo desagrado, assim como o do General Vandenburg, pelo press release de Blanchard. E deu ordens para que os destroços que se encontravam em Roswell fossem imediatamente colocados a bordo de um B-29. Com dois generais "a persegui-lo", o Coronel Blanchard ordenou imediatamente ao Major Marcel que acompanhasse pessoalmente o material até a Base Aérea de Carswell, Fort Worth, Texas, onde seria examinado pelo general antes de remetido ao Campo de Wright-Patterson, em Dayton, Ohio, para "novas análises" determinadas pelo próprio General Vandenburg.



General-de-Brigada Roger Maxwell Ramey, comandante da 8.ª Força Aérea, na Base de Roswell, em 1947. Há registros de que Ramey fez o que foi denominado simples "visita oficial" à Base de Roswell, na noite de 16/17 de julho de 1947, uma semana depois que a história do disco voador foi divulgada pelas agências noticiosas.
RAAF Yearbook, 1947, cortesia de Walter Haut)

Ramey transmitiu então pela estação de rádio de Fort Worth um comunicado apressadamente redigido, assegurando, nervoso, ao público que o "di-di-disco voador" espatifado não passava dos despojos de um balão meteorológico e que a história toda era um erro de identificação. "O Exército desconhece tal objeto" (disco voador), falou, muito sério, acrescentando apressadamente uma restrição - "pelo menos a este nível".

Após a transmissão, em resposta às perguntas de um grupo de repórteres de Fort Worth, que continuavam céticos e indagavam onde se achavam naquele momento os despojos do suposto "instrumento meteorológico", Ramey replicou irritado: "No meu gabinete, e é lá que ficarão, provavelmente!" Repetiu então aos repórteres o que acabava de dizer pelo ar: "O vôo especial para o Campo de Wright foi cancelado, senhores. Todo este caso foi muito desagradável, mas em vista da agitação provocada ultimamente pelos supostos discos voadores, não surpreende. Agora vamos todos para casa, dando o incidente por encerrado."

Embora alguns representantes da imprensa suspeitassem de que Ramey estivesse mentindo, não dispunham de provas, é claro. Contudo, um interessante comentário do incidente foi feito no dia 9 de setembro de 1979, numa entrevista com um antigo assistente do General Ramey, o Coronel Thomas Jefferson DuBose, agora general-de-brigada aposentado. Falando da confortável perspectiva de 32 anos subseqüentes à ocorrência, observou que havia recebido "ordens superiores para remeter o material para o Campo de Wright, em vôo especial". Acrescentou que o general (Ramey) assumiu completa responsabilidade, e que o restante dos oficiais e subordinados envolvidos no caso "limitaram-se a obedecer ordens". O general estava ansioso, sobretudo, para que o grande número de repórteres presentes "fossem afastados depressa". A história do

balão meteorológico era uma ficção destinada a conseguir aquele objetivo e ao mesmo tempo "acalmar o tumulto". Ele não recorda quem foi o primeiro a sugerir a explicação do balão, mas acredita que tenha sido o próprio Ramey.





Base Aérea de Fort Worth, 8 de julho de 1947. Menos de vinte e quatro horas após a Força Aérea ter anunciado que recolhera os destroços de um OVNI numa fazenda do Novo México, permitiu a divulgação da foto à esquerda para apoiar a alegação de que os fragmentos pertenciam a um balão meteorológico. O major Jesse Marcel, ajoelhado na foto em meio ao que descreveu como as partes menos espetaculares dos destroços, declarou: "O material tinha semelhança com folha de estanho e pau-de-balsa, mas a isso se reduzia a similaridade". A princípio os jornalistas só tiveram permissão para fotografar o material a certa distância. Mais tarde, quando os fragmentos de um balão meteorológico substituíram os verdadeiros destroços por ordem do general Ramey, os fotógrafos da imprensa obtiveram permissão para fotografar e examinar à vontade. A foto à direita, que foi amplamente divulgada através da imprensa no dia seguinte, mostra o general Ramey e seu assistente, o coronel DuBose, junto aos "destroços" substitutos, no momento em que os verdadeiros seguiam para o Campo de Wright, a fim de serem submetidos a testes científicos.

(Associated Press)

O Coronel (agora general) DuBose é o homem fotografado pelos repórteres ao lado de Ramey, no gabinete deste último, onde os destroços foram rapidamente substituídos pelos de um verdadeiro balão meteorológico Rawin. Não mais que nove meses após, em maio de 1948, DuBose viria a ser nomeado chefe do estado-maior da VIII Força Aérea, sediada em Fort Worth.

Um impressionante exemplo de como o Comando pode articular uma nova política a partir das notícias originais, embora isso acarrete uma certa alteração no que já foi divulgado, é proporcionado pelo caso do subtenente Irving Newton. A época do incidente em Roswell, Newton chefiava o Setor de Meteorologia e Controle de Vôo da Base Aérea de Carswell, Fort Worth, Texas.

Segundo recorda Newton, ele não viu nem ouviu o que quer que fosse a respeito do Incidente Roswell no dia 7 de julho. Mas na noite de 8 de julho, quando trabalhava no Setor de Meteorologia, o telefone tocou. Era o General Ramey, ordenando-lhe que comparecesse imediatamente ao seu gabinete. Newton, apesar de certa urgência no tom do general, reuniu coragem para informá-lo de que era a única pessoa de serviço no Setor de Meteorologia e que estava também encarregado das operações de controle de vôo daquela noite. A esse ligeiro protesto o general replicou com uma ordem expressa: "Esteja aqui dentro de dez minutos. Se não tiver carro, requisite o primeiro que aparecer, por ordem minha."

Ao chegar ao destino, Newton soube pelo coronel que o major encontrara um objeto em Roswell e que Ramey decidira dizer que se tratava de um balão meteorológico. Queria que ele (Newton) o identificasse como tal. Após essa apressada preleção, o subtenente foi introduzido numa sala cheia de repórteres e fotógrafos, onde lhe entregaram vários fragmentos do que ele reconheceu imediatamente como material pertencente a um balão do tipo Rawin, embora um

tanto "deteriorado". Havia diversas outras peças no chão, sobre um papel pardo. Enquanto realizava o exame, uma série de fotografias foram tomadas do general e de seu auxiliar.
Newton declarou (entrevista Moore, julho de 1979): "Era caso encerrado. Eu soltara milhares deles e não tinha dúvidas de que o que me entregaram eram fragmentos de um balão. Disseram-me mais tarde que o major de Roswell identificara o material como um disco voador, mas que o general desconfiara desde o início da identificação e por esse motivo eu fora chamado."

Pergunta: Mas as pessoas que se encontravam em Roswell não seriam capazes de identificar por si mesmas o balão?

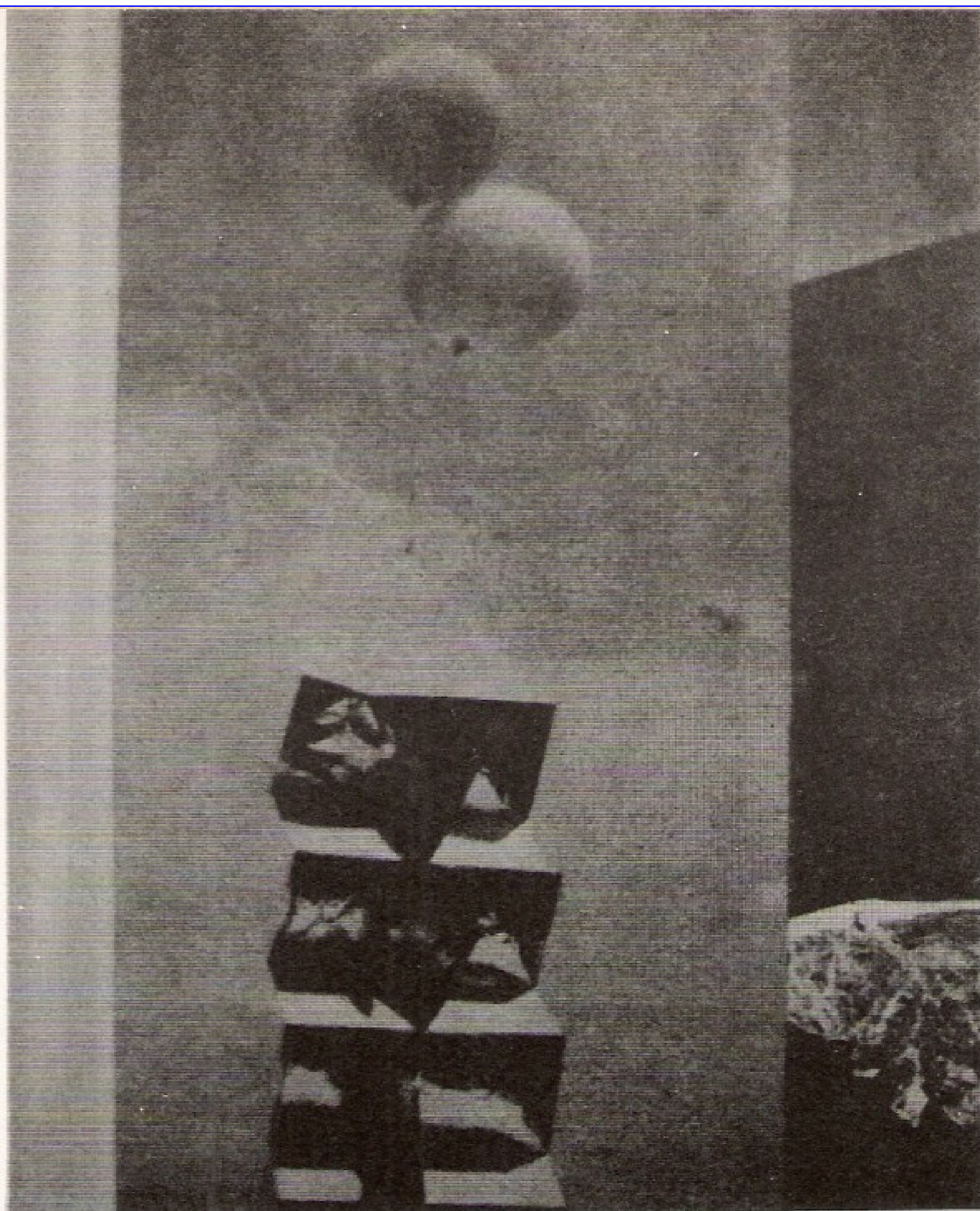
Resposta: Certamente. Era uma sonda Rawin comum. Devem ter visto centenas delas.

P. - Que aconteceu depois que identificou o objeto?

R. - Assim que identifiquei o objeto como um balão, fui dispensado.

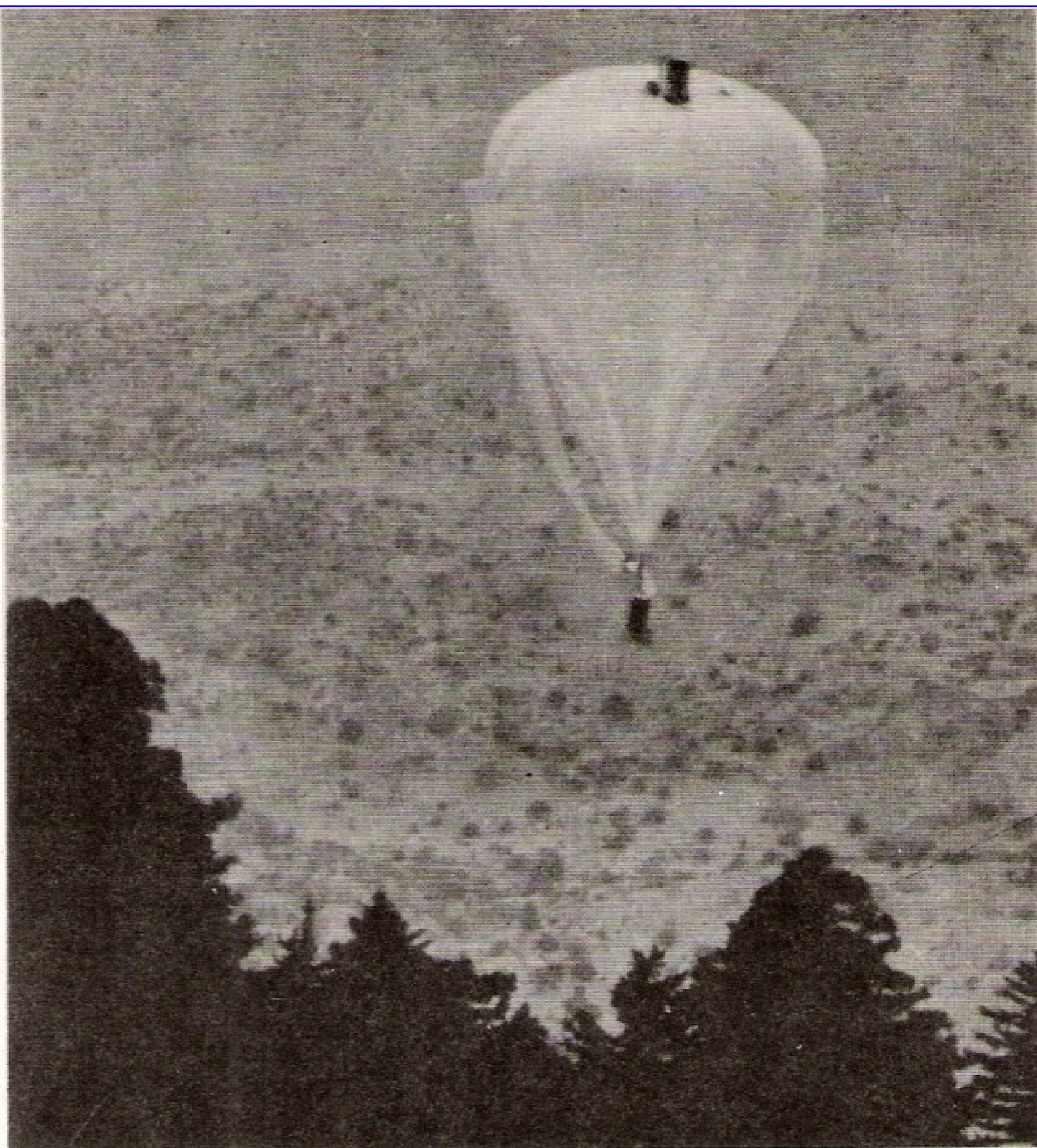
P. - É capaz de descrever o tecido? Rasgava com facilidade?

R. - Certamente. Era preciso manejá-lo com cuidado para que não se rompesse. O metal parecia um envoltório Alcoa extremamente fino. Era muito tênue.



O instrumento meteorológico "alvo Rawin", 1947, consistindo de um alvo de radar extremamente leve, de folha metálica muito tênue, ligado por ganchos a uma fina estrutura de pau-de-balsa e erguido por vários balões de polietileno cheios de hélio. O peso total era inferior a um quilo. O comunicado da Força Aérea, no sentido de que os fragmentos encontrados na fazenda Foster provinham dos destroços de um desses instrumentos, foi tão apressadamente improvisado que o identificaram como "sonda Rawin", aparelho inteiramente diverso.

(Serviço Meteorológico dos E.U.A.)



A "sonda Rawin", aparelho meteorológico, sobrevoando o Novo México. Esses aparelhos consistem em geral de uma caixa de instrumentos de 18 x 10 polegadas, pesando duas libras e suspensa de um balão plástico de polietileno. São usados para detectar as condições atmosféricas em elevada altitude. A caixa de instrumentos ligada a esses balões leva uma placa de "Aviso a Quem Encontrar" e é de fácil identificação quando recolhida no solo. A confusão inicial da Força Aérea entre a "sonda Rawin" acima e o "alvo Rawin" da página anterior parece indicar uma história apressadamente inventada para os jornalistas.

(Instituto Novo México de Mineração e Tecnologia, Socorro, N.M.)

Observamos neste ponto que o Major Marcel, assim como outras pessoas, insistiram na grande resistência dos fragmentos do material metálico encontrado, dizendo que não podia ser rasgado, ou sequer marcado por golpes de marreta. Parece evidente que os destroços, apesar da segunda versão oficial, não provinham de um balão Rawin.

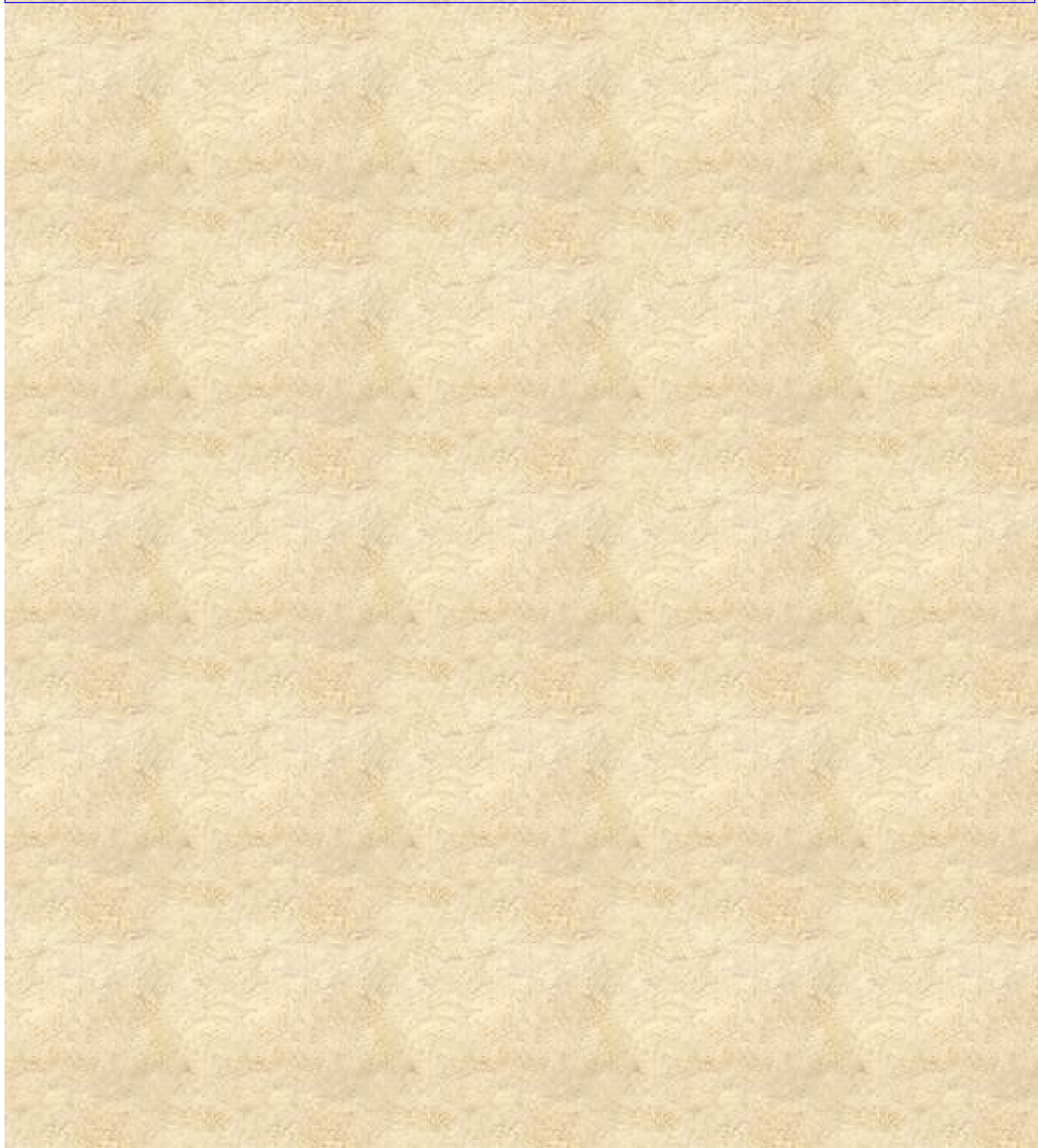
Outro erro evidente por parte do gabinete de Ramey encontra-se nas primeiras notícias identificando os destroços de Roswell como proveniente de um balão. E importante observar aqui que em 1947 havia em uso dois tipos distintos de Rawin - o Rawin alvo (ML-306) e o Rawin sonda (AN/AMT-4). Conforme saberia Newton, ou qualquer outro oficial competente do setor de meteorologia à época, apenas um deles, o Rawin alvo, incluía folha metálica em sua composição. A sonda Rawin consistia apenas em um balão de neoprene de 100-200 g, ligado a um pequeno transmissor de rádio. No entanto, o comunicado proveniente do gabinete de Ramey, e que foi evidentemente escrito antes de Newton examinar o objeto (observe-se que na foto de Ramey ele segura uma cópia daquele mesmo documento), parece ignorar este importante fato e identifica os destroços como "fragmentos de uma sonda Rawin". O erro foi corrigido em comunicados subseqüentes, mas parece ter escapado à atenção da imprensa.

A história do balão pode até ter sido inspirada por um acontecimento ocorrido apenas três dias antes numa fazenda de Circleville, Pickway County, Ohio. A 5 de julho de 1947, os destroços de um verdadeiro Rawin alvo, de papel e lâmina metálica, foram encontrados no solo por Sherman Campbell, fazendeiro local, tendo sido imediatamente identificado como um balão pelos militares, sem que fosse preciso remetê-lo a exame às "autoridades competentes". Um segundo aparelho, descoberto a 8 de julho por David C. Heffner, foi também

rapidamente identificado. Em nenhum dos casos houve algo de estranho ou inexplicável em relação aos destroços.
Considerável volume de informação referente à construção e finalidade dos balões meteorológicos e outros de propósito científico usados em finais da década de 40, foi obtido em uma série de entrevistas com C. B. Moore, meteorologista e físico atualmente no Instituto de Mineração e Tecnologia de Socorro, Novo México. No verão de 1947, Moore (que não tem qualquer parentesco com o autor) estava diretamente empenhado em um projeto de pesquisa com balões de elevada altitude, patrocinado pela Universidade de Nova York e com base no Campo Norte de White Sands, próximo a Alamogordo, Novo México, projeto que, conforme declarou, julgava ser responsável "em parte, ao menos, pelas notícias referentes a discos voadores provenientes daquela área". Mais tarde, naquele inverno, participou do lançamento do primeiro Skyhook da Marinha, o balão de pesquisa de altas camadas atmosféricas, lançado em Camp Rippley, próximo a Minneapolis, Minnesota, sob o patrocínio do General Mills. Moore declarou:

Os Skyhooks eram resultado do Projeto Hélios, da Marinha, iniciado em 1946, e a princípio destinado a lançar cientistas a elevadas altitudes para realizarem mensuramentos científicos.
Decidiu-se mais tarde utilizar instrumentos, e surgiu então o Projeto Skyhook, que teve a princípio a classificação de 'Confidencial' para que se pudesse controlar a informação pública. O primeiro balão foi construído de cloreto de vinil e inflado em New Brighton, Minnesota, durante o verão de 1947, mas só houve verdadeiros lançamentos seis meses após. A composição do cloreto de vinil foi mudada pouco depois para polietileno, talvez no início de janeiro de 1948, e utilizada até o final do projeto. Esses balões podiam levantar uma carga de trinta e cinco quilos... Poucos foram lançados no Novo México e

nenhum, com certeza, em 1947.



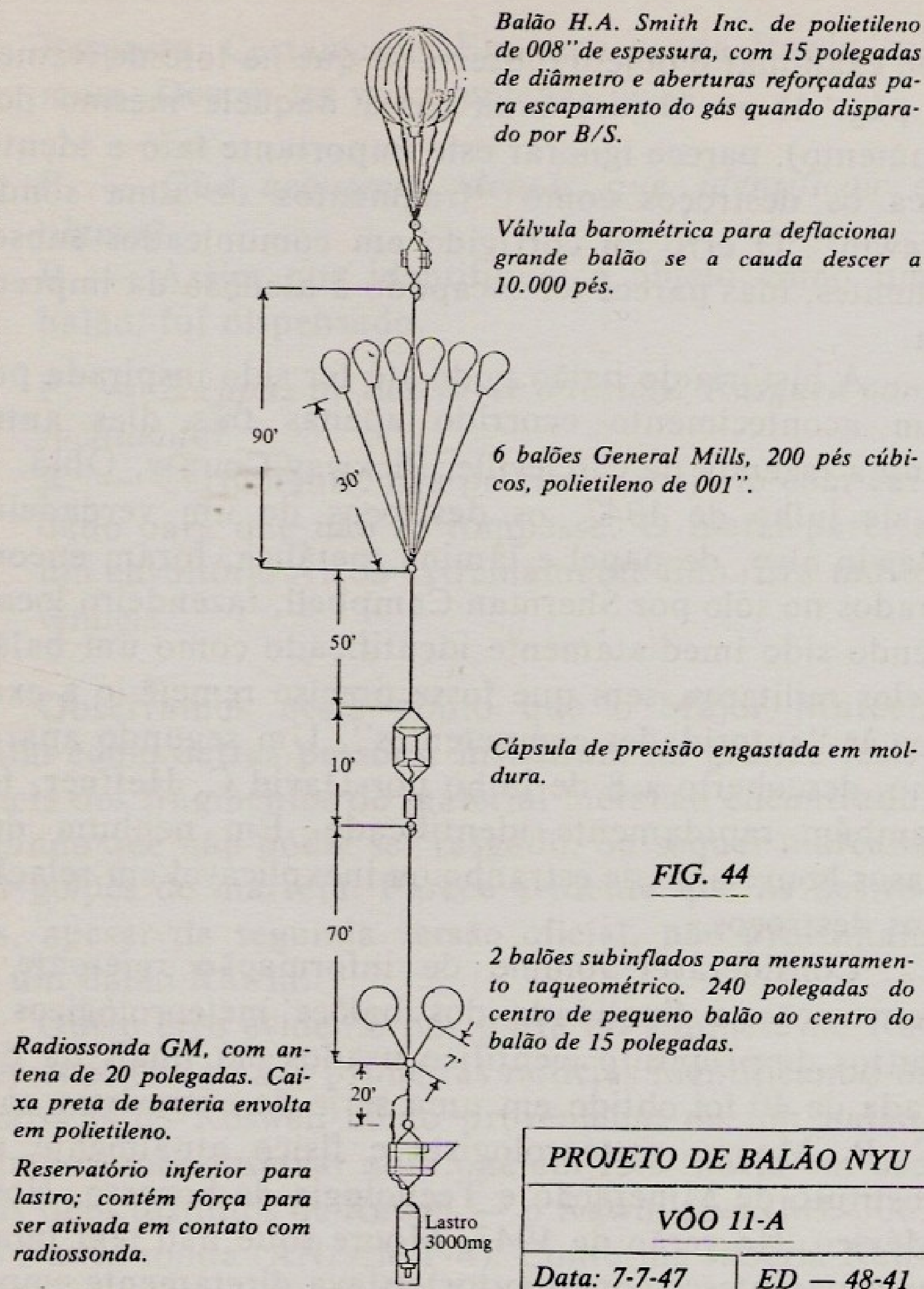


Diagrama do tipo de balões para sondagem atmosférica lançados na Base Aérea de Alamogordo, Novo México, à época da queda do disco voador, julho de 1947. Este diagrama refere-se ao vôo 11-A, lançado a 7 de julho de 1947. Embora esses balões sejam com freqüência confundidos com OVNIs quando no ar, é difícil aceitar uma confusão em terra.

(C.B. Moore)

Quando lhe perguntaram se o aparelho de Roswell seria um balão meteorológico ou científico, Moore respondeu: "Baseado na descrição que acaba de fazer, posso dizer que não, definitivamente. Não havia no ano de 1947, e nem mesmo hoje, aliás, balão que espalhasse destroços em área tão vasta, ou que revolvesse o solo, fosse como fosse. Não tenho a mais leve idéia do que era o objeto, mas creio que um balão não se ajustaria à descrição."

A descrição do balão-alvo Rawin feita por C.B. Moore, que manuseara e vira muitos exemplares, é também importante no sentido de reforçar a convicção de que qualquer pessoa que encontrasse "material de folha tênue e pau-de-balsa" teria grande dificuldade em confundi-los com algo fora do comum.

Somos obrigados a admirar a tática do Q.G. em questão como um meio de desativar o interesse, ou mesmo pânico, que causaria no público tal incidente.

Se, por exemplo, apresentassem uma negativa total, isto serviria apenas, provavelmente, para reavivar a curiosidade, mas uma admissão de erro humano num caso de identificação, mesmo por parte da Força Aérea, levava a uma certa compreensão simpática e, o que é mais importante, desinflava o mistério do incidente, tão certo como expelir o hélio deflacionaria um verdadeiro balão meteorológico.

A 9 de julho, uma série de negativas surgiu na imprensa:

Morning News, de Dallas: O "DISCO" NÃO PASSAVA DE BALÃO METEOROLÓGICO.

The Daily Times Herald (Dallas): FORÇAS ARMADAS TENTAM ABAFAR COMENTÁRIOS ACERCA DO "DISCO". O artigo incluía a

observação: "As pessoas que julgavam já estar de posse dos US$ 3.000 oferecidos por um verdadeiro disco voador encontram-se de mãos vazias.”

O Daily Record de Roswell publicou uma manchete de oito colunas: GENERAL RAMEY ESVAZIA DISCO ROSWELL, com um subtítulo que introduzia o tema do artigo principal: General Ramey afirma que disco é balão meteorológico.

No mesmo número foi publicada a história de um fazendeiro, William Brazel, que alertara o gabinete do xerife de Roswell a respeito de estranhos fragmentos caídos do céu em conseqüência de explosão aérea. A matéria tinha por título: FAZENDEIRO QUE LOCALIZOU "DISCO" LAMENTA TER FALADO NO ASSUNTO. Brazel, que durante toda a entrevista fizera evidentes esforços para dizer aos jornalistas exatamente o que a Força Aérea lhe mandara falar com respeito à descoberta e aparência dos destroços, mostrou certa independência no final da entrevista, arriscando a opinião de que, não obstante o que acabava de dizer, não se tratava de balão meteorológico. Ele conhecia balões graças a experiências passadas, observou, "e tenho certeza de que o que encontrei não era nenhum balão de ensaio... Mas se descobrir qualquer outra coisa, exceto uma bomba, vão ter muita dificuldade em conseguir que eu fale no assunto.”

Embora o jornal de Roswell tenha publicado fielmente na primeira página a história do balão contada pelo General Ramey (conforme já mencionado), o editorial deixava claro que também ele não acreditava no caso. Percebendo aparentemente que o que Brazel dissera na entrevista fora cuidadosamente elaborado pela Força Aérea e deduzindo que os oficiais da FAA reconheceriam um balão meteorológico se o vissem, o Record observava, cauteloso, no

editorial:

O QUE SERÁ, AFINAL?

Com o telefone tocando e vozes excitadas gritando aos ouvidos do pessoal da imprensa perguntas impossíveis de serem respondidas, descobriu se, pouco depois da hora da publicação do Record de ontem à tarde, que se concretizara a curiosidade acerca das notícias vindas de 44 Estados da União com respeito ao aparecimento de discos prateados.

Mal o Record chegou às ruas teve início uma avalanche de telefonemas. Eram leitores querendo checar o que acabavam de ler, duvidando dos próprios olhos.

Mas a história se manteve, assim como se mantêm todas as coisas surpreendentes nestes tempos de feitos maravilhosos e estranhas realizações.

O que constitui de fato o disco é outra história. Ao que tudo indica, o Exército não quer revelar ainda o seu segredo. Talvez seja um caso feliz, talvez não. Ninguém sabe ao certo, no momento.

A história pode ser falsa, conforme julga a maioria desde o início. Mas ALGO foi encontrado.

Comentando a transmissão radiofônica do General Ramey feita para deflacionar ainda mais a agitação causada pela primeira notícia, o Chronicle de São Francisco acrescentou, em comentário malicioso: "Os misteriosos discos voadores foram vistos em todo o país (exceto no Kansas, que é seco) e, segundo se alega, voando a... 1.200 milhas horárias.”

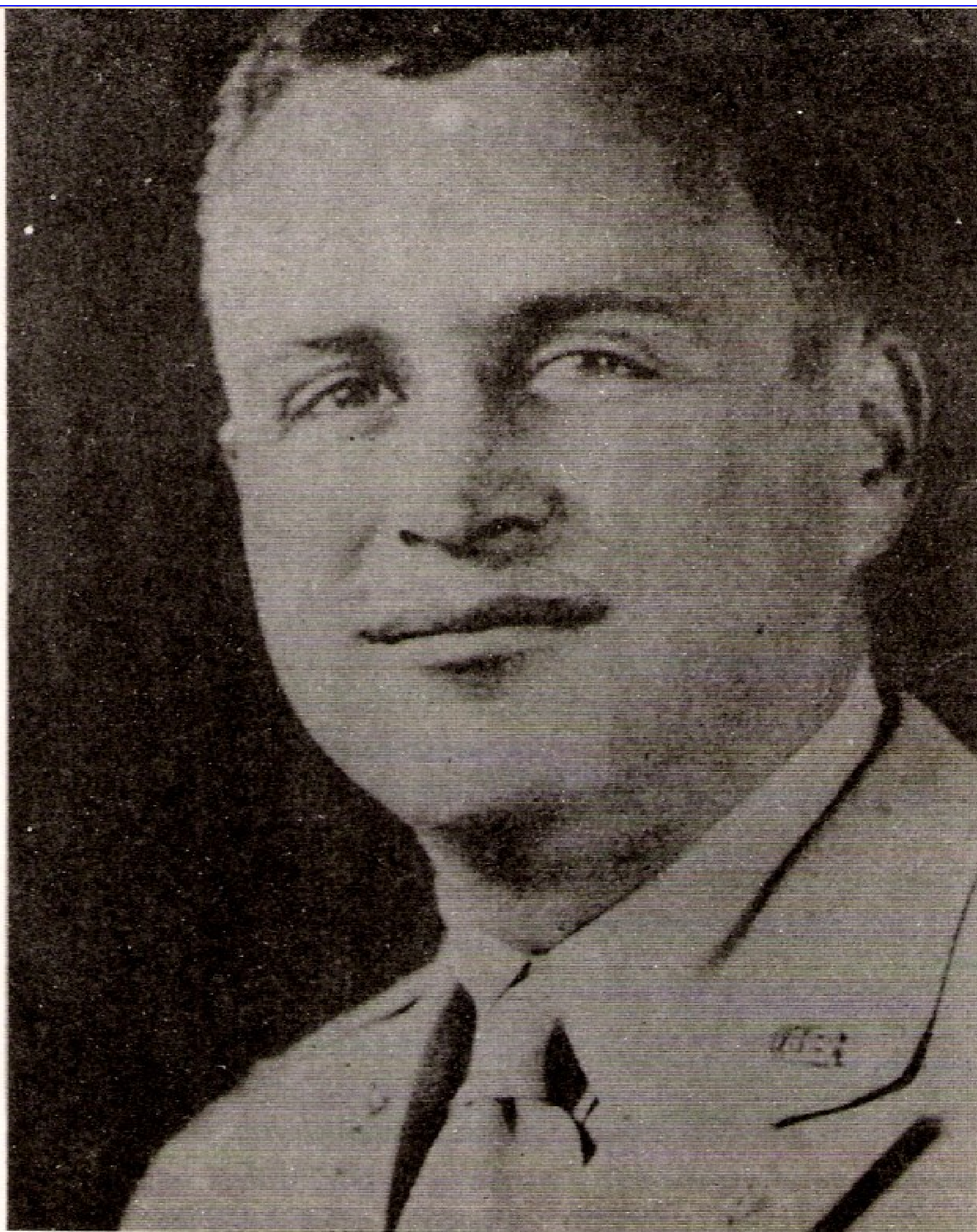
Este último exemplo, uma técnica de encarar as notícias de OVNI’s como se tivessem sido apresentadas por pessoas embriagadas ou visionários excêntricos, foi empregado com freqüência pela imprensa

a partir de 1947.
Entretanto, como os repórteres persistissem em entrar em contato com o Coronel Blanchard, o coronel súbita e convenientemente entrou de licença no dia 8 de julho de 1947, justamente quando o Major Marcel voava com os destroços para Carswell. O comando da base foi temporariamente assumido pelo comandante adjunto, o Tenente-coronel Payne Jennings. Como os repórteres insistissem nas tentativas de entrar em contato com o Coronel Blanchard, foram informados de que "Ele está de licença e, portanto, impossibilitado de fazer comentários".
Embora não haja dúvidas de que o Coronel Blanchard obedeceria sem discutir às ordens de Ramey quanto à maneira de enfrentar o caso do suposto disco voador, ele possuía qualificações bastantes para saber se estava ou não diante dos fragmentos de um balão meteorológico. Blanchard, que mais tarde alcançaria o posto de general de três estrelas, já era, em 1947, herói de guerra muito condecorado, com uma ficha ilustre como comandante de um grupo de bombardeio no Pacífico e mais tarde como oficial de operações da 20ª. Força Aérea. Embora pouca gente soubesse à época, Blanchard esteve prestes a ser escolhido para um dos pilotos que lançariam as primeiras bombas atômicas no Japão, em 1945. Foi derrotado na competição apenas pelos dois que vieram a realizar a façanha.
Embora o General Blanchard já seja falecido, sua viúva confirmou recentemente (entrevista com Stanton Friedman) que o marido sabia que os destroços enviados para Carswell não pertenciam a um balão. "Ele sabia que não era nenhum artefato terreno", disse, acrescentando: "A princípio julgou que fosse russo, por causa dos estranhos símbolos nele gravados. Mais tarde compreendeu que também não se tratava de russo."



Tenente-coronel Payne Jennings, que assumiu o comando da Base Aérea de Roswell a 8 de julho de 1947, depois que o coronel W.H. Blanchard muito convenientemente "entrou em licença". Jennings desapareceu mais tarde quando seu avião misteriosamente eclipsou-se no Triângulo das Bermudas, a caminho da Inglaterra.

(RAAF Yearbook, 1947, cortesia de Walter Haut)



Coronel (futuro general de divisão) William H. Blanchard, comandante da Base Aérea de Roswell em 1947. Um dos últimos atos de Blanchard antes de "entrar em licença" foi autorizar a divulgação de uma nota segundo a qual elementos da Força Aérea de Roswell haviam recolhido os destroços de um disco voador.

(Força Aérea dos Estados Unidos)



Segundo um documento da Base Aérea de Fort Worth, originalmente classificado como "Secreto", um certo "coronel Irvine, assistente do Chefe de Estado Maior do Comando Aéreo Estratégico (SAC)" visitou o general Ramey a 10 de julho de 1947, em missão não especificada. É quase certo que a visita tinha conexão com o disco despedaçado. O coronel Irvine (à esquerda) é visto na foto conferenciando com o coronel Blanchard em Roswell, no mesmo ano, em data anterior ao incidente.

(RAAF Yearbook, 1947, cortesia de Walter Haut)

Simultaneamente, o chefe da Divisão A-2 de Ramey (Informação), o Coronel Alfred E. Kalberer, principiou a comparecer a reuniões públicas de várias organizações cívicas das imediações de Fort Worth, com uma história destinada a "combater a crescente histeria relativa aos discos voadores".

A 10 de julho, segundo os registros da Base Aérea de Fort Worth (que receberam a princípio a classificação de "Secretos"), "o Coronel Irvine, assistente do Chefe de Estado-Maior do QG do Comando Aéreo Estratégico (SAC)", visitou o General Ramey em missão não especificada, que incluiu, é quase certo, um debate sobre o disco acidentado.

O Tenente Louis Bohanon, comandante da terceira unidade de laboratório fotográfico de Roswell, cujas atribuições incluíam fotografar desastres aéreos, ou danos sofridos por aviões, saiu da base menos de duas semanas após o incidente. Seu grupo seria chamado para fotografar qualquer acidente fora do comum, ou não-identificado, ocorrido na região, mas não há registro de tais fotos. O Tenente Bohanon foi afastado do comando por ordem especial da base no. 139, datada de 18 de julho, e transferido para a base de Hamilton, Califórnia.

O Tenente-coronel Jennings, que assumiu temporariamente o comando da base após a saída do Coronel Blanchard, sofreria destino ainda mais estranho. Pouco depois do Incidente Roswell, quando viajava para a Inglaterra em missão especial, desapareceu com o seu avião ao atravessar o Triângulo das Bermudas, sem enviar qualquer mensagem. Nenhum vestígio do avião ou de sobreviventes foi jamais encontrado. O Major Marcel estava escalado para seguir no mesmo vôo, mas felizmente foi substituído por intervenção pessoal do Coronel Blanchard.

As primeiras notícias referentes ao pouso de "disco voador" já

haviam sido amplamente divulgadas por outras estações de rádio além da KSWS de Roswell, com base, sem dúvida, no primeiro press release, e apesar do subseqüente embargo do noticiário. O Major Hughie Green, da RAF, que viajava por terra da Califórnia para a Filadélfia e atravessava o Novo México em julho de 1947, lembra-se claramente do que ouviu no rádio do carro:

Enquanto atravessava o Novo México de oeste para leste ouvi freqüentes notícias nas estações locais a respeito da queda de um disco voador, à medida que eu entrava no alcance de cada uma. Interessei-me em especial pelo noticiário por ser oficial da RAF e me lembrar das histórias do tempo de guerra a respeito dos foo fighters, os discos voadores daquela época. As estações de rádio que eu ouvia estavam tão agitadas que interrompiam repetidamente sua programação normal para dar as últimas notícias. Tenho certeza de que uma delas dizia que o xerife e seus homens estavam seguindo para o local do acidente e se achavam à vista dos destroços.
Ouvi outras notícias ao atravessar a fronteira do Estado e vi também a matéria na imprensa, segundo me lembro. Mas quando cheguei à Filadélfia já não encontrei nada, nem nos jornais nem no rádio. Interroguei repórteres amigos a respeito. Responderam que sabiam do caso, mas que tinham ouvido dizer que fora abafado.



Tenente (futuro major) Hughie Green, RCAF, 1944. Green, piloto e figura muito conhecida nos meios radiofônicos da Inglaterra e do Canadá, atravessava o Novo México na ocasião em que se deu o incidente com o OVNI. Lembra-se de ter ouvido as primeiras notícias da descoberta em diversas estações locais, espantando-se com a rapidez com que a história saiu do ar logo após os comunicados iniciais.

(Hughie Green)

Como seria impossível abafar por completo o incidente, uma lenda viva, se é que se trata de lenda, persistiu até hoje e era de se esperar que alguém publicasse um livro a respeito, tão próximo quanto possível da ocorrência. Esse livro foi escrito por Frank Scully - Por Trás dos Discos Voadores (Holt, 1950) -, escritor e colunista que baseou seus informes na notícia original da queda de um disco voador no Novo México, próximo a Aztec, e da suposta captura da nave e dos corpos da estranha tripulação por militares americanos. Ao que parece, talvez por causa da pressa em terminar o livro enquanto o assunto era notícia, Scully enviou o original para o prelo sem verificação suficiente. Conforme era de se esperar, o livro, embora um grande êxito de vendagem, era altamente inexato e foi "bombardeado" pela Força Aérea por discrepâncias na pesquisa e informação incorreta, inclusive omissão de nomes, erros referentes à área do incidente e carência geral de informantes - algo mais fácil de se resolver presentemente, após a assinatura da Lei de Liberdade de Informação, com sua política de classificação mais liberal. Aparentemente, na pressa de mandar o livro para o prelo, Scully situou a área do acidente nas proximidades de Aztec, no extremo noroeste do Estado, a centenas de quilômetros de Roswell, e esse erro é ainda encontrado em livros sobre os OVNI's publicados no mundo inteiro.

Ainda assim, a Sra. Frank Scully, viúva do escritor, entrevistada por Bill Moore em Palm Springs em junho e dezembro de 1979, insistiu em que a história básica escrita pelo marido era correta e que por causa disso fora denegrida, em especial por J. P. Cahn, "jornalista muito inescrupuloso de São Francisco", que talvez tenha sido bem pago para "decapitar" Scully. É exato que o artigo de Cahn sobre Scully e seu livro está cheio de exageros e inexatidões. Infelizmente outros jornalistas basearam-se no relato de Cahn em lugar de se

darem ao trabalho de checar a sua veracidade. Seja como for, este foi o artigo realmente mais prejudicial.
A condenação da história de Scully pelo jornalista, publicada quase dois anos após o lançamento do próprio livro, baseia-se, sobretudo, no fato de que pelo menos dois dos informantes do autor eram homens inescrupulosos, mergulhados até as orelhas em fraudes de terras. Isto e mais os problemas criados pela gritante citação errônea de várias passagens do livro feita por Roland Gelatt, em uma crítica publicada na Saturday Review à época em que a obra foi lançada, e uma condenação generalizada dos métodos de pesquisa de Scully por quase todos os críticos parecem ter sido suficientes para convencer outros escritores e jornalistas de que a história era uma gigantesca fraude e que Scully fora a sua infeliz vítima. É interessante observar, porém, que virtualmente todos os detratores do livro limitaram-se a se basear nas citações errôneas de Cahn e na hipótese um tanto questionável de que fraude com terras era prova automática de fraude com discos voadores.
Embora condenassem prontamente Scully por pesquisa deficiente e inepta, nenhum, exceto Cahn, pareceu disposto a fazer a menor pesquisa pessoal referente ao caso; e a de Cahn limitou-se a investigar o background de dois dos informantes de Scully. De qualquer modo, o mal estava feito e a reputação do escritor sofreu por causa disto.
Há indícios, porém, de que o livro de Scully foi levado mais a sério em outros círculos, em especial os militares. Segundo a Sra. Scully, um estranho comentário referente a ela e ao marido foi feito no final de 1953 pelo Capitão Edward Ruppelt, que à data acabava de se afastar da chefia do Projeto Livro Azul, a terceira tentativa pública da Força Aérea para enfrentar a avalanche de aparições de discos voadores que continuavam a varrer o país após a série inicial de 1947. "Confidencialmente", disse Ruppelt, "de todos os livros

publicados a respeito dos discos voadores, o seu foi o que nos deu mais dores de cabeça *por estar mais próximo da verdade*" (grifo do autor).

A Sra. Scully declarou que o marido recebera virtualmente todos os informes de um cientista anônimo do governo, com quem travara amizade. Disse ainda que não tivera contato com ele há muitos anos, ignorando sequer se ainda vivia, mas recusou-se a revelar, mesmo sob promessa do mais estrito sigilo, o nome do cientista. Declarou, porém, que essa pessoa revelara-lhe e ao marido, há cerca de trinta anos, que um ou vários corpos estranhos encontrados no local do acidente haviam sido enviados para estudo no Instituto Rosenwald de Chicago.

Pode-se dizer, em suma, que o livro de Scully proporcionou à Força Aérea excelente oportunidade para confirmar toda a lenda como espúria ou, no melhor dos casos, um lance de imaginação. Talvez tenha servido também para deter na fonte a publicação de outros livros, já que *Por Trás dos Discos Voadores* carecia aparentemente de um firme fundamento em pesquisa ou fato. Talvez ocorra a algum observador que as autoridades envolvidas no ocultamento tivessem até incentivado a publicação do livro como um instrumento para desacreditar as primeiras notícias. Chama-se a isso, em operações de guerra psicológica, propaganda "cinzenta": embora aparentemente favoreça o adversário, seu efeito final é desacreditá-Io ou confundi-Io.



O escritor Frank Scully em 1950. Foi o bem intencionado, porém mal pesquisado best seller Por Detrás dos Discos Voadores, *1950, que chamou a atenção do público americano para a possibilidade de um disco voador ter caído na terra e de os destroços terem sido recolhidos pelo governo. Sua reputação sofreria mais tarde em conseqüência do que escreveu.*

(Denver Post *Newsphoto*)

Mais ou menos na mesma época, Fletcher Pratt, escritor e historiador militar de renome, iniciou nova onda de boatos na imprensa declarando que no início de 1950 obtivera "de fontes sigilosas" a informação de que um disco voador se espatifara na terra e corpos com vaga aparência humana, de cerca de noventa centímetros de altura, haviam sido encontrados nos destroços.

Esta nova referência a um incidente similar ao de Roswell foi, naturalmente, negada com a habitual veemência pelos círculos oficiais. Contudo, é bom não esquecer que Fletcher Pratt era um historiador militar de renome, com o cuidado de todo historiador pelo máximo de correção nos informes, e que hesitaria, portanto, em aceitar de fonte inafiançável uma notícia em torno de um caso surpreendente. Pratt conhecia também (que saiba o autor) as exigências da segurança militar e, embora a princípio convicto da correção de sua fonte, poderia mais tarde ter sido persuadido a abandonar o assunto no interesse dessa mesma segurança.

De qualquer modo, a agitação gerada pela suposta captura de um OVNI parece ter resultado em contínua vigilância desses objetos pela Força Aérea, com relatórios que se contam aos milhares, e culminado finalmente no chamado Relatório Condon de 1969 (projeto da Força Aérea encomendado à Universidade do Colorado). O Relatório determinou, segundo os comunicados à imprensa, que apenas 10% de todos os aparecimentos de OVNI investigados pareciam resistir a qualquer explicação lógica. (Um exame mais rigoroso do próprio relatório, porém, sugere que o verdadeiro número de aparecimentos carentes de explicação razoável fica mais próximo dos 30%.) Seja como for decidiu-se (usando o Relatório Condon como desculpa) que o esforço e as despesas de investigação da Força Aérea não justificavam, aparentemente, o prosseguimento do projeto (no caso, o Projeto Livro Azul) destinado a pesquisar publi-

camente os OVNI's. Resultado em parte das recomendações do Condon (que de fato parece ter sido um tanto manipulado antecipadamente pela Força Aérea), o Livro Azul foi cancelado a 17 de dezembro de 1969, e a Força Aérea, após 22 anos, deixou de manifestar qualquer interesse pelo fenômeno OVNI.

Um aspecto particularmente interessante da investigação da Força Aérea relativa aos OVNI's, nos anos da existência do Livro Azul, foi o regulamento 200-2, instituído em agosto de 1953, contendo minuciosa informação para o pessoal militar sobre como lidar com OVNI's, incluindo páginas de verificações e diagramas que permitem à testemunha fornecer uma descrição. Entre as instruções referentes ao aparecimento de OVNI (que oficialmente não existem, mas eis o que se deve fazer quando são encontrados) incluem-se algumas diretivas particularmente pertinentes, dirigidas aos comandantes de bases, com relação à divulgação de informes ao público em geral. RFA 200-2, parágrafo 9:

Em resposta às indagações locais é permissível informar sobre os OVNI's os representantes da imprensa quando o objeto é positivamente identificado como um artefato conhecido... Quanto aos objetos inexplicáveis, apenas o fato de que a ATIC (Air Technical Intelligence Command, ou seja, Comando de Informação Técnica Aérea) analisará os dados deve ser divulgado, devido aos muitos fatores desconhecidos envolvidos...

Era o caso de se pensar que se o Major Marcel, o Tenente Haut e o comandante da Base de Roswell, o Coronel Blanchard, tivessem gozado da vantagem de possuir um RFA 200-2 para consulta e orientação, nenhuma agitação pública referente ao Incidente Roswell teria ocorrido.

Desde 1947 os OVNI's têm sido vistos anualmente por milhares de

pessoas no mundo inteiro e são acusados de provocar o desaparecimento de navios e aviões no Triângulo das Bermudas, da captura e lavagem cerebral de seres humanos, de interferir em sistemas elétricos e de comunicação, de participar de lutas à base de revólver de raios versus metralhadora, e combates com foguetes em diversos países. (Os terráqueos foram derrotados.) É preciso lembrar em especial, portanto, que uma das primeiras notícias dos tempos modernos, a suposta queda de um OVNI no Novo México, foi a mais extraordinária de todas as visitações, e ocorreu num raio de cento e cinqüenta quilômetros de uma base aérea militar.

De qualquer modo, já que os processos de segurança referentes aos OVNI's não haviam sido suficientemente firmados em 1947, o incidente teve ampla divulgação antes de ser abafado. Como inúmeras outras legendas, possui, ao que parece, extraordinário poder de sobrevivência, tendo sido repetidamente ressuscitada, conforme veremos, por pedido presidencial direto. Além do mais, testemunhas do incidente e outras secundárias - pessoas que falaram diretamente com as testemunhas - vivem ainda e recordam detalhes com extraordinária nitidez. Uma conferência de suas lembranças indica concordância geral nos diferentes aspectos dos primeiros relatos do disco caído. Disco, ou seja lá o que realmente era.

4
Testemunhas falam - A Cidade recorda

BARNEY BARNETT, residente em Socorro, Novo México, engenheiro civil trabalhando na conservação do solo para o governo federal, foi uma das primeiras testemunhas a chegar ao local onde caiu o disco voador, na manhã de 3 de julho de 1947.

Quando moravam no Novo México, Barney e sua mulher Ruth tornaram-se muito amigos de L. W. "Vern" Maltais e sua esposa, Jean Swedmark Maltais. Vern estava "em missão junto aos militares" nessa época.
Em fevereiro de 1950, durante uma visita que os Maltais fizeram a Socorro, Barnett contou aos amigos uma história extraordinária. Antes de contá-la, porém, recomendou-lhes que não a repetissem. Barnett alegava ter visto pessoalmente um disco voador espatifado na região de Socorro. Vira também corpos de seres inumanos. Logo em seguida a área fora isolada e corpos e destroços removidos por militares.
Embora três décadas se tenham passado depois que Barnett contou a estranha história aos Maltais, eles a recordam muito bem, principalmente por ter sido sublinhada por inúmeros aparecimentos de OVNI’s no Novo México naquela época. Os Maltais elogiaram o caráter de Barnett. Era mais velho que eles, muito conservador e bastante seguro de si. Decididamente, não era do tipo que espalha boatos. Recorda o casal que Barnett declarou sem rodeios ter visto o objeto no chão. Segundo os Maltais, o engenheiro contou-lhes o seguinte:

Eu estava em missão, trabalhando nas cercanias de Magdalena, Novo México, certa manhã, quando a luz, incidindo em um grande objeto metálico, atraiu-me a atenção. Pensando que um avião tivesse caído ali durante a noite, dirigi-me ao local, que ficava a cerca de quilômetro e meio, em uma extensão plana e desértica. Ao chegar percebi que não se tratava absolutamente de um avião, e sim de um objeto em forma de disco metálico. Teria entre sete metros e meio e nove de diâmetro. Enquanto olhava para aquilo, tentando descobrir do que se tratava aproximaram-se algumas pessoas vindas de outra direção e puseram-se a olhar também. Disseram-me

mais tarde que pertenciam a uma equipe de pesquisa arqueológica de uma universidade do leste (a Universidade da Pensilvânia) e que também haviam julgado a princípio tratar-se de um desastre de avião. Espalharam-se pela área, examinando os destroços.

Notei que rodearam alguns corpos caídos no chão. Creio que havia outros (mortos) no aparelho, que era uma espécie de artefato metálico em forma de disco. Não era muito grande. Parecia feito de um metal que lembrava o nosso aço inoxidável. O aparelho fora destroçado por explosão, ou impacto.

Tentei aproximar-me para ver como eram os corpos. Estavam todos mortos, na medida em que eu podia verificar. Havia alguns no interior e outros fora do aparelho. Os que estavam fora haviam sido lançados a distância pelo impacto. Pareciam humanos, mas não o eram. Tinham cabeça redonda, completamente calva, e olhos pequenos, estranhamente afastados um do outro. Os seres eram muito pequenos pelos nossos padrões, a cabeça desproporcionalmente grande em relação ao corpo. As roupas eram inteiriças, de cor cinzenta. Não vi zíperes, cintos ou botões. Pareciam do sexo masculino e eram vários. Achava-me bastante próximo para tocar um deles, mas não o fiz - fui afastado antes de poder examiná-los melhor.

Enquanto eu observava os corpos, um militar aproximou-se num caminhão com motorista e assumiu o controle da situação. Disse que o Exército estava se encarregando do caso e que todos deviam se afastar. Outros militares se aproximaram e isolaram a área. Recebemos ordem de sair dali e não falar a ninguém sobre o que víramos... que era nosso dever de patriotas permanecer calados...

A Sra. Maltais interrompeu o marido a essa altura para acrescentar:

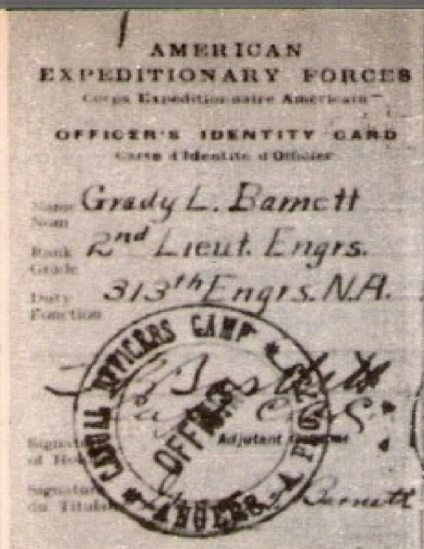
Barnett contou que estava no campo quando viu o objeto e que havia

outras pessoas com ele. Creio que disse que as pessoas com quem conversou no local pertenciam à Universidade da Pensilvânia. Faziam escavações naquela região do Novo México e só se interessaram pelo objeto por se acharem no local quando este se despedaçou.

O objeto era um artefato metálico em forma de disco. Os seres eram pequenos pelos nossos padrões; as cabeças, desproporcionalmente grandes em relação ao corpo, se comparadas às cabeças humanas. Lembro-me bem de que haviam recomendado a Barnett não contar coisa alguma e ele se mantivera calado por vários anos, até que, em 1950, nos contou sua experiência. Éramos amigos íntimos, talvez seus melhores amigos.

Barnett disse que os seres eram do "sexo masculino". Não mencionou mulheres. Eram vários, mas não me lembro de tê-lo ouvido mencionar o número. Repetiu diversas vezes que os olhos eram pequenos e estranhamente espaçados.

O objeto foi logo removido do local do desastre, transportado num grande caminhão. A pessoa que dirigia a operação pediu aos espectadores que se afastassem. Entre eles se achava o pessoal da Universidade da Pensilvânia. Todos receberam ordem de sair do local e não comentar o assunto com ninguém, porque fazê-lo seria falta de patriotismo.



AMERICAN
EXPEDITIONARY FORCES
Corps Expéditionnaire Américain
OFFICER'S IDENTITY CARD
Carte d'Identité d'Officier
Name / Nom: Grady L. Barnett
Rank / Grade: 2nd Lieut. Engrs.
Duty / Fonction: 313th Engrs. N.A.
Adjutant

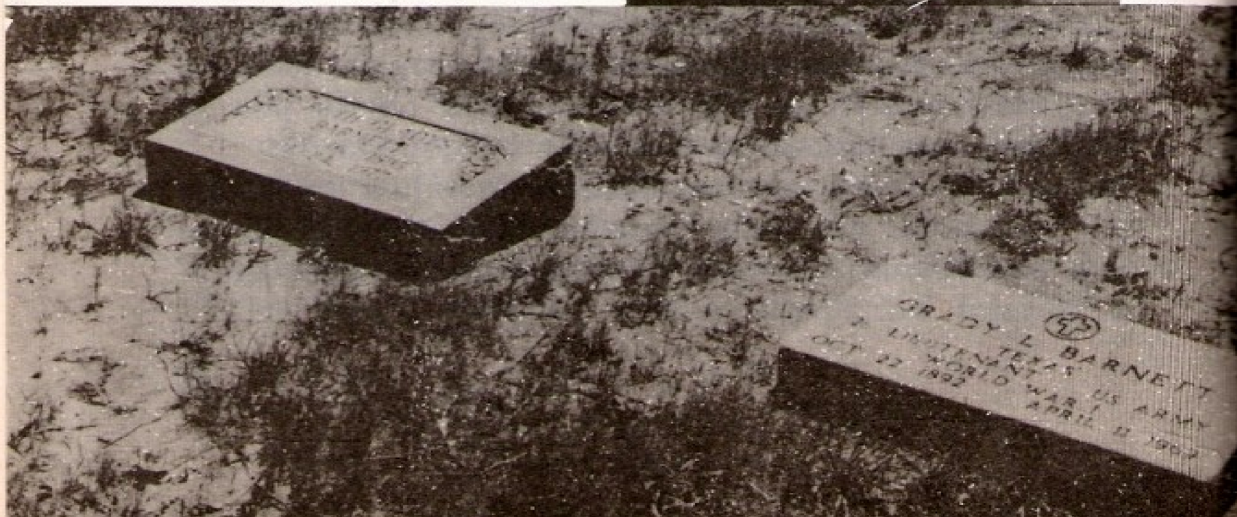


Foto da carteira de identidade de Grady L. "Barney" Barnett, datando da primeira guerra mundial. Barney rompeu o juramento de segredo contando aos amigos que assistira à queda de um OVNI no Novo México, em 1947.
(Sra. Alice Knight)



Grady L. "Barney" Barnett, diante de sua casa em Socorro, Novo México, em 1945, dois anos antes de testemunhar um dos mais extraordinários acontecimentos da história do homem.
(Sra. Alice Knight)

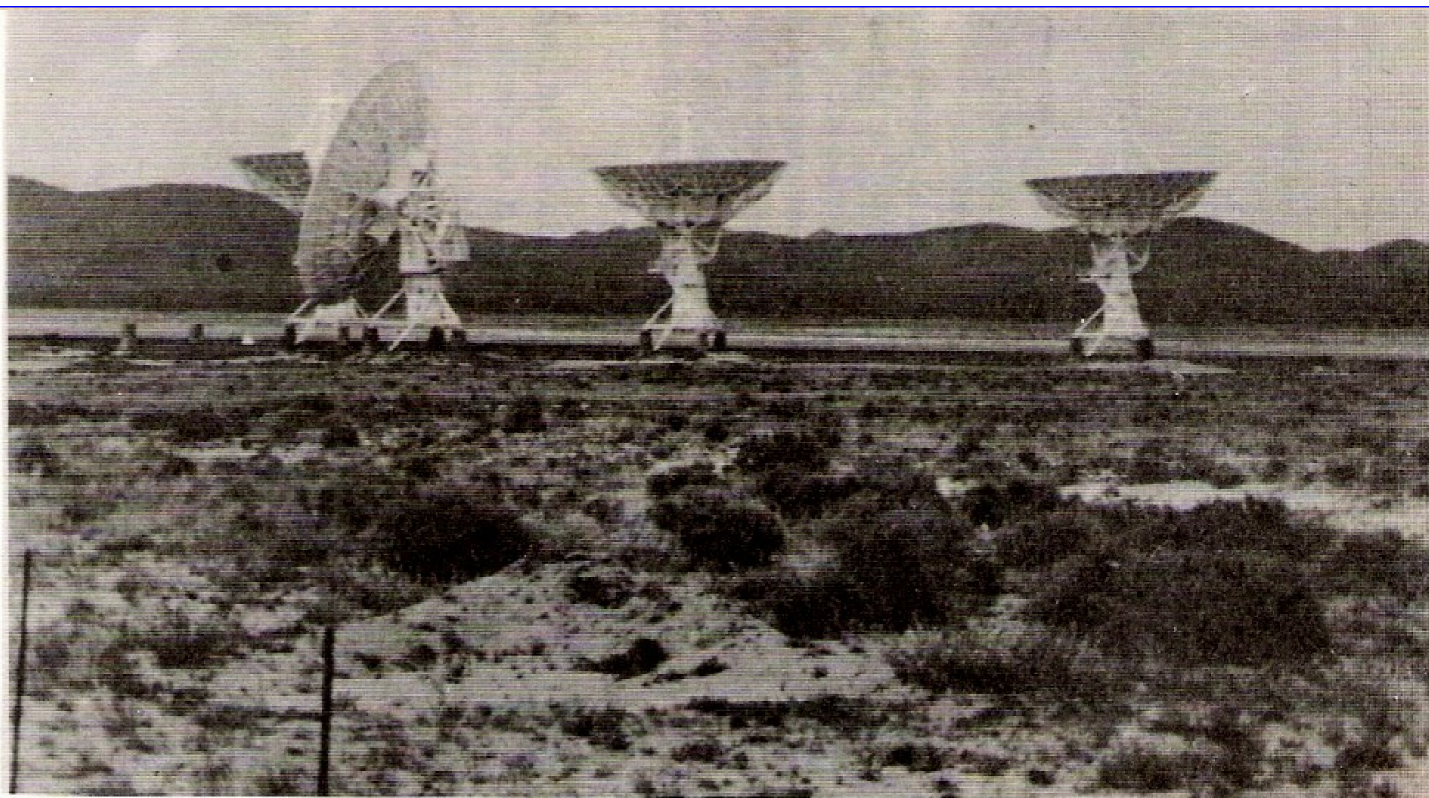
Túmulos de Barney e sua mulher, Ruth Barnett, em Dalhart, Texas.
(W.L. Moore)



Quando lhe perguntaram se recordava em que parte do Novo México Barnett localizara o acidente, a Sra. Maltais respondeu: "Não, não me lembro exatamente. Recordo que foi numa planície. 'Nos baixios', foi o que ele disse. Não era uma região montanhosa, definitivamente. Barnett viajou por todo o Novo México, mas trabalhou principalmente na região a oeste de Socorro.

Sendo a versão de Barney Barnett tão completa e conferindo tão nitidamente com outras narrativas, é pertinente considerar a sua reputação local para saber se seria ou não imaginoso, ou visionário.

Grady Landon (Barnie) Barnett trabalhou naquela área durante 20 anos, no Serviço Federal de Conservação do Solo, até sua aposentadoria, em 1957. Era veterano da Primeira Guerra Mundial (segundo-tenente do 313º. de Engenharia da AEF) e antigo comandante do Posto da Legião Americana de Mosquero, Novo México - sem dúvida, um modelo de cidadão respeitável, conservador.



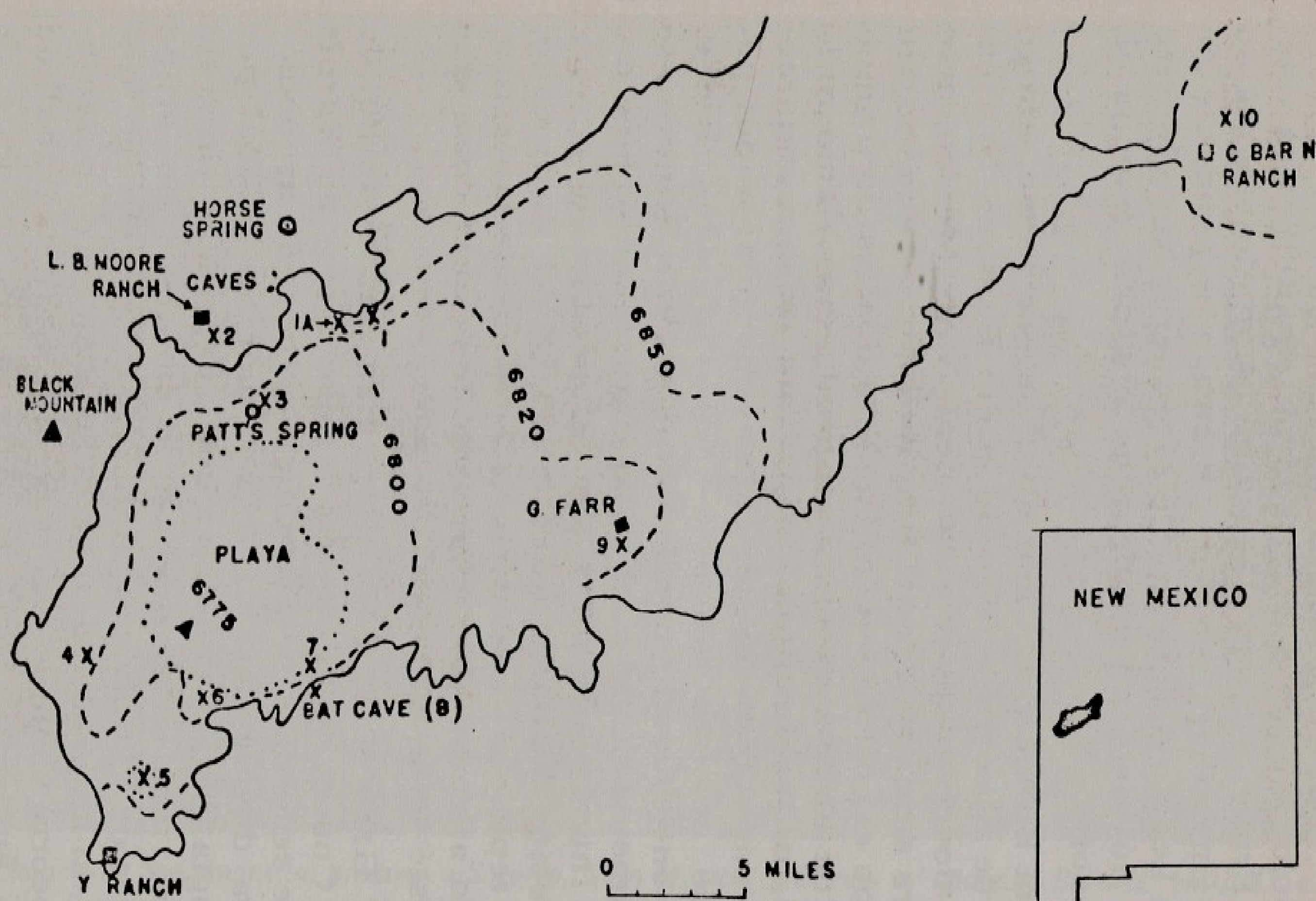
Planície de San Augustin, próximo a Socorro, Novo México, onde caiu o "aparelho Barnett" em 1947, e atual sítio do programa de escuta do universo por radiotelescópio, do Observatório Nacional de Radioastronomia. Segundo a ONRA, o local foi escolhido especificamente por causa do "nível extremamente baixo de interferência elétrica provocada pelo homem".

(W.L. Moore)

Holm Bursum, Jr., executivo de um banco, antigo prefeito de Socorro e filho de Holm Bursum, Sr., ex-senador dos Estados Unidos pelo Novo México, não ingressara ainda na era atômica ou espacial quando seu gado ficou exposto à precipitação radioativa do primeiro teste de bomba atômica realizado em Alamogordo em 1945, o que resultou em os animais apresentarem pintas brancas e serem subseqüentemente enviados para estudo ao Laboratório Nacional de Oak Ridge. Quando entrevistado por Moore em 1979, lembrou-se imediatamente de ter conhecido Barnett muito bem e o elogiou. Interrogado sobre a possibilidade de ser verídico o relato de Barnett acerca do OVNI destroçado, Bursum replicou: "Essa história é

realmente fantástica, mas devo afirmar que, a meu ver, qualquer coisa que ele dissesse seria verdadeira.”

Lee Garner, ex-cowboy e mais tarde xerife de Socorro County, lembra-se favoravelmente de Barnie Barnett e recorda especialmente a expedição arqueológica, sem dúvida devido ao seu interesse pessoal por arqueologia indígena. Achava que a expedição vinha do Michigan, mas disse que talvez houvesse no grupo estudantes da Pensilvânia. John Greenwald, antigo funcionário do governo federal e hoje fazendeiro aposentado de Socorro County, recordava que Barnett trabalhou primeiro em uma área de mapeamento a oeste de Socorro, denominada Planície de San Augustin, chamada localmente "os Baixios", e acreditava que o incidente houvesse ocorrido ali.



Mapa da Planície de San Augustin, nas proximidades de Socorro, Novo México, mostrando o local das escavações arqueológicas feitas pela expedição de 1946-48.

(American Antiquity Magazine)

J. F. "Flek" Danley, de Magdalena, Novo México, foi mais específico:

"Barnett era engenheiro e trabalhou sob minhas ordens em Magdalena, na década de 40 e início da de 50. Era um bom homem... uma das pessoas mais honestas que conheci.”

Pergunta: Alguma vez Barnett falou a respeito de um disco voador?

Resposta: Sim, falou certa vez. Barney entrou no escritório uma tarde, muito excitado e disse: “Aqueles discos voadores de que falam por aí, Flek... Bem, eles existem." Disse então que acabava de ver um disco. Eu estava muito ocupado no momento e sem disposição para engolir uma história daquelas, de modo que me voltei para ele e disse simplesmente: "Porra!" E voltei ao trabalho. Ele falou apenas que vira um. Na época eu não estava disposto a aceitar a história e depois que eu disse "Porra!" ele não explicou mais nada. Pensei então que não devia ter sido tão grosseiro, porque ele não era o tipo de pessoa que anda por aí inventando histórias absurdas, mas quando, um ou dois dias mais tarde, interroguei-o, disse apenas que fora na planície, parecia um disco e ele não estava interessado em falar no assunto.

Flek achava que seria capaz de recordar a data do incidente se lhe dessem tempo para pensar. Em entrevista subseqüente, ocorrida no living de sua casa, cerca de quatro meses depois, riu e disse: Sim, lembro-me agora. Só pode ter sido no início do verão de 1947. A princípio não acreditei quando Barney me contou, mas conversamos depois, embora eu tenha negado antes. Devo dizer que acredito na história, pelo que me contou. Que eu saiba, Barney jamais mentia... sobre o que quer que fosse. Quando lhe perguntaram se poderia repetir o que Barney dissera, Danley respondeu: Tenho que pensar um pouco no assunto. Acho que já falei bastante.
O mais importante depoimento sobre a questão do disco despedaçado talvez seja o do Major (agora tenente-coronel) Jesse A. Marcel, oficial de estado-maior encarregado do serviço de informação da Base Aérea de Roswell à época do incidente. Marcel, agora reformado e residente em Houma, Luisiana, pilotava desde 1928 e, segundo ele próprio, "conhecia virtualmente tudo o que voasse". Como um dos poucos cartógrafos familiarizados tanto com

o traçado como com a interpretação de mapas aéreos antes da Segunda Guerra Mundial, foi enviado à escola de espionagem pela Força Aérea do Exército após Pearl Harbor, revelando-se aluno tão competente que ao término do treinamento foi mantido como instrutor. Quinze meses após, pediu para ser enviado à linha de frente e foi aceito. Transferido para a Nova Guiné, tornou-se oficial de informação do primeiro esquadrão de bombardeiros e, mais tarde, do grupo inteiro. Voando como bombardeiro, artilheiro e piloto, acumulou 468 horas de combate em B-24 e foi condecorado com cinco medalhas por ter abatido cinco aviões inimigos, tendo sido ele próprio abatido uma vez (na terceira missão).

Lá pelo final da guerra, Marcel foi chamado a integrar a 509º. Esquadrilha de Bombardeio da Força Aérea do Exército, o único grupo de bombardeio atômico da época e um dos poucos grupamentos de elite entre os militares americanos, onde todos os oficiais e soldados eram literalmente escolhidos a dedo para as missões, que exigiam liberação para assuntos de alta segurança. Integrando o grupo, foi um dos que zelaram pela segurança dos testes atômicos de Kwajalein, em 1946 (Operação Crossroads), e recebeu elogios da Marinha dos Estados Unidos por seu trabalho.

Em recentes entrevistas (Moore e Stanton Friedman, fevereiro, maio e dezembro de 1979), recordou alguns detalhes interessantes a respeito de sua conexão com o Incidente Roswell e da fascinante possibilidade de ter havido um segundo disco que explodiu no ar, ou então que, após a explosão o material tenha caído do disco descrito por Barnett antes que o objeto colidisse com a terra, um pouco mais a oeste.

Pergunta: Major Marcel, viu pessoalmente um OVNI destruído?

Resposta: Vi uma porção de destroços, mas não um aparelho

completo. O que quer que fosse, explodiu no ar, acima do solo. Desintegrou-se antes de chegar ao chão. Os destroços estavam espalhados em uma área de cerca de um quilômetro de comprimento por várias dezenas de metros de largura.

P. - Como foi que a Base de Roswell soube do acidente ocorrido na fazenda de Brazel?

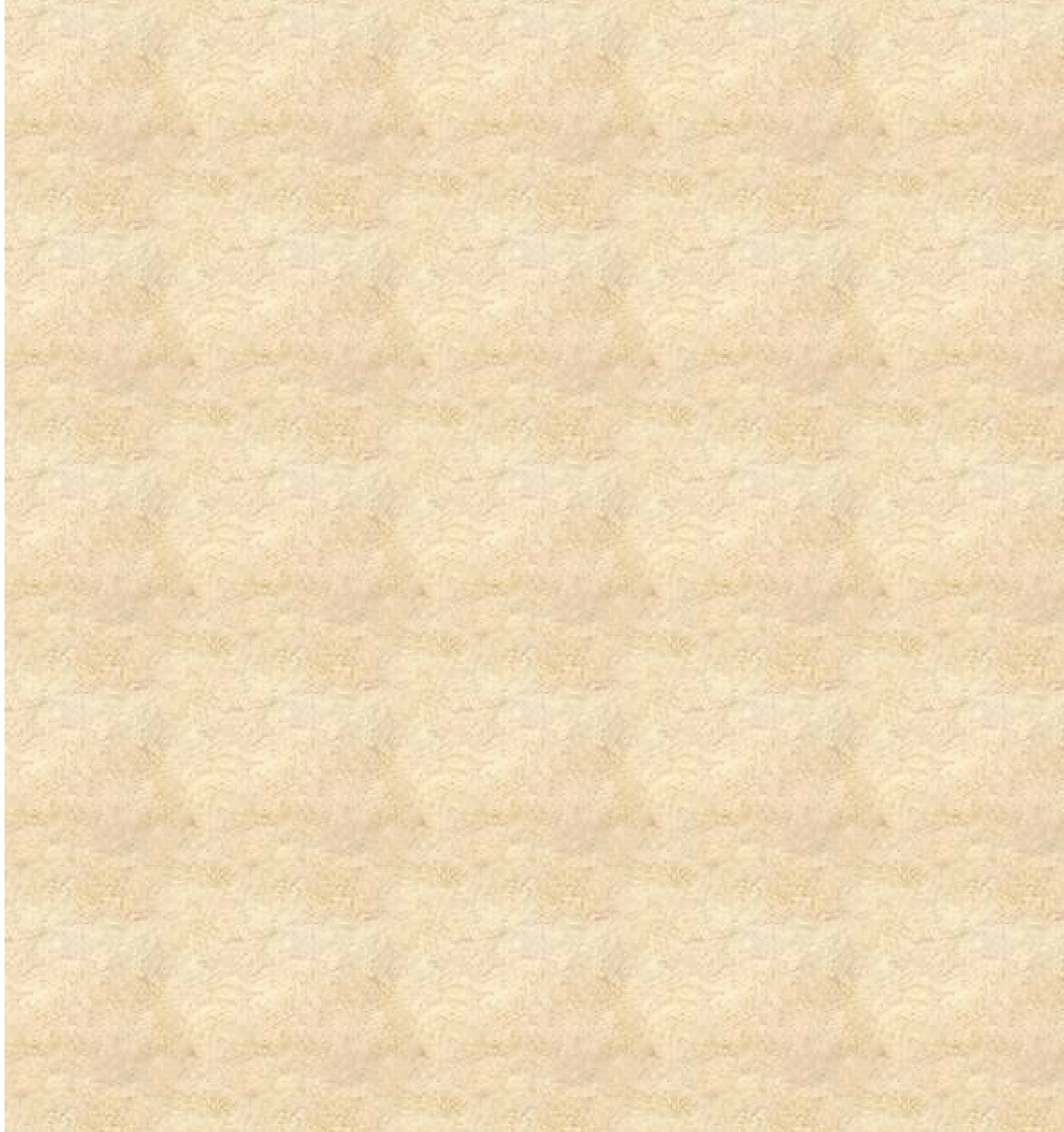
R. - Soubemos no dia 7 de julho por um telefonema do gabinete do xerife de Roswell. Eu almoçava no clube dos oficiais quando me telefonaram dizendo que precisava ir conversar com Brazel. O xerife disse que Brazel contara que algo explodira sobre a fazenda e que havia uma porção de destroços espalhados pelo chão.
Acabei de almoçar e fui à cidade conversar com o sujeito. Depois de ouvir a história concluí que devia levar o assunto imediatamente ao conhecimento do coronel (Coronel Blanchard) para que ele decidisse o que se faria. Eu queria que Brazel me acompanhasse até a base no seu caminhão, mas ele disse que tinha diversas coisas a fazer e que me encontraria em uma hora, mais ou menos. Combinei um encontro no gabinete do xerife e voltei para falar ao coronel.
Em conversa, concluímos que aparentemente se tratava de um veículo aéreo destruído, de tipo estranho, e o coronel achou melhor eu ir até lá, levando o que fosse necessário. Eu e um agente do CIC (Counter-Intelligence Corps, Serviço de Contra-espionagem) do West Texas, chamado Cavitt (Marcel não se lembra do prenome), acompanhamos o homem até a fazenda; eu dirigia um carro da base (um Buick 42) e Cavitt seguia num jipe Carry-all. Quase não havia estradas e em determinados pontos tivemos literalmente que enveredar pelo campo. Era o próprio confim-do-judas. Seja como for, chegamos ao local no final da tarde, e tivemos que passar a noite na casa do sujeito. Comemos apenas carne de porco fria, ervilhas e

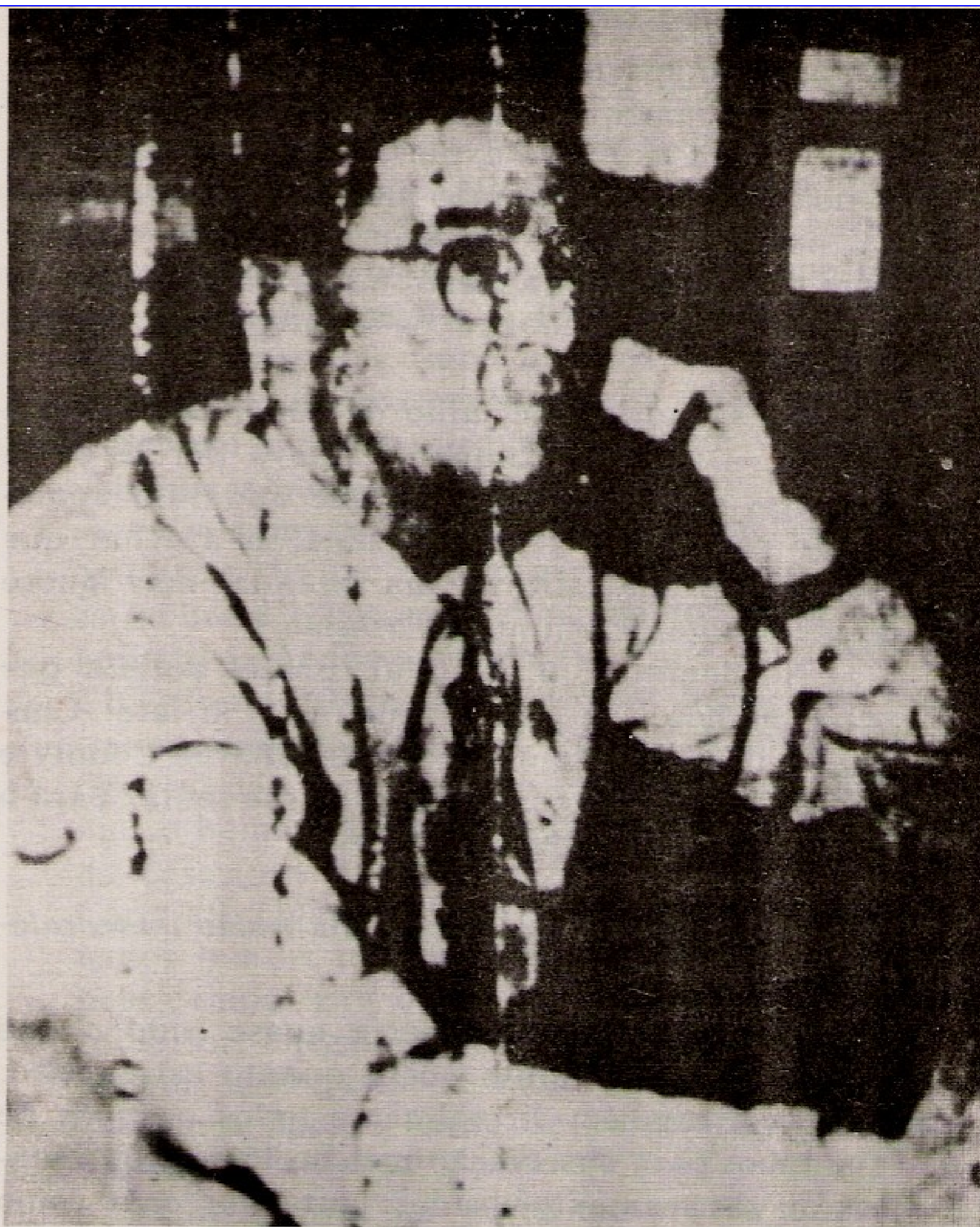
biscoitos.
Brazel vivia na parte sudeste de Corona, a uma boa distância dali. A cidade mais próxima ficava a 45 quilômetros. Morava numa casinhola quando estava na fazenda de criação de ovelhas, sem rádio ou telefone, e ficava quase sempre sozinho. A mulher e os filhos moravam em Tularosa, ou Carrizozo (Nota: era Tularosa), para que as crianças pudessem freqüentar a escola.
Parece-me que Brazel me disse que julgava ter ouvido uma estranha explosão no final da tarde, vários dias antes, durante uma tempestade elétrica, mas não prestara atenção especial ao caso na hora porque atribuíra o estrondo a um capricho da tormenta. Só descobrira os destroços na manhã seguinte.
No sábado, 5 de julho de 1947, Brazel foi à cidade - Corona. Enquanto estava por lá ouviu histórias de discos voadores que andavam aparecendo por toda a região e começou a achar que fora aquilo que caíra na sua fazenda; mas ignoro se mencionou o assunto na ocasião.
No domingo, 6 de julho, Brazel decidiu que seria melhor ir à cidade comunicar o fato. Chegando lá, dirigiu-se ao xerife de Chavez County e contou a história. Eu acabava de me sentar para o almoço quando o telefone tocou.

P. - Acha que o que viu foi um balão meteorológico?

R. - Não era. Eu conhecia quase tudo o que voasse na época, tanto nosso quanto estrangeiro. Conhecia também virtualmente todos os tipos de aparelhos para observação meteorológica, ou radares de rastreamento usados tanto por civis como por militares. Não era, definitivamente, um aparelho meteorológico, ou de rastreamento, avião ou míssil. O que era não sabíamos. Limitamo-nos a recolher os fragmentos. Era algo que nunca vi antes, ou desde então, aliás.

Ignoro o que fosse, mas não se tratava de coisa alguma construída pelo homem, nem com certeza de um balão meteorológico.





O xerife de Chaves County (Novo México), George Wilcox, na foto a 8 de julho de 1947. O gabinete de Wilcox recebeu telefonemas "do mundo inteiro" após um comunicado da Base Aérea de Roswell no sentido de que os destroços de um disco voador haviam sido recolhidos numa fazenda das proximidades.

(Roswell Daily Record)

P. - É capaz de descrever o material que encontrou no local?

R. - Havia todos os tipos de materiais - pequenas traves com cerca de quinze centímetros, cobertas com uma espécie de escrita hieroglífica que ninguém foi capaz de decifrar. O material parecia pau-de-balsa e tinha mais ou menos o mesmo peso, só que não era absolutamente madeira. Era muito duro, embora flexível, e não-inflamável. Havia uma vasta quantidade de substância que lembrava pergaminho, de cor marrom e extremamente resistente, e grande número de pequenas peças de metal parecido a papel estanhado, só que não o era. Interessado na parte eletrônica, saí à procura de algo que lembrasse instrumentos, ou equipamento eletrônico, mas não encontrei coisa alguma. Um dos outros sujeitos, Cavitt, creio, encontrou uma caixa preta, de aparência metálica, de vários centímetros. Como não descobrimos meios de abri-la e aparentemente não se tratava de uma caixa de instrumentos de qualquer tipo (era também muito leve), acrescentamo-la ao restante do material. Não sei que fim levou, mas seguiu com o resto dos destroços que levamos mais tarde a Fort Worth.

P. - Que é que havia de particularmente interessante no material?

R. - Uma coisa me interessou nos destroços: o fato de grande parte dele lembrar o pergaminho e apresentar pequenos símbolos que chamarei hieroglíficos porque não consegui decifrá-los. Impossível lê-los. Eram apenas símbolos, algo com alguma significação. Não eram todos iguais, mas eu diria que seguiam o mesmo padrão. Eram rosa e vermelho. Pareciam pintados. Esses pequeninos símbolos eram inquebráveis e à prova de fogo. Cheguei a tirar o meu isqueiro, tentando atear fogo ao material que parecia pergaminho e pau-de-

balsa, mas ele não se queimou. Nem sequer soltou fumaça. O mais surpreendente é que os pedaços de metal que recolhemos eram muito finos, parecidos ao papel estanhado dos maços de cigarros. Não prestei muita atenção a princípio, até que um dos rapazes se aproximou, dizendo: "Conhece aquele metal? Tentei dobrá-lo e não consegui. Tentei até com marreta. Sequer deixou marca..." Esse pedaço de material em particular tinha cerca de 60 centímetros de comprimento por 30 de largura. Era tão leve que quase não pesava. O mesmo acontecia a todo o material transportado. Não pesava quase nada... era tão fino! Tentamos dobrar a coisa. Fizemos o impossível. Não dobrou, não rasgou, nem cortou. Tentamos até marcá-lo com uma marreta de oito quilos e não conseguimos... É ainda um mistério para mim toda aquela história. Quando falo em dobrar, refiro-me a vincar. Podia-se flexionar o material para a frente e para trás e até enrugá-lo, mas não marcá-lo, ou vincá-lo, fosse como fosse. Eu quase o descreveria como um metal com as propriedades do plástico. Um dos rapazes tentou reunir algumas das peças, como se fosse um quebra-cabeças. Conseguiu juntar cerca de três metros, mas não era o bastante para se ter uma idéia da forma geral do próprio objeto. O que quer que fosse, era grande.

P. - Que fizeram com o material que coletaram?

R. - Recolhemos todos os destroços que podíamos. Depois de encher o jipe comecei a pôr o restante na mala e no banco traseiro do Buick. Naquela tarde (7 de julho) voltamos a Roswell, onde chegamos ao anoitecer.
Descobrimos então que a história de que havíamos encontrado um disco voador chegara antes de nós. Tínhamos um oficial de informação pública muito precipitado na base, que decidira telefonar à AP dando a notícia. Recebemos diversos telefonemas durante a

noite e um repórter veio até minha casa, mas é claro que eu não podia confirmar coisa alguma pelo telefone, e o homem que me procurou foi enviado por minha mulher ao coronel. Na manhã seguinte o press release foi publicado e então a coisa estourou mesmo. O telefone tocava sem parar. Ouvi dizer que ele foi muito censurado pelos altos escalões por divulgar a notícia, mas não sei ao certo...

Na tarde seguinte colocamos tudo num B-29 por ordem do Coronel Blanchard e voamos para Fort Worth. Eu estava escalado para acompanhar a carga até o campo de Wright, em Ohio, mas quando chegamos a Carswell, Fort Worth, o general vetou a ordem. Assumiu o controle a essa altura, disse à imprensa que se tratava de um balão meteorológico e ordenou-me que não falasse à imprensa sob circunstância alguma. Fui afastado do vôo e substituído por outra pessoa, que acompanhou os destroços até o Campo de Wright (Patterson). Tudo foi remetido para lá, a fim de ser analisado.

Assim que chegamos a Carswell, Fort Worth, recebemos ordem de levar parte do material para o gabinete do general. Ele queria dar uma olhada. Obedecemos e ele espalhou tudo pelo chão, sobre um papel pardo.

Ali se achava apenas uma reduzida quantidade dos destroços. Havia muito mais. Havia lá fora metade da carga de um B-29. O General Ramey permitiu que alguns representantes da imprensa fotografassem o material. Tiraram fotos minhas no chão, segurando um dos fragmentos que encontramos. Não foi uma foto trucada. Mais tarde retiraram os destroços, que foram substituídos por outros. E permitiram novas fotos. Estas foram tiradas enquanto o material verdadeiro seguia para o Campo de Wright. Não apareço nelas. Creio que foram tiradas fotos do general e de um dos seus ajudantes. Tenho visto uma porção de balões meteorológicos, mas nunca um como aquele. E não creio que eles tenham visto também.

P. - Voltemos ao envolvimento do pessoal de imprensa e rádio. Podemos repetir a passagem?

R. - Foi o oficial de informação pública - Haut, creio que se chamava assim - que ligou para a AP e escreveu o press release. Soube que não fora autorizado a fazê-Io e creio que o censuraram severamente, inclusive de Washington. Recebemos telefonemas de toda parte do mundo. Foi o General Ramey que inventou a história do balão só para afastar a imprensa. A esta dissemos que se tratava apenas de um balão e que o vôo para Wright-Patterson fora cancelado; mas o que realmente aconteceu foi que me afastaram do vôo e outra pessoa me substituiu até o Campo Wright-Patterson. Não me permitiram sequer falar à imprensa, exceto para dizer o que o general ordenara. Todos queriam me interrogar, mas eu não podia falar coisa alguma.

P. - Quer dizer então que essa história de balão meteorológico não passou de ocultamento?

R. - Bem, quero dizer uma coisa: os jornalistas pouco viram do material e nada das partes importantes, que tinham os hieróglifos ou marcações. Não viram porque não se achavam presentes. Queriam que eu falasse a respeito, mas era impossível. Quando o general entrou deu ordens para que eu nada dissesse. Ele cuidaria do caso. E declarou aos jornalistas: "Sim, é este o balão meteorológico." Os jornalistas foram obrigados a aceitar sua palavra porque nada tinham em que se basear. Tentaram fazer-me falar no assunto, mas o general dera ordens e nada pude esclarecer. Foi quando o general me disse: "É melhor voltar para Roswell. Você tem obrigações a cumprir. Nós assumiremos tudo daqui por diante..."

Em outubro de 1947, apenas três meses depois do Incidente Roswell, Marcel foi subitamente transferido para Washington, D.C., apesar dos protestos do Coronel Blanchard. Uma vez na capital, foi logo promovido a tenente-coronel (em dezembro) e designado para o Programa de Armamento Especial, encarregado de coletar amostras atmosféricas do mundo inteiro e analisá-las, num esforço para descobrir se os russos haviam explodido a sua primeira bomba nuclear. "Quando finalmente descobrimos que tinha havido uma explosão atômica, coube-me a tarefa de escrever o relatório sobre a questão", contou Marcel. "De fato, quando o Presidente Truman comunicou à nação que os russos haviam explodido um artefato nuclear, era o meu relatório que estava lendo."
Quando lhe perguntaram se sabia que os destroços da fazenda de Brazel se relacionavam com a notícia de que um disco voador se espatifara próximo a Socorro mais ou menos naquela data, Marcel respondeu:

- Soube da notícia, mas não pude verificar a ocorrência pessoalmente. E claro que se outro grupo militar estivesse lidando com uma parcela maior de destroços não havia razão para que eu fosse oficialmente informado. Só posso afirmar o que vi e, repito, o material que examinei não provinha de balão meteorológico.

P. - Haveria alguém capaz de recordar alguma coisa sobre o que se encontrou na fazenda de Brazel?

R. - Meu filho talvez lembre alguma coisa. Tinha cerca de doze anos na época e viu parte dos destroços retirados do local antes de serem embarcados.



MAJOR JESSE A. MARCELL
S-2

Major (futuro tenente-coronel) Jesse A. Marcel, S.2 (Serviço Secreto), Base Aérea de Roswell, 1947. O major Marcel chefiou a expedição de julho de 1947, que recolheu as primeiras peças dos destroços do que se supõe ter sido um OVNI.

(RAAF Yearbook, 1947, cortesia de Walter Haut)

O filho do Major Marcel é agora médico em Helena, Montana. Em menino, o Dr. Marcel interessava-se, naturalmente, por aeronáutica e viagens espaciais. Vivia fascinado pelo que o pai trouxera para casa e pelas notícias de que um veículo espacial se despedaçara próximo à Base de Roswell, mas não teve muita oportunidade de examinar os destroços.
O Dr. Marcel recorda:

- Papai recebeu um telefonema para investigar um aparelho caído, ou algo semelhante. Ficou ausente uns dois dias e voltou com um caminhão e parte do carro cheio de destroços e fragmentos.
O material lembrava papel estanhado muito fino, metálico, mas não era metal, e parecia resistente. Havia também alguns elementos estruturais - vigas, etc. E, além disso, uma quantidade de material plástico preto, que parecia de natureza orgânica.
Papai voltou ao anoitecer. Esteve ausente uma noite inteira e a maior parte do dia seguinte. Trazia um Buick 1942 e um trailer Carry-all, ambos atulhados de material que era apenas uma pequena fração do total dos destroços.

Recorda o Dr. Marcel que estava com cerca de onze anos na época. Quando perguntaram se conseguira guardar um fragmento do material, respondeu:

R. - Eu seria capaz de me chutar mil vezes por não ter guardado. Papai disse que era material secreto e não se podia tocar em nada, e obedeci. Mas me arrependo agora.

O Dr. Marcel se recorda de ter ouvido mais tarde alguma coisa a respeito do incidente.

R. - Sim. A história se espalhou e fomos assediados pelos repórteres, etc. Não me envolvi demais no assunto. Minha mais forte impressão é de que os objetos e fragmentos metálicos pertenciam a uma espécie de máquina, não a um balão meteorológico. Disseram-me que se tratava de uma aeronave, mas não de tipo conhecido, com certeza. Papai disse que a velocidade do impacto não se coadunava com qualquer espécie de aeronave existente na época.

Várias semanas depois, em abril de 1979, o Dr. Marcel recordou ainda:

Com referência ao incidente do OVNI em 1947, ou 1948, omiti uma descrição espetacular dos destroços, temendo que fosse resultado da viva imaginação de um garoto de doze anos. Gravados ao longo da borda de um fragmento de trave havia sinais hieroglíficos. Interroguei recentemente meu pai a respeito e ele recordou ter visto também sinais e até os descreveu como sendo cor-de-rosa, ou rosa-arroxeado. Hieróglifos egípcios seriam uma imagem próxima dos caracteres, mas não creio que houvesse figuras de animais, como nos verdadeiros hieróglifos.
Pergunto-me muitas vezes se haveria ainda fragmentos do desastre no solo do deserto do Novo México. Segundo meu pai, parte dos destroços foi deixada para trás quando ele e sua equipe investigaram o local. Desconfio, porém, que quando a verdadeira natureza da nave se tornou conhecida do Serviço Secreto da Força Aérea, toda a região foi minuciosamente revistada e limpa.
Conforme sabe, meu pai trouxe parte dos destroços para casa e espalhou-os no chão da cozinha, tentando reunir alguns dos fragmentos maiores. Havia literalmente pilhas de destroços metálicos, juntamente com resíduos de um material preto, frágil, que

lembrava plástico derretido ou queimado. A tarefa era impossível porque havia fragmentos demais para o chão de uma cozinha.
Duvido que todos os pedaços menores tenham sido recolhidos do chão. De fato, minha mãe observou que parte deles foi provavelmente varrida porta afora. Mais ou menos naquela época mandamos fazer uma laje de concreto nos fundos, formando um pátio. Não me lembro se antes ou depois do incidente, mas se foi depois, haveria melhor maneira de preservar esses fragmentos que foram varridos? (As chances de) Recuperação seria, de qualquer modo, infinitamente reduzida, mas não inexistente...”

Embora, nas crônicas da arqueologia, não seja esta a primeira vez em que fragmentos ou registros de potencial incalculável foram inconscientemente destruídos, os pesquisadores teriam sem dúvida certa dificuldade em explicar aos atuais proprietários da casa dos Marcel a necessidade imperiosa de quebrar o piso do pátio pedacinho a pedacinho, a fim de localizar fragmentos de escrita espacial.
Walter Haut, hoje proprietário da Galeria de Arte W. H. de Roswell, embora oficial de informação da base à época do incidente, não foi uma de suas testemunhas. Suas atividades limitaram-se principalmente à agitação causada pela chegada de visitantes interplanetários, ao que parecia. Em entrevista de março e junho de 1979 recorda o seguinte:
Chamado pelo Coronel William Blanchard, recebeu ordem de escrever e distribuir um comunicado à imprensa no sentido de que a FAA recolhera os despojos de um disco voador. Ao indagar se poderia ver o objeto em questão, soube pelo Coronel Blanchard que era impossível. Ele escreveu a notícia e distribuiu o comunicado.
Haut foi informado de que o Major Marcel viajara no avião que transportava o material a Fort Worth, mas não o acompanhou.

Recebeu ordens para ficar e "atender ao telefone" (é bom lembrar que não passava de tenente), o que fez sem interrupção nas oito horas seguintes, recebendo pedidos de informação do mundo inteiro, inclusive, ele bem recorda, de Hong-Kong. Quando o Coronel Blanchard soube dessa explosão internacional "ficou furioso" e disse ao Tenente Haut: "Se houver um meio de acabar com isso, vá em frente e acabe logo." A pressão cessou quando foi expedida a história do balão meteorológico em Fort Worth, acompanhada das negativas do General Ramey à imprensa e pela Rádio WBAP de Fort Worth.

Haut pediu demissão em abril de 1948, ao saber que seria transferido. (N.B. Foi promovido a capitão antes mesmo de sair do serviço militar, mas não antes de manifestar seu desejo de pedir demissão.) Um certo Sargento Edward Gregory, que trabalhou no Setor de Informação Pública com o Tenente Haut na época do incidente, observou em entrevista telefônica com Stan Friedman, de sua casa em Livermore, Califórnia, que nunca chegou a entender por que o Tenente Haut deixara a Força Aérea. Se tivesse continuado faria uma

bela carreira porque era excepcionalmente inteligente. O Coronel Blanchard, segundo o Sargento Gregory, era "dos melhores... de primeira classe, e não haveria de sugerir qualquer press release, a menos que tivesse certeza de não se tratar de balão meteorológico".

A série de negativas do primeiro comunicado poderia ser atribuída a um engano normal e desculpada com base na onda de OVNI que corria o país na época, por mais que isso afastasse o comando local da tradição militar de "nada de desculpas - nada de explicações". Mas haveria uma diversidade de outras testemunhas diretas e indiretas e, se os escalões superiores decidissem abafar a história, seria necessário encontrar meios para silenciar eficazmente essas testemunhas, fosse pelo ridículo, fosse levando-as a modificar sua

história.
Uma pessoa dotada com certeza de informes em primeira mão sobre a suposta espaçonave seria William W. "Mac" Brazel, o fazendeiro que descobriu nas suas terras os estranhos destroços e o responsável, em última análise, por levar o assunto ao conhecimento do Major Marcel, em Roswell. Embora Brazel pai tivesse morrido em 1963, um filho e uma nora, Bill e Shirley Brazel, de Capitan, Novo México, recordam bem o incidente. Bill é empregado da Texas Instruments e passa a maior parte do tempo trabalhando fora de casa, como técnico em geossismologia, na região petrolífera do North Slope do Alasca.

Moore: (Entrevistas de março, junho e dezembro de 1979)

Pergunta: Sr. Brazel, que me diz da experiência de seu pai referente à descoberta de destroços de um artefato aéreo nas terras de sua fazenda?

Resposta: Bem, na verdade não posso contar toda a história porque não a conheço por inteiro. Papai relutava muito em falar no assunto e sei apenas o que consegui obter dele no decorrer dos anos. Ele levou para o túmulo quase tudo o que sabia. Eles (os militares) forçaram-no a jurar segredo, compreende, e ele levava o assunto muito a sério. Um sinal de como levava a sério é que jamais comentou o caso com mamãe. Para dizer a verdade, Shirley era mais próxima dele que qualquer outra pessoa da família, e se ele resolvesse contar a alguém o que sabia, seria a ela. Mas nunca revelou, nem mesmo a Shirley, toda a história, de modo que se o exército não decidir contar tudo o que sabe, é provável que nunca se descubra coisa alguma sobre o caso.
Na realidade soubemos da história ao comprar, uma noite, um

exemplar do Journal de Albuquerque, com uma foto de papai na primeira página. Havia outra reportagem no Lincoln County News. Shirley disse: "Meu Deus, em que ele foi se meter agora?" Respondi: "Não sei, mas talvez seja melhor ir até a fazenda amanhã e investigar." Éramos recém-casados na época e morávamos em Albuquerque. Mas quando chegamos à fazenda, papai não estava. Não havia ninguém em casa. Bem, sabíamos que ele fora a Roswell, pelo que dizia o jornal, de modo que resolvi ficar cuidando da fazenda até que ele voltasse. Shirley regressou a Albuquerque naquela noite. Na segunda-feira (14 de julho), como papai ainda não tivesse aparecido, comecei a me preocupar e foi então que decidi ir até Corona fazer alguns telefonemas para descobrir o que se passava. Disseram que não me preocupasse, que papai estava bem e que voltaria para a fazenda em um ou dois dias.

De fato voltou, mas ao chegar não quis dizer onde estivera ou o que fizera. Parecia muito aborrecido Com a história toda e não se sentia disposto a falar sobre o assunto. "Você leu o jornal", disse ele. "E isso basta. Assim ninguém vai aborrecer você com a história." Mais tarde disse que "encontrara essa coisa e entregara em Roswell" e que por causa disso o haviam detido cerca de uma semana. Parece que ainda o escuto. "Poxa, tentei fazer uma boa ação e por causa disso me prenderam." Falou em seguida que, já que tínhamos lido o jornal, sabíamos de tudo o que era preciso. Disse ainda que haviam recomendado que ele calasse a boca porque isso era importante para o país, um gesto patriótico, e era o que ele pretendia fazer. Disse que o haviam fechado num quarto, não permitindo que saísse. Estava muito desanimado e aflito pela maneira como o haviam tratado. Chegaram a fazer um "exame físico de exército, da cabeça aos pés", antes de permitirem que ele voltasse para casa.

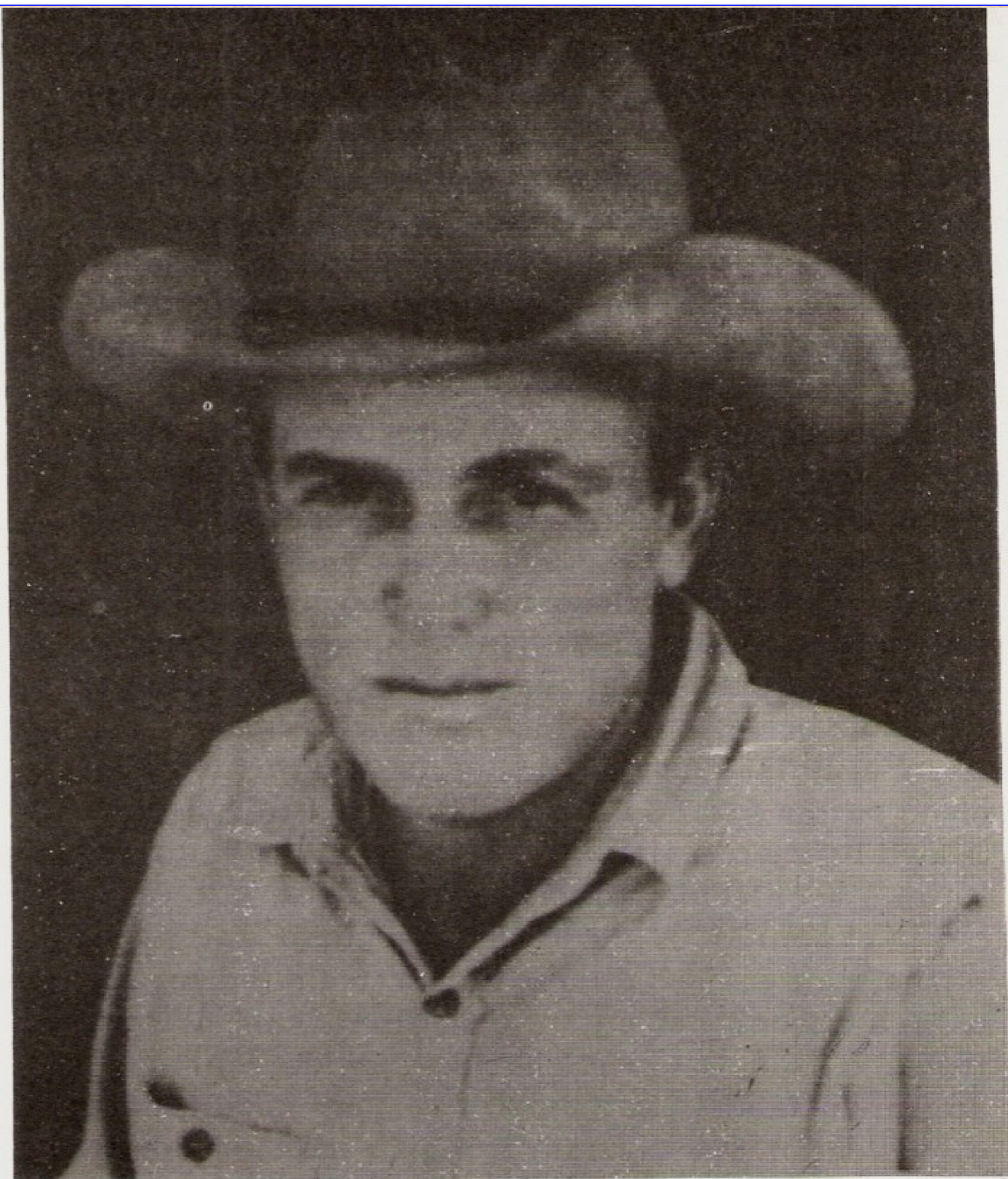
O que acabei por arrancar dele veio aos pouquinhos, no decorrer dos anos. Pelo que consegui reunir, aconteceu o seguinte:

Papai estava na casa da fazenda com os dois garotos menores, no final da tarde, quando desabou uma terrível tempestade elétrica. Disse que foi a pior tempestade que jamais viu (e pode ter certeza de que viu muitas). Não havia muita chuva, apenas raios, um após outro. Achou estranho que os raios incidissem repetidamente sobre os mesmos pontos, quase como se houvesse algo a atraí-los. Pensou em depósitos minerais, ou coisa semelhante. Seja como for, no meio da tempestade ouviu uma espécie de estranha explosão; não parecia um trovão comum, era diferente. Disse que não prestou muita atenção no momento, porque a tempestade era tão violenta que julgou tratar-se apenas de uma anomalia qualquer; porém mais tarde começou a pensar no caso. Na manhã seguinte, a caminho do pasto para inspecionar as ovelhas, encontrou o monte de destroços espalhados por cerca de um quilômetro de comprimento por várias dezenas de metros de largura. Disse uma vez que, fosse o que fosse, tinha-se a impressão de ser resultado de uma explosão. Falou também que, pela maneira como estavam espalhados os destroços, via-se que era "uma aeronave a caminho de Socorro", que fica a sudoeste da fazenda. A princípio ele não reconheceu a importância do fato. Só depois de pensar no caso um dia ou dois é que resolveu que seria melhor voltar e espiar de perto.

Foi então que pegou alguns fragmentos e os levou para a fazenda. Naquela noite visitou Procter (Floyd Procter, o vizinho mais próximo) e falou-lhe sobre o acontecido. Mas Procter não se interessou em ir examinar os destroços, ao passo que papai estava mais curioso do que nunca. Na noite seguinte foi a Corona e só então, discutindo com meu tio, Hollis Wilson, e um conhecido dele de Alamogordo, ouviu falar pela primeira vez nas histórias de disco voador que corriam a região naquela época. Tanto Hollis como o sujeito de Alamogordo acharam que papai talvez tivesse recolhido fragmentos de um desses objetos e aconselharam-no a procurar as autoridades.

Papai ainda não estava convencido, mas sabia que o material não se parecia com coisa alguma que já tivesse visto, de modo que no dia seguinte chamou os dois garotos e partiu para Roswell, passando antes por Tularosa, onde deixou os meninos com mamãe. Creio que sua intenção fosse seguir para Roswell e comprar um novo jipe. Não faria com certeza a viagem só por causa do achado, mas não deve ter previsto em que se estava envolvendo. Uma coisa é certa: não comprou o jipe naquela viagem.

Algumas das reportagens dizem que ele foi a Roswell para vender lã. Não sei de onde tiraram a história, ou a outra informação incluída na reportagem, mas posso dizer com certeza que papai nunca vendeu lã em Roswell. Sempre firmava contrato com uma companhia de Utah, que recolhia o material na fazenda com seus próprios caminhões. De qualquer modo, sei que não foi à cidade para vender lã, e sim para trocar o jipe.



Julho de 1947. Foto do fazendeiro W.W. "Mac" Brazel, a primeira pessoa a encontrar os destroços quando inspecionava as cercas de sua fazenda.

(Sra. Lorraine Brazel Ferguson)

P. - Ele alguma vez descreveu para vocês o que encontrou?

R. - Não, não propriamente. Mas não era preciso, porque eu próprio possuía fragmentos do material. Ele mostrara o local onde o encontrara, mas é claro que não se achou coisa alguma depois que a Força Aérea mandou um pelotão de soldados recolher todos os destroços e fragmentos. Ainda assim, toda vez que eu passava por aquele pasto fazia questão de procurar. Depois de uma boa chuvarada conseguia encontrar um ou dois fragmentos que haviam ficado esquecidos. Após um ano e meio ou dois consegui acumular uma pequena coleção. Se a colocasse aqui sobre esta toalha ocuparia a área aproximada desta sua pasta.

P. - É capaz de descrever o que encontrou?

R. - Sim. Havia diferentes tipos de material. Claro que tudo pequenino, mas uma coisa posso dizer: era muito leve. Não pesava quase nada. Recolhi partículas que lembravam madeira. No peso pareciam pau-de-balsa, mas na coloração eram um pouco mais escuras e bem mais resistentes. Conforme sabe, quanto mais dura a madeira, mais pesada. Mogno, por exemplo, é muito pesado. Esse material, por outro lado, nada pesava, mas era impossível arranhá-lo com a unha, como a balsa comum. Impossível também quebrá-lo. Era flexível, mas não quebrável. Claro que eu possuía apenas algumas lascas. Nunca me ocorreu queima-lo, de modo que não sei se era ou não à prova de fogo.
Havia também vários fragmentos de uma substância parecida com metal, algo assim como folha de estanho, só que não rasgava e era de coloração um pouco mais escura. Parecia folha de chumbo, só que muito fina e extremamente leve. O estranho era que essa folha,

quando enrugada, recuperava imediatamente a forma original. Era extremamente flexível, mas não se podia marcá-la ou torcê-la como ao metal comum. Mais parecia uma espécie de plástico, só que era definitivamente de natureza metálica. Não sei o que era, mas papai falou uma vez que o exército dissera que haviam concluído definitivamente não ser coisa fabricada na Terra.
E havia também material parecido com linha. Assemelhava-se à seda, e eu tinha vários fragmentos. Não era suficientemente espesso para ter o nome de barbante, mas também não era fino como linha de coser. Tinha toda a aparência de seda, mas não o era. Fosse o que fosse, também era material muito resistente. Quem o pegasse com as duas mãos e tentasse arrebentá-lo não o conseguiria. Não apresentava fios ou fibras, como a seda. Parecia mais um arame, algo de substância inteiriça. Creio mesmo que era uma espécie de arame, idéia que nunca me ocorreu antes.
Nunca vi material semelhante na minha vida. Nada disso tinha aparência natural. Agora que penso no caso, acho que parecia sintético.

P. - Havia escrita ou marcação em qualquer parte do material que recolheu?

R. - Não, não no que eu recolhi. Mas papai disse uma vez que havia o que chamou de "figuras" em alguns dos fragmentos encontrados por ele. Referia-se muitas vezes aos petróglifos, desenhados pelos antigos índios nas rochas destas imediações, como "figuras", e creio que os comparava a eles.

P. - Que fim levou a sua coleção? Ainda a conserva?

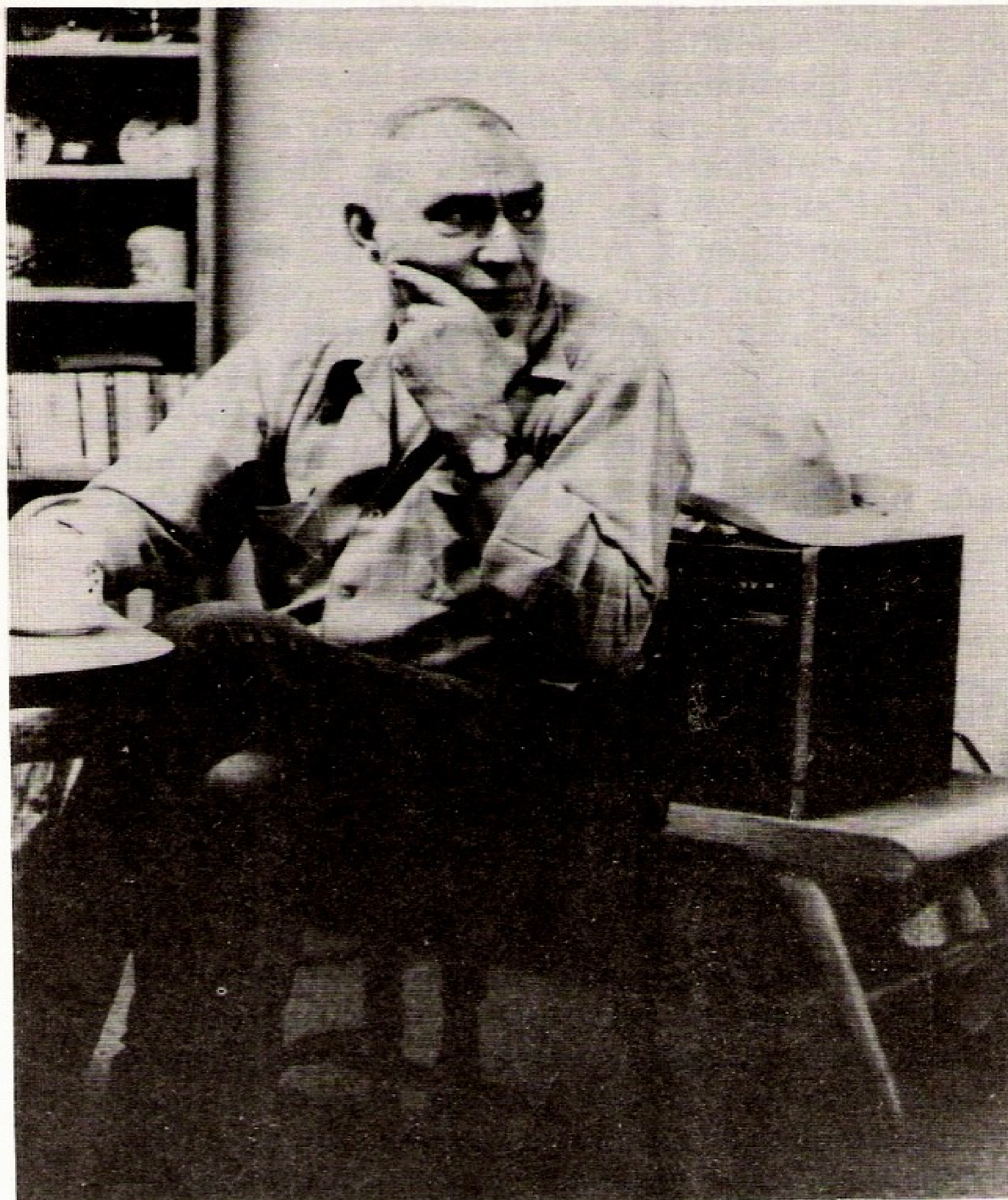
R. - Esta é a parte mais estranha da história. Não, não a tenho mais.

Uma noite, cerca de dois anos após o incidente com papai, fui a Corona à noite. Creio que lá falei demais. Mais do que devia. Sei que mencionei a coleção a alguém. De qualquer modo, no dia seguinte um carro oficial apareceu na fazenda, vindo de Roswell e trazendo um capitão e três soldados. Papai estava ausente na ocasião, mas não andavam à procura dele. Queriam falar comigo. Parece que o capitão-Armstrong, creio que se chamava Capitão Armstrong - ouvira falar na minha coleção e pedia para vê-la. Claro que a mostrei e ele disse que aquele material era importante para a segurança do país e que eu devia entregá-lo. Parecia mais interessado no material que lembrava barbante do que em qualquer outra coisa. Eu não sabia o que fazer, de modo que concordei. Pediu então que o levasse até o pasto, onde eu encontrara os fragmentos, e obedeci. Remexeram um pouco por lá, verificaram que aparentemente nada mais restava do material, e mais uma vez o capitão me perguntou se eu tinha algum outro fragmento, ou sabia de alguém que o tivesse. Respondi que não, não tinha; e ele disse que se algum dia eu encontrasse mais alguma coisa era importante que me comunicasse imediatamente com ele, em Roswell. Naturalmente concordei, mas nunca o procurei porque não encontrei mais nada.

P. - Esse material poderia fazer parte de uma espécie de balão?

R. - Não, isso posso dizer com certeza. Definitivamente, não era nenhum tipo de balão. Recolhemos balões por toda esta região e sempre que encontrávamos algum nós o devolvíamos porque às vezes nos davam alguma recompensa. Aquilo não era balão, embora eu tenha perguntado uma vez a papai se ele encontrara algo parecido com uma caixa de instrumentos, em conexão com essa história. Ele respondeu que não, não havia nenhuma caixa de instrumentos.

Estranho é que quando papai foi a Roswell, dirigiu-se primeiro ao Bureau de Meteorologia para dar parte do que encontrara. Foi o Bureau que o aconselhou a procurar o xerife. Mais uma coisa que pode interessar: certa vez perguntei a papai se havia algum ponto queimado no chão onde estavam os destroços. Ele disse que não, mas na segunda viagem até lá notara que parte da vegetação daquela área parecia um tanto chamuscada nas pontinhas. Não queimada, apenas chamuscada. Não me lembro de ter visto isso, mas foi o que ele disse.



Bill Brazel, filho do fazendeiro W. W. Brazel. Sua coleção de "fragmentos de discos" foi confiscada pela Força Aérea em 1949, depois que Bill "falou demais" uma noite, num bar de Corona, Novo México.

(W. L. Moore)

P. - Seu pai mencionou alguma vez criaturas relacionadas com os destroços?

R. - Não. Papai nunca mencionou isso, mas é estranho que faça a pergunta. Um sujeito que trabalhou comigo em uma missão no Alasca parecia saber algo a respeito. Conversávamos sobre diversos assuntos, uma noite, quando veio à tona a história daquele disco voador que parece ter pousado durante algum tempo na tundra do Alasca. Mencionei a história em que papai estivera envolvido e, para minha surpresa, ele perguntou se eu queria saber mais alguma coisa sobre o caso. Disse então que tinha descoberto o restante daquele objeto caído em uma região deserta, juntamente com algumas criaturas. Contou que quando entraram no disco avariado, duas dessas criaturas disse que tinham cerca de metro ou metro e vinte de altura e eram calvas - ainda estavam vivas, mas tinham a garganta muito queimada por inalarem gases inflamáveis, ou fumaça, ou algo semelhante, e não conseguiram se comunicar. Contou que foram levadas para a Califórnia e mantidas com vida durante algum tempo em aparelhos de respiração artificial, mas que ambas haviam morrido antes de conseguirem descobrir um meio de se comunicarem com elas. O sujeito se chamava Lamme e ele disse os nomes dos outros homens envolvidos no incidente, mas não consigo recordá-Ios no momento. É só o que posso dizer a respeito, exceto que me surpreendi ao ouvir a história.

Conforme já observamos, o pai de Bill Brazel morreu em 1963, infelizmente sem fazer outras declarações à imprensa e certamente sem qualquer conhecimento dos homenzinhos a quem talvez tenham pertencido os destroços encontrados. Ainda assim, em seus anos de silêncio, deve ter tido ocasião de se perguntar por que, já que o

incidente era de importância cósmica, não o explicaram mais tarde. E, com certeza, não foi o único a se fazer a pergunta.

Floyd Procter era o vizinho mais próximo de Brazel. Morava a cerca de doze quilômetros da fazenda e, quando entrevistado (Moore, junho de 1979), recordou muito bem do incidente.

R. - Brazel veio a minha casa no final da tarde, todo excitado por ter encontrado uns destroços na sua fazenda. Queria que eu fosse com ele olhar a coisa, descrevendo-a como "feita do material mais estranho que jamais vi". Eu estava cansado e preocupado e não queria me dar ao trabalho de ir até lá àquela hora. Ele tentou, insistiu mesmo em nos levar ao local para dar uma espiada.

P. - Que foi que Brazel disse?

R. - Ele estava tagarela, o que era raro, e não parava de falar no assunto. Descreveu o objeto como muito estranho. Disse que, fosse o que fosse, tinha desenhos que lembravam sinais chineses, ou japoneses. Não era de papel, porque não conseguiu cortá-lo com a faca, e o metal era diferente de tudo o que já vira até então. Disse que os desenhos pareciam o tipo de rabiscos que a gente encontra nos envoltórios dos fogos de artifício... espécie de figuras desenhadas em cores claras, nada de escrita como a nossa.

P. - Sabe o que ele fez com isso?

R. - Sugerimos que levasse a Roswell... e logo em seguida soubemos que ele estava em Roswell. Conservaram-no por lá cerca de uma semana, sob guarda. Falou muito no assunto antes de ir; depois não quis dizer grande coisa. Dava a impressão de querer

mudar de assunto. Não falou nada, exceto que haviam dito que era uma espécie de balão. Seja como for, conservaram Mac por vários dias e mandaram um grupo recolher tudo. Em seguida trouxeram Brazel de avião.

P. - Ele disse mais alguma coisa a respeito da estada na base?

R. - Não sei o que fizeram com ele em Roswell, mas sei que L. D. Sparks (ex-vizinho) e eu o vimos em Roswell quando fomos à cidade, um dia. Estava cercado de militares, meia dúzia pelo menos, e passou por nós como se não nos conhecesse.

Quando lhe perguntaram quantos homens tinham vindo recolher os fragmentos, Procter disse que não sabia. Declarou que o local do acidente ficava a dez ou doze quilômetros da antiga casa dos Foster (a casa da fazenda de Brazel, agora derrubada), em um prado usado para pastagem das ovelhas, e que as terras são agora ocupadas por uma família de nome Chavez.
A essa altura da entrevista, a mulher de Procter entrou na sala e, ao perceber do que estávamos falando, apresentou informação interessante. O irmão da Sra. Procter, Robert R. Porter, de Great Falls, Montana, era um dos homens que se encontravam no avião que transportou os destroços para a base aérea de Carswell, em Fort Worth, a caminho do Campo Wright-Patterson, Ohio. Ela recorda ter ouvido Porter dizer que interrogara vários dos outros homens desse vôo sobre o porquê de todo aquele sigilo e se o material envolvido e guardado no compartimento de carga era de fato um disco voador. E responderam: "É exatamente isso e não faça mais perguntas." Acrescentou que não sabia ao certo se o material era o de Brazel ou outro. Porter confirmou a narrativa da irmã em entrevista telefônica em meados de julho de 1979, acrescentando

que o que quer que estivesse no compartimento de carga, fora escoltado por guarda armada, designada para a missão em Roswell.
A irmã mais velha de Brazel, Lorraine Ferguson, mora em Capitan, Novo México, e aos oitenta e três anos é ainda uma pessoa ativa, sem problemas de memória. Quando Moore a visitou em junho de 1979, ela estava trabalhando no jardim, na parte lateral da casa, com um grande chapelão típico do "Velho Oeste". Numa reminiscência pré-entrevista informou a Moore que um primo em primeiro grau de seu pai era Wayne Brazel, o homem que matou Pat Garrett que, por sua vez, já alcançara considerável fama por ter matado Billy the Kid.

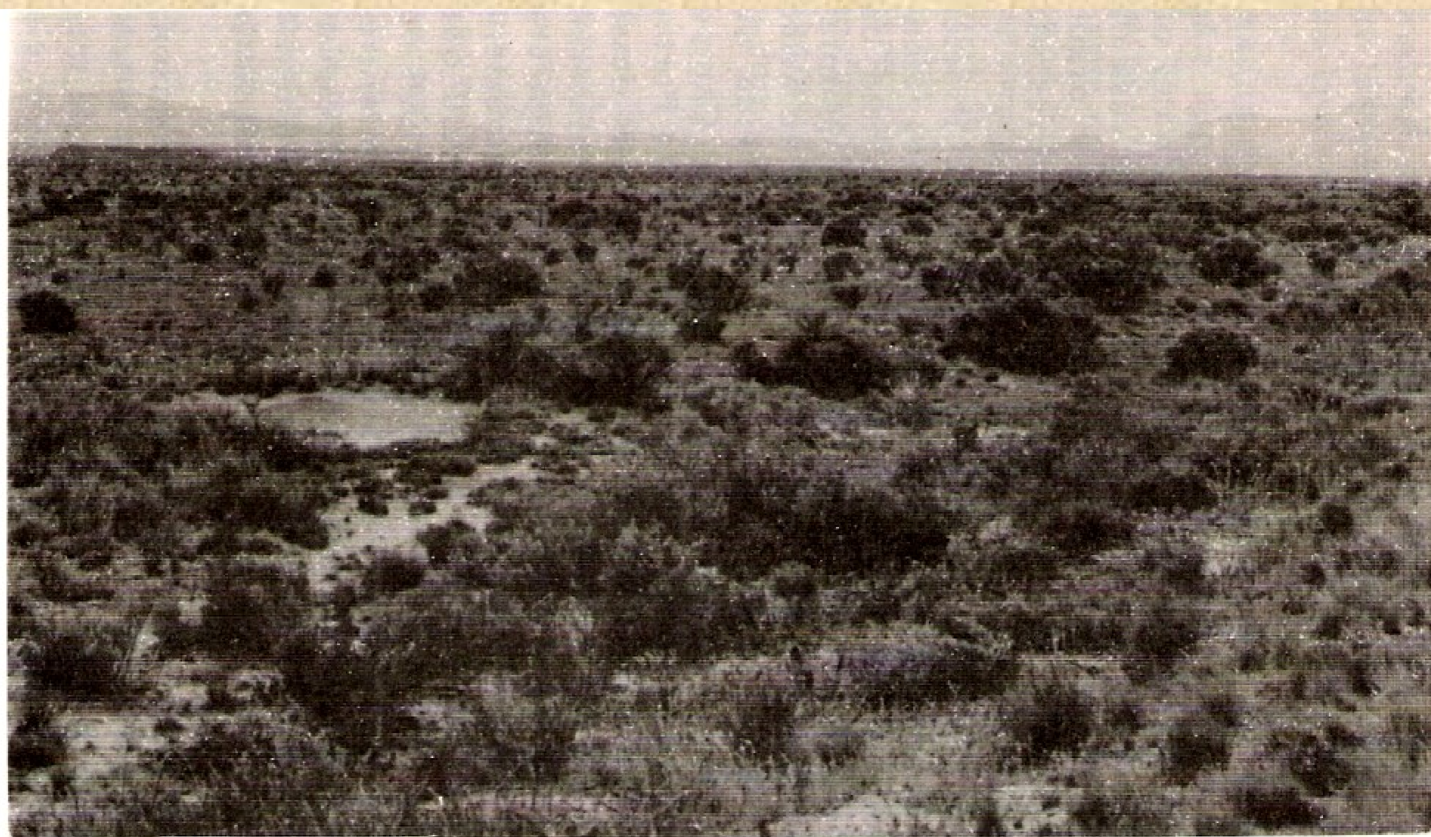


Foto da Fazenda Foster, próximo a Corona, Novo México, mostrando a área onde foram recolhidos os destroços. Embora uma aparente explosão a bordo do disco voador tenha resultado na queda de grande quantidade de fragmentos e destroços neste local, a nave propriamente dita conseguiu permanecer no ar por mais algum tempo, antes de se espatifar no solo, cerca de 180 quilômetros a oeste deste local.

(W.L. Moore)

P. - Por que chamavam William Brazel de Mac?

R. - Costumávamos chamá-lo assim porque em bebê era a cara do Presidente McKinley.

P. - Lembra-se de uma história referente a algo que desabou sobre a fazenda de Mac, em Corona?

R. - Claro que me lembro, porém Mac só falava no assunto com extrema relutância. Disse que não queria confusão por causa da história, mas é claro que houve assim mesmo. O que quer que encontrou estava despedaçado e algumas partes apresentavam uma estranha escrita. Mac disse que era como a escrita que se encontra nos foguetes japoneses ou chineses. Não era propriamente escrita, mas apenas uns rabiscos. Claro que não conseguiu ler. Nem ele, nem ninguém, que eu saiba... Todo mundo na fazenda conhecia a história, mas ninguém decifrou o que era, ou a sua finalidade. A princípio disseram que era um balão de meteorologia, mas é claro que não era... Mac não gostava de chamar atenção, de modo que evitava falar no assunto. Além disso, o pessoal da Força Aérea disse-lhe que silenciasse sobre o fato.
As estranhas figuras pictórias impressas sobre os fragmentos de metal, que, se faziam parte de um OVNI, seriam a nossa primeira visão de escrita extraterrena, vieram à tona novamente em julho de 1979, em uma entrevista com Bessie Brazel Schreiber, filha de Mac Brazel.
Embora tivesse apenas doze anos na época, a queda de um objeto estranho na fazenda de seu pai marcou-a fortemente. Descreveu os destroços como "uma porção de fragmentos espalhados pelo prado. Havia pedaços que pareciam papel impermeável e uma espécie de

folha estanhada. Alguns desses fragmentos apresentavam algo semelhante a números e letras, mas não havia palavras que conseguíssemos entender. Algumas das folhas metálicas tinham uma espécie de fita gomada presa a elas. Quando a gente as colocava contra a luz, apareciam rabiscos, que lembravam flores, ou desenhos em cores claras. Embora o material parecesse fita gomada, não podia ser arrancado ou removido. Era muito leve e abundante".

P. - Que aconteceu quando seu pai levou parte desse material à cidade, para mostrá-lo às autoridades?

R. - Estávamos com ele em Roswell, mas não o acompanhamos quando foi procurar as autoridades. Ele se dirigiu primeiro ao gabinete do xerife, e daí mandaram-no à base militar. Conversaram com papai o dia inteiro. No dia seguinte fomos assediados pelo pessoal militar e da imprensa. Recomendaram que não falássemos no assunto. Naquele tempo, quando os militares diziam para não se falar em determinado assunto, não se discutia.

P. - Lembra-se de como era essa espécie de escrita?

R. - Lembro-me. Pareciam números. Deduzi, pelo menos, que fossem números. Eram escritos como se escrevem algarismos em colunas, para fazer conta de somar. Mas não pareciam nem um pouco com os números que usamos. Creio que o que me deu a idéia de algarismos foi o fato de estarem dispostos em colunas.

P. - Os destroços encontrados pertenceriam a um balão atmosférico?

R. - Não, decididamente não era um balão. Vi muitos balões

meteorológicos, tanto no solo como no ar. Tínhamos até encontrado dois, ao estilo dos balões japoneses, que caíram certa vez na região. Havíamos também recolhido uns dois desses balões meteorológicos de borracha fina, com caixa de instrumentos. Não era nada disso. Nunca vi coisa semelhante, antes ou depois... Nunca mais encontramos fragmentos dele, depois que os militares andaram por lá. Claro que voltamos ao local muitas vezes, no decorrer dos anos, mas não achamos sequer um farrapo. Os militares fizeram uma limpeza completa.

Finalmente há a questão da entrevista de Brazel pela Rádio KGFL de Roswell, Novo México, e suas conseqüências. Supõe-se que tenha sido entrevistado na época do incidente por W. E. Whitmore, então proprietário da KGFL, que gravou a entrevista e pretendia usar a reportagem como "furo", na onda da Mutual. W. E. Whitmore já é falecido, mas o filho, Walt Whitmore Jr., lembra-se de que o pai escondeu Brazel em casa para conseguir uma entrevista exclusiva. No momento da entrevista, o Exército, segundo Whitmore, estava "tendo um ataque" por não conseguir localizar "o fazendeiro que encontrara o disco voador". E acrescentou que ignorava o que acontecera ao fazendeiro depois que ele saiu da casa dos Whitmore, mas supunha que a Força Aérea "descobriu-o e o colocou fora de circulação".

Quando W. E. Whitmore gravou a história e tentou transmiti-la pela Mutual, não o conseguiu. Entretanto, começou a irradiar localmente um comunicado preliminar através da KGFL. A essa altura, porém, um homem chamado Sloie fez um telefonema interurbano para a estação. Identificando-se como o secretário do Comitê Federal de Comunicações, de Washington, D.C., informou a Whitmore, em tom imperativo, que a questão envolvia a segurança nacional e se o jornalista estivesse interessado em manter a licença de sua

estação de rádio teria que cessar imediatamente a transmissão da reportagem e esquecer totalmente o assunto. Enquanto Whitmore, que percebeu então achar-se envolvido em assunto de importância cósmica, tentava tomar uma decisão, houve um segundo telefonema de Washington, este a nível senatorial. Era o senador Chavez, do Novo México, então presidente do poderoso Comitê de Apropriações do Senado. Chavez sugeriu de modo persuasivo que Walt Whitmore fizesse o que lhe aconselhava Sloie, obedecendo às diretivas da CFC. O jornalista concordou imediatamente.

Whitmore Jr. disse que, embora só tenha estado no local do acidente depois que a Força Aérea fez a "limpeza", viu parte dos fragmentos levados à cidade pelo fazendeiro. De acordo com sua descrição, consistiam principalmente de substância semelhante a folha metálica fina, mas de extrema resistência, e alguns pequenos caibros, que eram ou de madeira ou parecidos com ela. Parte desse material apresentava uma espécie de escrita que lembrava números somados ou multiplicados. Whitmore recorda que o pai se dirigiu ao local num Buick, mas foi mandado de volta por soldados armados, que fizeram uma barreira na estrada. Várias outras pessoas da cidade tentaram ir até lá, mas foram impedidas pelos guardas, que disseram que a área estava isolada por causa de um projeto "ultra-secreto".

Dias depois, Whitmore Jr. aventurou-se a ir até o local e encontrou uma faixa de pastagem com cerca de 160-180 metros, escavada em feitio de leque, sendo que a maior parte dos danos situava-se no ponto mais estreito do leque. Declarou que, fosse o que fosse, "simplesmente varrera (a área)... A Força Aérea do Exército pesquisou o local por dois dias, limpando tudo. Lembro-me de ter ouvido dizer que tudo foi transportado para a Base de Wright-Patterson, em Ohio, depois que a Força Aérea tentou reunir os destroços em Roswell. Aparentemente ninguém com quem conversei

sabia ao certo do que se tratava, mas ouvi por diversas vezes a explicação do 'disco voador'".
Acrescentou que o fragmento maior do material por ele visto teria dez a quinze centímetros e parecia folha de chumbo, mas não podia ser rasgado ou cortado. Quanto ao peso, era extremamente leve.
Walt Whitmore Jr. recordava o Tenente Haut, então Oficial de Informações da Base, e sentia pena dele: O Oficial de Informações de Walker (a Base Aérea Militar de Roswell chama-se agora Base Aérea de Walker) foi muito censurado por causa do episódio. Jamais deveria ter divulgado a história de que haviam recolhido um disco voador. Permaneceu pouco tempo na base após o incidente - questão de meses - e depois foi transferido.
Baseado nos informes até agora obtidos, podemos postular um quadro experimental da seqüência de ocorrências e descobertas. Entre 21h45min e 21h50min do dia 2 de julho de 1947, o que parecia ser um disco voador sobrevoou Roswell, rumando para noroeste a grande velocidade, e foi visto pelos Wilmots. Em algum ponto ao norte de Roswell, o disco encontrou uma tempestade elétrica, assistida por Brazel, fez uma correção no rumo, seguindo para sul-sudoeste, foi atingido por um raio e sofreu graves avarias a bordo. Uma grande quantidade de destroços caiu ao solo, mas o próprio disco, embora avariado, conseguiu permanecer no ar o tempo suficiente para transpor as montanhas, antes de se espatifar no solo, na região a oeste de Socorro, conhecida como Planície de San Augustin. Os destroços que caíram na fazenda de Brazel foram descobertos na manhã seguinte pelo próprio fazendeiro, quando este percorria a pastagem, e apenas então o Major Marcel, da Base Aérea Militar de Roswell, foi alertado. Quanto ao próprio disco e sua malfadada tripulação, caíram por acaso próximo ao local onde Barnett estava escalado para fazer uma avaliação na manhã seguinte e onde os estudantes de arqueologia deveriam iniciar uma

escavação.
No segundo local, a Planície de San Augustin, em Catron County, os militares assumiram o controle mais rapidamente do que no primeiro devido à demora entre o momento em que Brazel descobriu os destroços e quando por fim deu parte às autoridades. Embora a seqüência de acontecimentos de San Augustin precedesse de vários dias a da fazenda de Brazel e de Roswell, o vazamento de notícias foi abafado com mais eficiência e a chegada de informes aos meios de comunicação foi lenta e vaga, no melhor dos casos. Como resultado, embora essa primeira intervenção militar não tenha partido da base de Roswell, as notícias originais transmitidas pelos jornais e o rádio, em sua confusão, sugeriam a existência de um só local e, o que é compreensível, referiam-se apenas ao primeiro, alvo de muito mais publicidade devido ao press release precipitado de Haut. (É o caso de se pensar, a essa altura, se Haut não teria recebido ordens de entregar a história de Roswell à imprensa, escrevendo o comunicado com a finalidade específica de afastar a atenção do incidente de San Augustin.) Seja como for, há indícios de que o grupo militar que esteve no local de San Augustin veio da Base Aérea de Alamogordo, nos Campos de Testes de White Sands, e que o sigilo no caso foi maior que o de Roswell.
Ainda assim, as comunicações militares em alto nível funcionavam bem, ao que parecia, pois uma expedição científico-militar foi rapidamente organizada e, de acordo com um suposto participante, enviada à Base Aérea de Muroc, na Califórnia, ao encontro do trem que transportaria os destroços e os corpos recolhidos (e talvez dois sobreviventes).
Este grupo científico-militar rapidamente reunido talvez tenha fornecido a primeira descrição física aproximativa dos ocupantes do disco voador e respondido à pergunta: seriam infelizes pilotos de prova humanos, ou viajantes de um ou outro mundo, que

encontraram no nosso o seu derradeiro destino?

5
Descrição dos Alienígenas

MEADE LAYNE, já falecido, diretor da Borderland Sciences Research Foundation, de Vista, Califórnia, escreveu, provavelmente em 1949, vários memorandos referentes aos relatórios de alguns dos supostos participantes dessa "convocação" científica. Um desses memorandos foi apresentado pelo Sr. Riley Crabb, atual diretor da fundação.

Declara o documento de Layne que, "com base na presente informação", considerava autênticos os fatos. Quanto às fontes, declarou que sua "informação mais direta" fora fornecida por três pessoas, duas das quais cientistas de renome e a terceira, homem de negócios de alto nível.

"Um dos cientistas, o Dr. Weisberg, professor de física de uma universidade da Califórnia, viu pessoalmente o disco e participou do exame. Declara que o formato do disco era o de um casco de tartaruga e o espaço da cabine tinha cerca de quatro metros e meio de diâmetro. Os corpos dos seis ocupantes estavam chamuscados... e o interior do disco fora gravemente danificado por intenso calor. Uma vigia estava despedaçada...

A autópsia de um dos corpos revelou que o ser parecia um ente humano normal, exceto no tamanho. Havia um corpo sentado diante do que seria a mesa de controle. A sua frente encontravam-se alguns "instrumentos" e nas paredes ou painéis, caracteres em linguagem

desconhecida para qualquer dos investigadores. Disseram eles que não se parecia a nada de seu conhecimento e que decididamente não era russo. Não viram hélice ou motor e não compreenderam como o aparelho era impulsionado ou controlado. Achavam possível que o disco se tivesse danificado em conseqüência de atrito com a atmosfera...”

O outro depoimento do Dr. Weisberg é particularmente interessante por sugerir de que modo o OVNI chegou ao seu destino na Base Aérea de Edwards. Segundo ele recorda, foi transportado de caminhão até Vaughn, em Guadalupe County, onde o colocaram num vagão especial da Atchison, Topeka & Santa Fé, que passa por Vaughn. Foi "mantido em sigilo" ao passar por Belen, Grants e Gallop, no Novo México, Flagstaff, Arizona, Needles e Cadiz, na Califórnia, para finalmente chegar a Muroc, onde se situa o Campo Edwards.

Embora não saibamos ao certo que material seguiu para Fort Worth e qual seguiu para Muroc, ocorreram aparentemente embarques em ambas as direções: o disco e seus ocupantes foram para Muroc e os destroços estranhos para Fort Worth e, em seguida, para o Campo de Wright, em Ohio. Houve até boatos persistentes no sentido de que a certa altura da década de 50, provavelmente após uma suposta visita do Presidente Eisenhower ao material e aos corpos mantidos em Edwards, eles foram reunidos sob o mesmo teto, numa estrutura com a simples designação de "Prédio 18-A, Área B", na Base Aérea de Wright-Patterson. (Pedidos de informação sobre o conteúdo do Prédio 18-A, dirigidos a Wright-Patterson, obtêm em geral a resposta de que não existe Prédio 18-A.) Mais tarde, no início de 1978, segundo boatos, mais uma vez a Força Aérea reagiu à crescente pressão pública no sentido de uma revelação, transportando de avião Guppie os corpos cuidadosamente

conservados e parte dos destroços até um galpão especialmente construído e guardado, localizado no recinto da CIA em Langley, Virgínia. O restante foi embarcado sob forte escolta para a Base Aérea de McDill, Flórida, onde se presume ainda estejam, embora não para a visitação pública.

Um outro tipo um tanto fora do comum de corroboração, no sentido de que algo de significativo foi de fato recolhido, advém do caso do Barão Nicholas von Poppen, nobre refugiado vindo da Estônia. Von Poppen elaborou um sistema de análise metalúrgica por fotografia e trabalhava na região de Los Alamos como fotógrafo industrial, concentrando-se primordialmente no setor da aeronáutica. Segundo citações de Gray Barker (UFO Report, maio de 1977), antigo investigador de OVNI's e proprietário da adequadamente denominada Saucerian Press, de Clarksburgh, West Virginia, von Poppen foi contratado pelas autoridades militares para fotografar o disco danificado (a essa altura "disco voador" já fazia parte do vocabulário corrente).

São surpreendentes os pontos mais destacados da narrativa de von Poppen. Em data não especificada, nos finais da década de 40, ele foi procurado por dois representantes do Serviço de Informação Militar, que lhe propuseram uma missão fotográfica ultra-secreta, com salário excepcionalmente elevado, mas sob a condição de que seria imediatamente deportado se revelasse qualquer coisa do que visse ou fotografasse. Mais tarde os agentes escoltaram-no de avião até uma base aérea, que lhe disseram ser Los Alamos (mas que poderia ter sido Edwards). Foi então conduzido a um grande objeto que lembrava o conceito popular de disco voador. Permaneceu na base diversos dias, fotografando. Os filmes eram retirados da câmera por militares à medida que cada um se esgotava. Segundo recorda, bateu centenas de fotos. Nos close-ups disseram-lhe que era importante mostrar a textura do metal.

Von Poppen avaliou a máquina em cerca de nove metros de diâmetro, tendo a cabine interna, mais ou menos, seis metros de diâmetro, com teto recurvo. Entre a cabine e o revestimento externo havia espaço para cabos feitos de metais ou ligas desconhecidos. Nessa cabine principal havia quatro lugares diante de um painel de controle, "coberto de botões e pequeninas alavancas". Folhas de plástico recobertas de símbolos achavam-se espalhadas no painel de controle e no chão.

Ainda atado a cada um dos quatro lugares achava-se um corpo extremamente magro, com altura variando entre 60 centímetros e um metro e vinte (impressionante similaridade com os seres extraterrenos de Contatos Imediatos de Terceiro Grau). Segundo citação de Gray Barker, von Poppen declarou:

O rosto dos quatro era muito branco... (Vestiam) roupa preta e brilhante, de uma só peça, sem bolsos e justa nos pés e no pescoço... Os sapatos... eram feitos do mesmo material e pareciam muito macios, não-rígidos... As mãos lembravam mãos humanas, embora macias como as de uma criança, com cinco dedos, juntas de aparência bem normal e unhas bem aparadas.....

Como von Poppen fora contratado para fotografar metais e não extraterrenos, dissuadiram-no de examinar muito de perto a surpreendente tripulação da aeronave. (Até ver os ocupantes, von Poppen julgara que a nave, com sua classificação de alto sigilo, fosse um projeto ultra-secreto.)

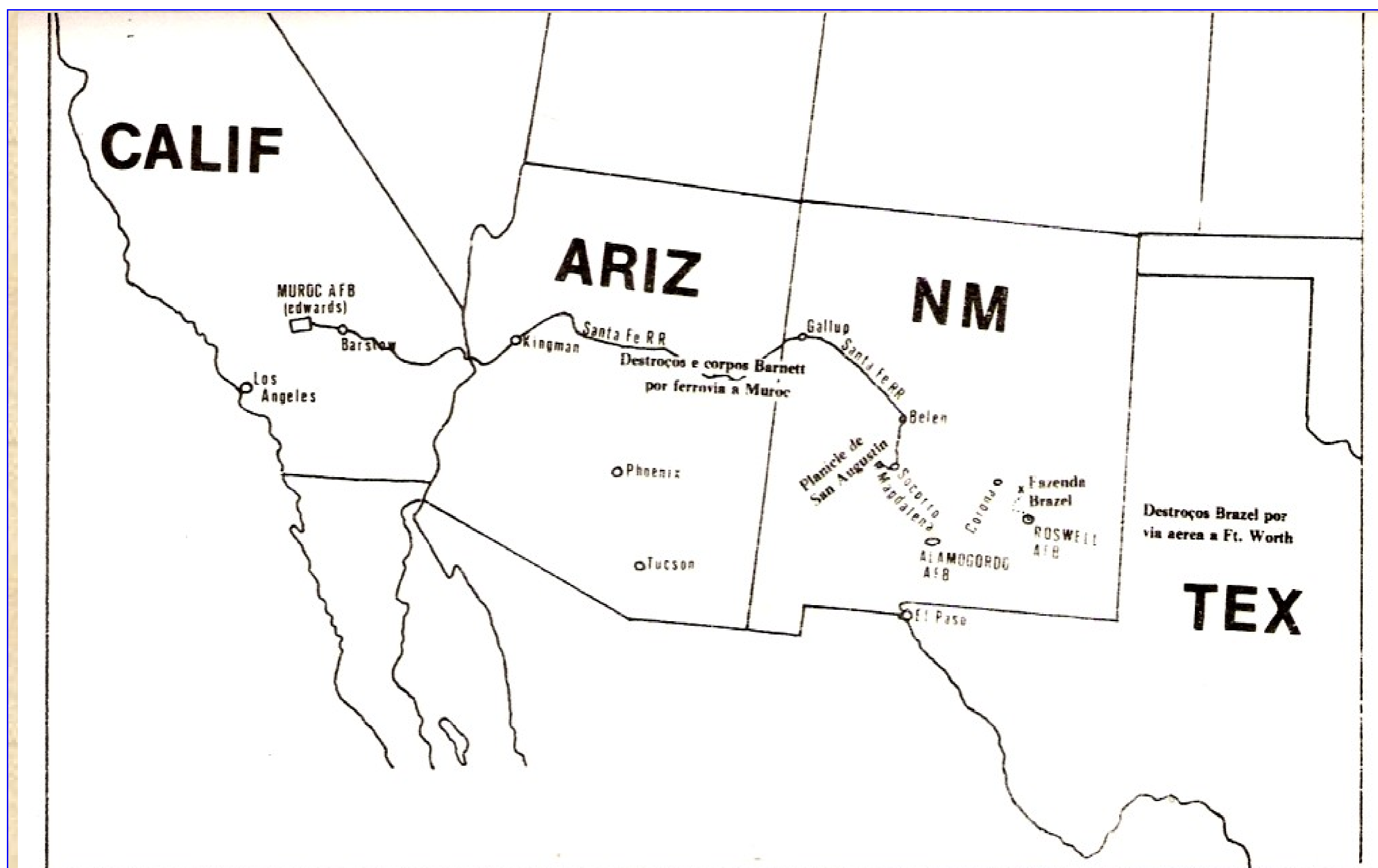
Á medida que fotografava por dias seguidos a espaçonave (mas não os corpos) sua curiosidade científica vencia as recomendações de que não devia levar souvenirs. Tentou tirar algo da nave, mas foi logo traído por um beep crucial num ponto de verificação e, em conseqüência, tomaram-lhe o objeto. Von Poppen foi finalmente

levado de regresso a Los Angeles, partindo da área identificada como Los Alamos. Antes de embarcar ouviu boatos de que a nave seria transportada para a Base Aérea de Wright-Patterson, em Ohio.

Embora não conseguisse obter qualquer parte da espaçonave para estudo ou fotografia posteriores, von Poppen conseguiu esconder, ou obter mais tarde, uma foto do disco voador danificado. Conservou o negativo em envelope bem guardado, a ser aberto depois de sua morte, ou, segundo sua própria e cautelosa expressão, "caso algo me aconteça".

Von Poppen morreu em Hollywood, no verão de 1975, com quase noventa anos, mas nenhum vestígio da foto em questão foi jamais encontrado. Se estava guardada numa caixa forte, talvez ainda ali se encontre, e se for descoberta, um dia, por um desavisado funcionário do banco, será sem dúvida reconhecida pelo que é.

Len H. Stringfield é um antigo investigador de OVNI, autor de Situation Red, the UFO Siege (Situação Vermelha, o Cerco dos OVNI's - Doubleday, 1977), pesquisador e chefe de relações públicas da Du Bois Chemicals de Cincinnati, Ohio.



Possível rota seguida pelo transporte militar para levar os destroços do local do desastre à Base Aérea de Muroc, Califórnia.

(W.L. Moore)

Stringfield, em entrevista com Moore, em julho de 1979, declarou que seu genro, Jeffry Sparks, professor assistente de arte dramática do St. Leo's College, Dade City, Flórida, conversou com uma pessoa que alegava ter visto corpos de humanóides na Base Aérea de Wright-Patterson, no decurso de 1966. Sparks revelou o nome de seu contato a Stringfield, que subseqüentemente conversou por longo tempo com essa testemunha, a 5 de julho de 1978.

O indivíduo em questão, identificado, a seu pedido, como J. K. por causa dos regulamentos de segurança, ocupa cargo de responsabilidade em uma firma particular de Tampa, Flórida. De

1966 a 1968, J. K. serviu como oficial de informação militar da Nike Missile Air Intelligente (ADCAP) (Serviço de Informação Aérea dos Mísseis Nike), em Wright-Patterson.

Enquanto se achava nessa base militar, J. K. alega ter observado os corpos de nove seres alienígenas mortos e conservados em condições de congelamento profundo, em compartimentos de vidro espesso, bem iluminados. Descreveu os corpos como de estatura baixa, com cerca de metro e vinte de altura e, sob as condições de iluminação vigentes, epiderme acinzentada. A área de pesquisa onde os corpos eram conservados achava-se sob pesada e constante guarda, externa e interna.

Enquanto observava os corpos disseram-lhe que havia nada menos de trinta assim conservados em Wright-Patterson. Embora visse os corpos, não observou nenhuma nave alienígena na base, mas foi informado de que elas existiam, tanto ali como na Base Aérea de Langley e na de McDill, Flórida.

Segundo J. K., unidades móveis altamente treinadas eram mantidas em determinadas bases militares em estado de alerta permanente, prontas para serem despachadas a qualquer ponto dos Estados Unidos a fim de recolherem OVNI's caídos ao mar ou destroçados em terra. Contou também que "desde 1948, informação secreta referente à atividade dos OVNI's envolvendo militares dos Estados Unidos acha-se contida em um centro de computação de Wright-Patterson" e que "dossiês de reforço em duplicata são secretamente mantidos em outras instalações militares selecionadas".

As declarações acima foram em parte confirmadas por Edward Gregory, de Livermore, Califórnia, que trabalhou na equipe de relações públicas da Base Aérea de Roswell sob as ordens do Tenente Haut, em 1947. (Consultar o Capítulo 4.) Gregory foi mais tarde transferido para o 462º. Esquadrão da USAF, cuja finalidade era investigar para a Força Aérea notícias referentes a OVNI's,

seguindo seus relatórios direto para o Q.G. do Comando de Defesa Aérea. Gregory declarou, em entrevista telefônica com Stan Friedman, que havia equipes de três homens altamente treinados para seguir, a qualquer momento, para um lugar onde se suspeitasse ter ocorrido a queda de um OVNI. Segundo Gregory, na época em que esteve no 462º., essas equipes foram diversas vezes convocadas para investigar supostas quedas de OVNI's.

Entre os muitos pesquisadores do Incidente Roswell, Len Stringfield preocupou-se especialmente com a aparência física dos ocupantes do suposto disco voador. E conseguiu, no decurso de suas investigações, falar a médicos (não identificados por seu insistente pedido) convocados por agências do governo no inicio da década de 50, aparentemente para realizarem nova série de autópsias, além de outras feitas em 1947. É de se indagar o porquê de uma nova série de autópsias; talvez para comparação de dados, ou renovação de interesse nos supostos corpos alienígenas, que, segundo Stringfield, eram mantidos em formol entre autópsias - e ainda o são. Outras pesquisas intensivas são realizadas em dois importantes centros médicos dos Estados Unidos.

Stringfield fala de opiniões e informes gerais incompletos, porquanto médicos de diversas áreas de especialização foram utilizados para diferentes partes do processo de autópsia. Assim, caso quisesse romper o regulamento de segurança e falar no assunto, nenhuma fonte em separado tinha à sua disposição mais do que pequena parcela dos dados relevantes.

Alguns informes coletados de vários médicos proporcionam uma idéia geral de seres fisicamente humanóides, descritos em parte da seguinte maneira:

Altura aproximada entre um metro e um metro e vinte e cinco.

A cabeça, pelos padrões humanos, é grande em relação ao tronco e aos membros. Embora a capacidade cerebral não tenha sido especificada, é consideravelmente maior do que a dos seres humanos.

Cabeça e corpo não apresentam cabelos, embora haja menção a ligeira penugem no alto da cabeça.

Os olhos são grandes, profundamente engastados, espaçados e um tanto oblíquos.

Não há lóbulos ou carne nas orelhas estendendo-se além das fendas observadas de cada lado da cabeça.

O nariz não tem forma e as narinas são indicadas apenas por ligeira protuberância.

A boca é uma pequena fresta, que talvez não funcione como orifício para ingestão de alimentos. Não houve qualquer menção de dentes entre os informantes de Stringfield.

O pescoço é relativamente fino.

Braços e pernas são extremamente finos, chegando os primeiros quase à altura dos joelhos.

As mãos têm quatro dedos e nenhum polegar; dois dedos duplos têm o dobro do comprimento dos outros. Entre eles nota-se uma leve membrana. As unhas são alongadas.

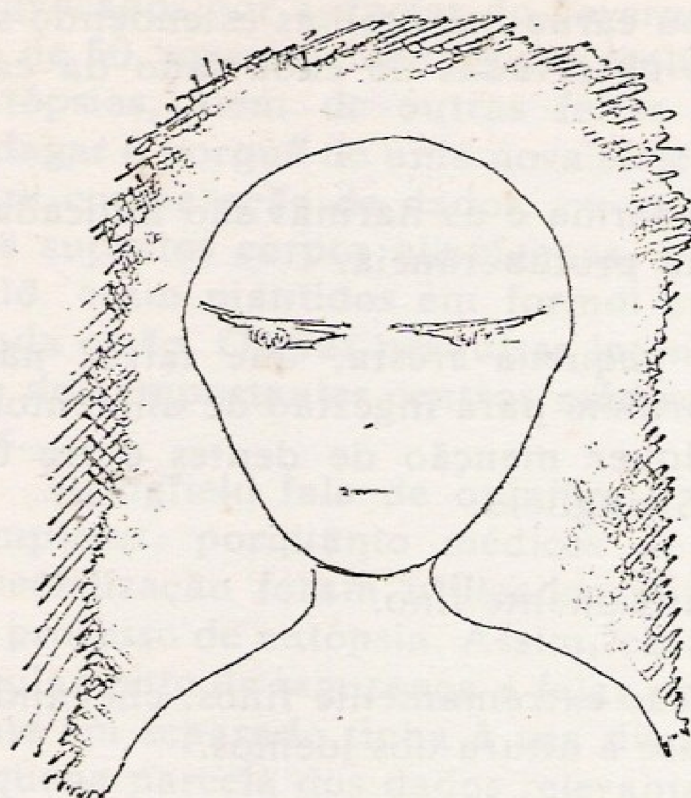
A epiderme é de textura rija e acinzentada. Em alguns dos corpos

conservados ela é marrom-escura, evidentemente queimada.

O sangue é líquido, mas não similar ao sangue humano na cor ou em qualquer tipo sanguíneo conhecido.

São conflitantes as notícias a respeito dos órgãos genitais; dizem alguns observadores que não há características distintivas de sexo, enquanto declaram outros que há corpos femininos e masculinos, sexualmente comparáveis aos dos seres humanos (embora Barnett achasse que todos os corpos que viu eram do sexo masculino).

Os informes sobre os órgãos internos não foram entregues a Stringfield.



Cabeça de humanóide alienígena, desenhada por L. H. Stringfield com base na descrição de testemunhas. Julho de 1978.
(Leonard H. Stringfield)



ALIEN HUMANOID HAND DRAWN BY L.H. STRINGFIELD BASED ON DESCRIPTION OF WITNESSES

JULY, 1978

Mão de humanóide alienígena, desenhada por L.H. Stringfield com base na descrição de testemunhas. Julho de 1978.
(Leonard H. Stringfield)

July 18, 1978

I hereby certify that I was shown a sketch of a hand stated to be that of a retrieved humanoid on July 13, 1978 in New York City. The sketch was in the possession of Leonard Stringfield and was the result of descriptions given him by various confidential sources. I had not seen nor discussed the sketch (or the humanoid material in general) with Len prior to our meeting on July 13-14, 1978. Based on other sources known to me and not to Len, the sketch appears identical to material I have been familiar with for quite some time. I had described the hands to my wife and two close friends in late 1977 and they can confirm the accuracy of the sketch as compared with my description at that time. Based on my somewhat limited knowledge, I must conclude that the sketch is accurate.

Ted Phillips

18 de julho de 1978

Atesto por este intermédio que me foi mostrado um esboço de mão tida como pertencente a um humanóide recolhido a 13 de julho de 1978, na cidade de Nova York. O desenho pertencia a Leonard Stringfield e era resultado de descrições feitas por diversas fontes confidenciais. Não vi, nem discuti com Len o desenho (ou o material humanóide em geral) em data anterior ao nosso encontro de 13-14 de julho de 1978. Baseado em outras fontes minhas conhecidas, mas não de Len, declaro que o desenho parece idêntico ao material que há muito me é familiar. Descrevi as mãos para minha mulher e dois amigos íntimos em finais de 1977 e eles podem confirmar a correção do desenho, comparando-o com a minha descrição feita na época. Baseado em conhecimento um tanto limitado concluo que o desenho é correto.

Ted Phillips

Ted Phillips, de Sedalia, Missouri, é especialista na investigação de casos de OVNI e membro do The Center for UFO Studies *e* The Mutual UFO Network.



Alienígena Extraterreno, ou Fraude Requintada?

Os autores publicam esta fotocópia (infelizmente de má qualidade), acompanhada da interpretação de um artista, sem comentários no sentido de pertencer ou não a certos aspectos significativos do Incidente de Roswell. A 22 de maio de 1950, um informante anônimo entregou o original da foto ao agente John Quinn da sucursal do FBI em Nova Orleans, alegando que a comprara a outro indivíduo pela soma de 1 dólar e que a “colocava nas mãos do governo” porque representava “um marciano nos Estados Unidos”. A foto, que pretende mostrar um sobrevivente alienígena de OVNI acidentado, sob a custódia de dois membros da polícia militar americana, surgiu pela primeira vez, segundo se diz, em Wiesbaden, Alemanha, no final de 40, nas mãos de um soldado americano que servia à época naquela cidade. Ignora-se como adquiriu a foto, assim como a identidade dos dois soldados fotografados, a localização da base militar onde se supõe tenha sido batida a foto e a exata natureza do aparelho portátil evidentemente usado para auxiliar a respiração do alienígena. A foto conheceu certa publicidade na Alemanha Ocidental em finais da década de 40, embora fosse em geral olhada com ceticismo por oficiais americanos do Governo Militar Aliado, existente à época.


©UFOIN 1979
Drawn by Lawrence Blazey.

Parece evidente que informações incompletas como as acima vieram de médicos que temiam falar demais, ou de auxiliares de laboratório que não possuíam informação suficiente para proporcionar um quadro completo. (Característica quase incompreensível numa raça altamente avançada do ponto de vista tecnológico seriam os quatro dedos e nenhum polegar, já que esse dedo preênsil é basicamente a principal vantagem física do homem sobre os animais - a menos, é claro, que o primeiro dos quatro dedos fosse suficientemente longo e flexível para fazer às vezes do polegar.) Contudo, a própria descrição da mão talvez represente uma lembrança imperfeita de algum assistente de laboratório que viu os longos dedos dobrados sobre o polegar e contou apenas quatro. Esta é uma explicação possível para a aparente discrepância entre a informação de Stringfield e a descrição que fez von Poppen dos alienígenas. É interessante observar que os seres retratados a bordo dos OVNI's no filme Contatos Imediatos de Terceiro Grau lembram muito a descrição geral compilada pelo pesquisador Stringfield. Não se trata, provavelmente, de um exemplo da "arte imitando a natureza", e sim do fato de que o Dr. J. Allen Hynek, astrônomo da Universidade Northwestern, diretor do Centro de Estudos de OVNI's e um dos consultores do filme, teve acesso a vários relatórios referentes às supostas características de alguns exemplares extraterrenos.

Além disso, as subseqüentes notícias furtivas, oriundas de esferas de alta segurança, sobre a presença e descrição dos corpos dos ocupantes dos discos enquanto estes eram transportados de uma base militar a outra pelo país afora, embora divirjam em algumas características, proporcionam ainda assim uma imagem bastante consistente para ser considerada razoavelmente corroborativa.

Embora seja questionável a validade das diversas descrições, deve-se admitir que as características de cabeça grande, ausência de

cabelos, deterioração muscular, alongamento dos braços, perda de estatura, etc. podem ser consideradas uma perceptiva antevisão da nossa aparência em futuro distante, o ponto do qual devem ter se originado os "alienígenas".
Parece improvável que as mesmas histórias viessem à tona em locais sem aparente relação uns com os outros, exceto pela "viagem para a morte" da estranha tripulação.

6
Falhas no Ocultamento

APESAR dos esforços da FAA, e mais tarde do governo, para manter toda a questão (e a pesquisa referente à nave e à tripulação) sob classificação de alta segurança, boatos continuaram a vir à tona através dos anos, oriundos às vezes da Base Aérea de Edwards, às vezes do Pentágono, ou de Langley, Virgínia (sede da CIA). Alguns desses boatos provinham do pessoal da segurança transferido para outras tarefas, ou que se aposentara, tendendo, portanto, a considerar a questão com um misto de nostalgia e permissividade. Os boatos às vezes corroboram e às vezes acrescentam novo material.
Quase desde a época do primeiro incidente houve a expectativa constante de que a revelação dos misteriosos acontecimentos de Roswell seria feita em período de tempo relativamente breve. Norman Bean, de Miami, Flórida, engenheiro eletrônico, inventor e conferencista especialista em OVNI’s, recorda um incidente ocorrido em meados da década de 50. Após uma conferência, conversou com um oficial reformado da Força Aérea, um certo Coronel Lake, que o informou de que um seu amigo conversara longamente com um médico de Dayton, Ohio, acerca das autópsias

da tripulação do disco voador, das quais participara. Segundo o Coronel Lake, os órgãos internos eram semelhantes aos dos seres humanos, exatamente "como os das galinhas e das pessoas". O Coronel Lake, cônscio das imposições da segurança, disse que já podia falar no assunto de maneira geral porque "tudo isso virá a público dentro de alguns meses".

Nada foi oficialmente divulgado, é claro. Contudo, numerosas revelações de baixo escalão continuam vindo à tona, contraditórias às vezes, mas em geral congruentes. Tais revelações provêm em geral da guarda militar, do pessoal envolvido no transporte dos corpos, de médicos, ou de assistentes de autópsias, escriturários e às vezes indivíduos não relacionados com o projeto, mas que tropeçam por acaso no segredo, já não tão secreto.

Um encontro casual num trem revelou alguns detalhes específicos um tanto em desacordo com outras descrições sobre os alienígenas. Bill Devlin, empregado de uma companhia de consertos de rádio e televisão, em viagem para Washington na primavera de 1952, vindo de Filadélfia, encontrou um lugar vago junto a um soldado que lia um jornal daquela cidade. Interessou-se particularmente por um artigo que o soldado lia a respeito da onda de OVNI's que assolava a Main Line de Filadélfia. Notando o interesse de Devlin, que espiava por cima do seu ombro, o outro disse: "Este artigo... eu seria capaz de contar muito mais a respeito, se estiver interessado." Quando Devlin afirmou-lhe o seu extremo interesse, o soldado lhe disse que era um dos três motoristas que haviam transportado os restos de um disco voador de Aztec, Novo México, para Forte Riley, Kansas, num comboio de três caminhões. No decorrer da operação, o soldado vira os corpos e observara que eram muito pequenos, todos vestidos com roupas justas e elásticas; tinham feições humanas (inclusive dentes) e pele amarelada, com uma leve "penugem", como um pêssego. Aparentemente, havia homens e mulheres, já que uma das

figuras "tinha relevos nos lugares certos". Julgava ter contado "cerca de dezesseis pequenos corpos", mas ignorava quantos eram na verdade.

Embora este relato pareça à primeira vista menos confiável, pode ser na verdade inteiramente correto, embora sejamos infelizmente forçados a nos basear também em boatos como a melhor fonte de comprovação. Neste caso, um boato de queda de disco voador, que circulara sem alteração apreciável desde o início de 1950, dizia que uma pequena parcela dos destroços, juntamente com alguns dos corpos, fora transferida por comboio de caminhões de Muroc para o Campo Wright, cerca de um ano após o desastre. Segundo a história, o transporte realizou-se com três equipes de motoristas e escoltas, cada uma responsável pela transferência apenas em parte da distância, antes de entregar os veículos ao próximo grupo em ponto predeterminado. Nenhuma das equipes sabia especificamente o que transportava.

Se o boato era exato, várias outras peças aparentemente incompreensíveis começam a se ajustar. No final da década de 40, antes do advento das vias expressas interestaduais e dos caminhões de alta potência, era provável que as pessoas responsáveis pela logística de tal operação escolhessem uma estrada do sul para evitar os trechos mais elevados das Montanhas Rochosas, traçando então uma rota gradual para o nordeste e atravessando as Grandes Planícies até Ohio. Seriam os pontos de encontro ao longo do caminho: Aztec, Novo México, Forte Riley, Kansas e Godman Field, Kentucky? Os quatro pontos (inclusive Muroc) eram, com certeza, eqüidistantes, e na década de 40 teriam a vantagem de se localizar ao longo de estradas bastante afastadas, o que evitava atrair indevida atenção. O trecho final da viagem, de Godman até o Campo Wright, seria facilmente realizado com uma equipe especial do próprio Campo.

Outra vantagem de tal conjetura é que ela oferece uma possível explicação de como Frank Scully, em seu mal pesquisado livro de 1950, Por Trás dos Discos Voadores, concluiu erroneamente que Aztec, Novo México, fora o local do acidente. Claro que a história não termina aí.

Mais rumores surgiram em Fort Riley. Ali um guarda de sentinela assistiu a entrega, num prédio que fora encarregado de guardar, de vários caixotes de madeira, contendo figuras envoltas em lençóis aparentemente cobertos de gelo seco. As figuras pareciam ter cerca de um metro e vinte de altura. Enquanto ele estava de guarda entrou um general com outros oficiais e, segundo a sentinela, ao sair disse-lhe: "Atire em qualquer pessoa (não-autorizada) que tentar entrar aqui." A sentinela não sabia que corpos eram aqueles, porém mais tarde, no alojamento, ouviu dizer que eram a tripulação de um disco voador tombado no Novo México.

Houve uma variedade de notícias oriundas da Base Aérea de Edwards, todas apócrifas, mas insistentes. É interessante observar, como sinal da eficiência dos regulamentos de segurança, que dois dos informantes foram irredutíveis, não só negando a citação de seus nomes, como em que fosse sequer mencionada a Base Aérea de Edwards, para que sua conexão com a força de segurança não lhes revelasse a identidade. Um guarda confidenciou a um parente, e mais tarde ao autor, que os corpos guardados em Edwards haviam sido separados, alguns conservados "em gelo" e outros enviados a Washington para novas dissecções. Um agente da CID (Criminal Investigation Division, Divisão de Investigação Criminal), ao falar de um "OVNI avariado, conservado em Edwards", mencionou que uma equipe especial de pesquisa técnica estudara o artefato durante meses, mas fora incapaz de cortar o metal para fins de exame e identificação molecular ou atômica.

Uma notícia de "fonte bem-informada" sobre o que talvez tenha sido

a última parada do "disco voador", a sede da CIA, em Langley, Virgínia, indica que o disco destroçado continua ali e que a "IBM está trabalhando nele e não consegue descobrir como funciona". No que respeita à construção, parece ser do sistema macho-e-fêmea, de preferência ao de rebites e soldas.

Outra notícia mais minuciosa da presença do disco na Base Aérea de Wright-Patterson vem de uma funcionária civil da base, através de Charles Wilhelm, investigador de OVNI e contato de Len Stringfield. Antiga funcionária da base, a Sra. Norma Gardner, aposentada por motivo de saúde em 1959, morava sozinha em Prince Hill, Cincinnatti. Charles Wilhelm, então adolescente, trabalhava para ela em pequenos serviços avulsos de manutenção e reparo, e durante este relacionamento falou-lhe acerca do seu interesse pelos OVNI's, que logo percebeu ser partilhado pela Sra. Gardner.

Quando o estado de saúde dela se agravou, Wilhelm continuou a visitá-la. Numa dessas visitas, segundo contou, ela transmitiu informes surpreendentes, revelando os seus conhecimentos acerca dos OVNI's e dos corpos dos alienígenas existentes na base. Contou que enquanto trabalhava em Wright-Patterson, em 1955, fora designada para um posto que incluía a catalogação de todo o material relacionado com OVNI's. Foi liberada para lidar com material de alta segurança, e no decurso de suas obrigações processou mais de 1.000 itens, inclusive partes do interior de um disco voador que fora levado há algum tempo para a base aérea. Todos os itens haviam sido cuidadosamente fotografados e classificados. Em 1955, visitou um hangar na zona proibida e viu duas naves em forma de disco, uma aparentemente intacta e a outra danificada.

A certa altura de sua missão, contou ela, assistira ao transporte, em maca, de dois humanóides, de uma sala para outra. Não só viu os

corpos como manejou pessoalmente a papelada referente às autópsias. Esses corpos, conservados em uma espécie de solução química, tinham entre um metro e vinte e um metro e cinqüenta de altura, feições em geral humanas, exceto no detalhe de que a cabeça era grande em relação ao corpo, e os olhos, oblíquos. Ela não sabia se os corpos provinham de desastre recente ou se estavam na base há algum tempo, recolhidos em acidente anterior.
A Sra. Gardner contou a Wilhelm suas experiências quando estava de cama, vítima de câncer. Convicta de que não se recuperaria, aparentemente viu sob outra luz os regulamentos de segurança e observou, dramática: "Tio Sam não pode fazer nada contra mim, já que estou com o pé na sepultura.”

Entre os boatos mais espantosos referentes ao disco destroçado há um que sugere ter sido o objeto atraído por ação da Força Aérea, talvez acidentalmente, por interferência de radar na tecnologia operacional do disco.
Esta hipótese, porém, parece negada pelas muitas notícias de casos em que um contato de radar com OVNI não conseguiu modificar o plano de vôo da nave e/ou sua aflitiva capacidade para simplesmente desaparecer, como se passasse rápido a outra dimensão onde o radar não poderia atingi-la.
Em 1956, um RB-47, avião de reconhecimento dotado de radar eletrônico especial, foi acompanhado por um OVNI durante mais de uma hora sobre o Golfo do México. Mississipi. Luisiana, Texas e Oklahoma, antes de finalmente desaparecer. Se o radar afetasse a operação dos OVNI’s, isso teria ocorrido no caso, a menos que, é claro, os mais recentes já possuam contra-dispositivos.
O conceito de desafio, combate, ou conquista consideração sempre presente ao nível terreno - foi naturalmente estendido pelos pensadores da terra aos OVNI’s e suas possíveis intenções. Assim,

é relativamente fácil explicar os aparecimentos cada vez mais numerosos a partir de 1947 e também a curiosidade extraterrena acerca do que ocorria em White Sands e da distância a que se achavam os habitantes de um planeta relativamente menor para desencadear, no bom ou no mau sentido, as forças latentes do universo.

Parece improvável, portanto, que o OVNI de Roswell fosse abatido, acidental ou propositalmente, por qualquer atividade de nossas forças militares. É bem mais provável a conjetura de que o disco foi atingido por um raio, como parece indicar a história de Brazel. A rapidez com que a Força Aérea chegou à cena dos destroços de San Augustin pode ser facilmente explicada pelo fato de o radar de White Sands, ou de um avião militar ou comercial de vôo, ter captado o objeto em queda na noite anterior, supondo naturalmente tratar-se de um aparelho convencional descontrolado e sofrendo de problemas de comunicação. Os primeiros militares a chegarem ao local talvez fossem apenas uma equipe de busca e salvamento orientada para aquele ponto por um avião de pesquisa. Tão logo perceberam o que haviam encontrado, a notícia começou a se espalhar como os círculos formados por uma pedra que cai num lago, crescendo rapidamente em área, da base para o Estado, a nação e o mundo, até que, por decisão do comando, ficou estabelecido que nada de extraordinário acontecera.

Mas a seleção acima de histórias verossímeis e inverossímeis, boatos, relatórios "confidenciais" e contos narrados duas vezes, por mais fantásticos que sejam, quase sempre corroboram as notícias originais transmitidas pelos jornais e pelo rádio, anteriores à censura, assim como o depoimento de testemunhas oculares. Seja como for, mantiveram o incidente do disco destroçado bem vivo durante anos. Em 1954, sete anos, portanto, depois da suposta ocorrência, atraíram a atenção de alguém que se achava em posição de

"supremo poder". Não há dúvida de que a pessoa dispunha de força bastante para agir sobre o caso. Era Dwight Eisenhower, presidente dos Estados Unidos.

7
O Presidente e o Disco Capturado

SEM DÚVIDA devido à sua formação militar, o General Eisenhower era mais cônscio da importância do informe casual do que outros presidentes desta época (que, embora tivessem experiência militar, não eram militares de carreira), mais interessado em informação de potencial militar e com certeza mais capaz de avaliá-la. Durante seu primeiro período na presidência, Eisenhower começou a pesquisar a realidade da "captura do disco de Roswell".

Um dos seus primeiros problemas, esboçado por um antigo funcionário de alta categoria da CIA que permanecerá anônimo, foi a descoberta surpreendente (pode-se dizer até assustadora) de que embora fosse presidente, assim como ex-general do Exército, não podia ter acesso a tais informes. Os serviços secretos da época passavam por um período de ação sem empecilhos de supervisão ou excessiva curiosidade por parte de outras agências, e determinados informes classificados e de natureza delicada poderiam ser recusados por algum tempo até mesmo ao Presidente. Segundo fonte compreensivelmente anônima, "Ike não era a inteligência extraordinária que muitos supunham, e alguns elementos situados na alta hierarquia da comunidade dos serviços secretos não confiavam nele e hesitavam em ter contato com o Presidente. Essas pessoas muitas vezes saíam-se pela tangente, naquela época, esquecendo-se de buscar diretivas na Casa Branca, ou ignorando-as quando as

recebiam".
Um ponto que aparentemente causava preocupação era o fato de Ike, conforme se sabia, ter sido mais que simples amigo de determinada motorista, de reputação duvidosa no que respeitava ao pessoal dos serviços secretos, e que não era sequer cidadã americana. Em vista do clima político americano de início da década de 50, é fácil compreender-se como uma situação desse tipo levaria automaticamente a suspeitas encobertas de que tal pessoa seria na verdade agente inimiga.
Eisenhower, porém, veio a saber dos boatos acerca do suposto disco voador e decidiu agir. Segundo fontes tão próximas do caso quanto possível, ele encontrou, o que não surpreende, nos círculos militares, uma cisão em torno do assunto. Podemos imaginar o raciocínio dos adversários da liberalização do sigilo: seria aconselhável abafar o incidente do disco voador; era de suprema importância, não só pelo interesse científico nos extraterrenos como por motivos de segurança nacional. Qualquer nação que conseguisse descobrir como funcionam os discos, copiando sua flexibilidade de manobra, teria um míssil de defesa e um sistema de ataque infinitamente mais avançados que os existentes, ou sequer logicamente concebíveis na época. Estaria, portanto, em posição de controlar o planeta Terra.
Diante disso compreende-se a reticência das autoridades militares em admitir a realidade do Incidente Roswell e, de modo geral, a automática depreciação das aparições de OVNI's. Uma das teorias prediletas a favor da censura seria: se o público tivesse conhecimento de uma prova concreta da presença de OVNI's, entraria em pânico. Mas é impossível prever se o público entrará ou não em pânico. Talvez fosse benéfico despertar um sério interesse e espírito de cooperação por parte do público em relação aos OVNI's; todos ficariam com certeza mais informados. Por outro lado, se os OVNI's representam uma decidida vantagem militar, deveriam ser

mantidos em segredo até que sua construção e operação pudessem ser adaptadas com vantagem por um dos superpoderes, preferivelmente o nosso. Este raciocínio talvez seja a razão pela qual as superpotências empregam estrita censura com referência aos OVNI's, enquanto outros países com força aérea eficiente e frotas de superfície liberam notícias oficiais sobre contatos com OVNI's no céu e no mar, através de suas patrulhas. Esses países são, entre outros, Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, México, Espanha, Itália, Suécia, Noruega, Austrália, Nova Zelândia e, em grau crescente, o Canadá.

A conexão do Canadá com a questão dos OVNI's vem se intensificando há muito, graças a sua proximidade com os Estados Unidos, área de aparentemente grande atividade "extraterrena", e também pela crescente presença de OVNI's - que talvez não reconheçam fronteiras internacionais - sobre o seu imenso território. Um memorando dirigido ao Departamento de Transportes, Ottawa, datado de 21 de novembro de 1950 e assinado por um certo W. B. Smith, indica o interesse canadense pela preocupação do governo americano com os OVNI's, iniciada pouco depois do incidente em Roswell.

Wilbert B. Smith, engenheiro de rádio sênior do Departamento de Transportes e chefe do Setor de Rádio e Mensurações daquela agência, destinava-se evidentemente a ser um dos representantes canadenses ao congresso da Associação Nacional de Transmissões Radiofônicas (National Association of Radio Broadcasting - NARB), realizado em Washington, D.C., em 1950. Smith interessava-se particularmente pela pesquisa relativa à possibilidade de desenvolvimento de fontes energéticas através do uso do próprio campo magnético da Terra.

Trechos pertinentes desse memorando, que foi "ultra-secreto" (reduzido a "confidencial" a 15 de setembro de 1969), diz o seguinte:

Memorando ao Controlador de Telecomunicações

... Acreditamos estar em vias de se concretizar algo que talvez abra as portas a uma nova tecnologia. A existência de uma tecnologia diversa é apoiada pelas investigações atualmente em curso, relativas aos discos voadores...

Quando eu me achava em Washington, assistindo ao congresso da NARB, dois livros foram publicados: um intitulado Por Trás dos Discos Voadores, de Scully, e o outro, Os Discos Voadores Existem, de Don Keyhoe. Discorrem ambos principalmente sobre as aparições de OVNI’s e alegam que os objetos voadores são de origem extraterrena, talvez naves espaciais de outros planetas.
Parece-me que nosso próprio trabalho no setor de geomagnetismo pode ser auxiliado pelo serviço de informação americano referente aos OVNI’s.
Fiz discretas sondagens através do pessoal da embaixada canadense, que obteve para mim os seguintes informes:

a) O assunto é classificado como de sigilo máximo pelo governo americano; é mais sigiloso até do que a bomba H. (Observação do autor: A bomba H tem ainda dois anos pela frente, pois a primeira explosão data de 1952.)

b) Os discos voadores existem.

c) Seu modus operandi é desconhecido, mas um pequeno grupo chefiado pelo Dr. Vannevar Bush está concentrando esforços nesse sentido.

d) Toda a questão é considerada de extrema importância pelas autoridades americanas.

Particularmente relevante para este memorando é uma carta a ele anexa e datada de 15 de setembro de 1969, autorizando a redução da classificação de "ultra-secreto" para "confidencial" e declarando que "em tempo algum (esta informação) deve ser divulgada ao público" .

O Presidente Eisenhower, sem dúvida perplexo pela agitação criada em torno dos OVNI's nos círculos governamentais dos Estados Unidos, à época, teria, como militar experiente em avaliar relatórios secretos, particular interesse em determinar a verdade sobre a presença do legendário disco capturado na Base Aérea de Edwards. De acordo com uma série de informes, inclusive um relato particularmente minucioso, teve chance de examiná-lo em Muroc, em primeira mão, a 20 de fevereiro de 1954.

Eisenhower viajou para a Califórnia em meados de fevereiro, para férias dedicadas ao golfe, e hospedou-se na fazenda de um amigo, Paul Roy Helms. Aos teóricos que postulam que as férias de Ike na Califórnia eram uma cobertura para a visita secreta a Muroc é interessante observar que o Presidente regressara de uma caçada às codornas na Geórgia havia menos de uma semana. Observe-se também que Muroc não fica muito longe de Palm Springs, onde o Presidente se achava, e uma visita ao local seria possível se ele conseguisse escapar, por um dia que fosse, à observação constante do pessoal da imprensa.

A 20 de fevereiro, Eisenhower aparentemente saiu sozinho, sem sua entourage, e, ao menos para o pessoal da imprensa, desapareceu. Tarde da noite começaram a circular boatos entre os jornalistas, no sentido de que o Presidente não se achava onde se supunha que estivesse - ou desaparecera da Fazenda Smoke Tree, ou algo de

muito sério ocorrera.
Como os repetidos telefonemas a fontes oficiais que se encontravam na fazenda resultaram apenas em repetidas afirmativas de que tudo estava bem, os repórteres viram-se livres para especular. A tensão de uma situação já abalada agravou-se quando vários jornalistas conseguiram arrancar de fontes confidenciais que o Presidente de fato desaparecera; mas quando chegou a notícia de que o Secretário de Imprensa James Haggerty fora rapidamente chamado a Smoke Tree, em meio a um churrasco, para fazer uma declaração, as especulações endoideceram.
Onde estaria o Presidente? Ninguém parecia saber ao certo. Merriman Smith, da United Press, concluindo precipitadamente que Eisenhower sofrera uma emergência médica de qualquer tipo, divulgou a notícia de que o Presidente fora retirado da fazenda para "tratamento médico". A Associated Press fez melhor, lançando de Nova York a notícia de que Ike morrera, sendo obrigada a desmenti-la momentos depois, quando o Secretário de Imprensa Haggerty se manifestou, decididamente de mau humor.
Na sala de imprensa do Hotel Mirador, em uma cena descrita pela revista Time como "uma demonstração da histeria jornalística", Haggerty anunciou solenemente que a agitação fora na verdade causada pelo fato de o Presidente ter "quebrado a jaqueta de um dente" ao mastigar uma coxa de galinha, sendo levado pelo anfitrião, Paul Helms, ao Dr. F. A. Purcell, dentista local, para atendimento.
O pessoal da imprensa aceitou a história, mas os boatos persistiram. Ike teria ido realmente a um dentista local, ou a história fora inventada para encobrir o que de fato ocorrera? Um dos boatos persistentes dizia haver outras razões para o desaparecimento de Ike naquela noite - e a verdadeira seria um tanto "fantástica". Segundo o boato, a história do dente era falsa, e o Presidente, na verdade, se dirigira, sob o maior sigilo, à Base Aérea de Edwards, que ficava

próxima, para ver os destroços do disco voador e os corpos dos homenzinhos que o tripulavam.
Meade Layne, então diretor da Borderland Sciences Research Associates (atualmente Borderland Research Foundation, vide Capítulo 5), também ouvira esses boatos, mas prestou-lhes pouca atenção até cerca de três meses mais tarde, quando, em 16 de abril de 1954, recebeu uma surpreendente carta de um dos seus associados, Gerald Light, de Los Angeles. Na missiva, Light declarava ter passado cerca de 48 horas na Base Aérea de Edwards em companhia de três outros homens, o jornalista Franklin Allen, da cadeia Hearst, o financista Edwin Nourse, do Brookings Institute, e o bispo (mais tarde cardeal) James F. A. McIntyre, de Los Angeles - e vira nada menos que "cinco tipos distintos e independentes de naves aéreas em estudo" por cientistas civis e militares. Light disse ter ficado tão abalado com o que vira que qualificou suas reações como "o nítido sentimento de que o mundo chegara ao fim com fantástico realismo". Não é de admirar! A carta diz o seguinte:

GERALD LIGHT
10545 Scenario Lane
Los Angeles, Califórnia

(Carta recebida em 16-4-54)

Sr. Meade Layne
San Diego, Califórnia

Meu caro amigo, Acabo de regressar de Muroc. A notícia é verdadeira - arrasadoramente verdadeira!

Fiz a viagem em companhia de Franklin Allen, da cadeia de jornais

Hearst, de Edwin Nourse, do Brookings Institute (antigo consultor financeiro de Truman) e do bispo MacIntyre (sic) de L. A. (nomes em sigilo no momento, por favor).
Quando nos permitiram entrar no setor secreto (após cerca de seis horas, durante as quais verificaram todos os possíveis itens, acontecimentos, incidentes e aspectos de nossa vida pública e privada), tive a nítida sensação de que o mundo chegara ao fim com fantástico realismo. Pois nunca vi tantos seres humanos em estado de completo colapso e confusão ao perceberem que seu mundo terminara tão definitivamente que desafiava descrição. A realidade das aeroformas de "outras dimensões" acha-se agora definitivamente afastada do âmbito da especulação e passa a fazer parte dolorosa do consciente de todos os grupos científicos e políticos responsáveis.

Durante minha visita de dois dias, vi cinco tipos singulares e distintos de aeronaves em estudo e manejadas pelos oficiais de nossa força aérea - com a ajuda e permissão dos extraterrenos! Não tenho palavras para expressar as minhas reações.

Aconteceu finalmente. É um fato histórico.

O Presidente Eisenhower, conforme talvez saiba, foi secretamente levado a Muroc uma noite, durante sua recente visita a Palm Springs. Estou convicto de que ele vai ignorar o terrível conflito entre as várias "autoridades", falando diretamente ao povo via rádio e televisão, caso o impasse se prolongue. Pelo que depreendi, uma declaração oficial ao país se acha em preparo e será transmitida em meados de maio.

Deixo à sua excelente capacidade dedutiva o trabalho de construir o quadro do pandemônio mental e emocional que está agora destroçando o consciente de centenas de nossas "autoridades"

científicas e de todos os sábios de várias especializações que constituem a nossa Física atual. Em certos casos, não pude conter uma onda de compaixão que brotou do meu íntimo enquanto observava a patética confusão de brilhantes inteligências lutando em busca de uma explicação racional que lhes permita conservar teorias e conceitos familiares. E agradeci ao meu destino o ter-me impelido há muito tempo para a selva da metafísica, forçando-me a encontrar uma saída. Observar espíritos fortes a recuar diante de aspectos totalmente irreconciliáveis da "ciência" não é coisa agradável. Eu esquecera o quanto se tinham tornado comuns para mim fatos como a desmaterialização de objetos "sólidos". O ir e vir de um ser etéreo, ou espírito, me é tão familiar nos últimos anos que eu esquecera que tal manifestação poderia abalar o equilíbrio mental de um homem não condicionado a isso. Jamais esquecerei aquelas 48 horas em Muroc!
G.L.

Supondo-se que a carta não seja falsa, vários pontos-chaves emergem do seu exame - o menos importante não será a questão da identidade desse Gerald Light e o que estaria fazendo em Edwards com as três personagens razoavelmente conhecidas que ele menciona. Infelizmente, quase nada se sabe a respeito do próprio Light, além do fato de que Meade Layne, o destinatário da carta, descreveu-o certa vez, em uma antiga publicação da BSFR, como "talentoso e muito culto... escritor e conferencista", que gostava de explorar a clarividência e o ocultismo. Pesquisa adicional revelou o fato de que havia um Gerald Light, no início da década de 50, como diretor de propaganda e promotor de vendas da CBS Colúmbia - o setor de manufatura da Columbia Broadcasting System. Mas não é certo que se trate do mesmo homem. Riley Crabb, atual diretor da BSRF, não pôde fornecer informes além de que ouvira dizer que Light morrera há alguns anos. Quanto aos outros três homens

mencionados, Crabb me disse que sabia de várias tentativas feitas no decorrer dos anos para entrar em contato com eles, por causa da história de Gerald Light, mas que nenhum quis discutir o assunto, ou sequer admitir que recebera cartas referentes à questão. Uma vez que Allen, Nourse e o cardeal McIntyre já são falecidos, o mistério não foi solucionado.

O mais interessante na missiva de Light, porém, é a sua afirmativa de que o "Presidente Eisenhower... foi arrebatado para Muroc uma noite, durante sua recente visita a Palm Springs", afirmativa que difere da explicação do "osso de galinha" apresentada pelo Secretário de Imprensa para explicar o desaparecimento de Ike na noite de 20 de fevereiro.

Se de fato Eisenhower foi apenas levado ao dentista, por que o prolongado silêncio oficial em torno do assunto e as repetidas declarações de Smoke Tree no sentido de que tudo corria bem? Se a história do dentista fosse verdadeira, seria uma circunstância em que a verdade poderia ser dita, e os boatos doidos que circularam a respeito do desaparecimento de Ike se evolariam imediatamente sem causar quaisquer problemas. A tentativa de "tudo está bem", feita a princípio, e depois a chamada do próprio Haggerty para enfrentar o que parece ter sido uma crise crescente com a imprensa, são excessivas para a singela explicação apresentada. Admite-se que a evidência, no melhor dos casos, é circunstancial, mas ainda assim interessante.

Uma coisa é certa na carta de Light: sua convicção de que Eisenhower estava disposto a "falar diretamente ao povo... lá pelos meados de maio", não se concretizou. Se Ike estava preparando uma declaração oficial sobre a questão, deve ter sido dissuadido de fazê-la por aquelas mesmas "autoridades" que desde o início advogavam o sigilo rigoroso. Ao que parece, o segredo foi revelado a Ike, que seria uma das primeiras pessoas de um grupo reduzido e

cuidadosamente selecionado de representantes de todos os níveis científicos, militares e civis (Light, Allen, Nourse e McIntyre também teriam sido escolhidos para integrar esse grupo), a quem foi exibida a evidência durante certo período de tempo talvez para se avaliar por suas reações qual seria o efeito sobre o público em geral. Se foi este o caso, a confusão mental e o pandemônio resultantes, que Light descreve em sua carta, devem ter proporcionado munição suficiente para garantir a vitória total das forças do sigilo. As testemunhas das provas silenciaram, obedecendo a juramento, e o projeto de divulgar a notícia ao público em geral foi, em conseqüência, suspenso. (Eisenhower, diz-se, ordenou silêncio e novos estudos.) O fato de Gerald Light ter aparentemente rompido o juramento ao escrever a Meade Layne não perturbou ninguém quando se descobriu que Layne não tinha importância bastante para dar peso à história, ainda que ela fosse divulgada.

Outro interessante fragmento de informação sobre a presença dos destroços de um disco voador em Edwards vem do falecido escritor e pesquisador de OVNI's, o inglês Desmond Leslie que, segundo se diz, fez algumas investigações nas cercanias de Muroc quando em visita a Los Angeles, no verão de 1954. Leslie disse ao escritor George Hunt Williamsom em entrevista à revista Valor, de 9 de outubro de 1954, que "discretas indagações" o haviam convencido de que "o disco voador que se dizia existir em Muroc achava-se de fato ali", mantido sob guarda no "hangar 27". Segundo Leslie, "o Presidente Eisenhower deu uma espiada na nave durante suas férias em Palm Springs". Identificou sua fonte de informações apenas como "um elemento da Força Aérea", que "vira a nave", e lhe dissera que "certo dia... subitamente, os homens que voltavam de licença não tiveram permissão para entrar na base e receberam ordens para 'dar o fora'". Outros, segundo o informante, mandaram buscar pertences pessoais necessários, enquanto ficavam à espera no portão. Os que

se encontravam na base naquele dia não tiveram licença para sair, sob quaisquer circunstâncias.
Infelizmente, Leslie abalara a sua credibilidade em conseqüência de uma associação com o falecido George Adamski, famoso contato com discos voadores da década de 50 e indivíduo há muito ligado à chamada faixa lunática da ufologia. Embora a história de Leslie talvez seja correta, pouca gente na época deu-lhe crédito.
Contudo, dois outros pontos de pesquisa vieram à luz, de então para cá, indicando que talvez haja certa verdade no assunto, afinal. O primeiro se refere ao Dr. F. A. Purcell, o dentista que se supõe ter tratado do dente quebrado de Ike. Embora Purcell já seja falecido, Moore conseguiu entrar em contato com a viúva e conversar sobre o incidente. Dizendo que se recordava de o marido ter sido chamado para tratar de Eisenhower, foi estranhamente incapaz de lembrar do dia e das circunstâncias que cercaram o acontecimento, qual o problema do Presidente, ou mesmo quantas vezes o marido o visitou. ("Não me lembro quantas vezes duas, talvez mais. Não me lembro. ") Declarou também em tom decidido que não queria ser ligada ao assunto e não permitiria que seu nome fosse usado sob quaisquer circunstâncias, nem mesmo no contexto de confirmar que o marido tratara do Presidente. Mas recordava que tinham sido convidados para um "churrasco presidencial" no dia seguinte, ocasião em que o marido fora espalhafatosamente apresentado aos repórteres como o "dentista que tratou do Presidente".
É de se pensar que a mulher de qualquer médico ou dentista chamado em plena noite para tratar do Presidente dos Estados Unidos em uma "emergência” recorde com mais nitidez as minúcias do incidente, mesmo 25 anos após.
Em suma, o simples fato de "não se lembrar" dos detalhes que a maioria das pessoas recordaria facilmente em circunstâncias similares parece sugerir com insistência que o envolvimento do

dentista limitou-se a servir de cúmplice (embora voluntário) da história de encobrimento arquitetada pelo Secretário de Imprensa Haggerty para acalmar os jornalistas. Embora na época o casal talvez tenha considerado a história um dever patriótico, parece natural que agora, 25 anos após, a mulher seja incapaz de recordar as minúcias do que lhe disseram para contar aos repórteres. Seu embaraço explicaria facilmente a relutância em ver seu nome ligado ao assunto.

Outro detalhe relevante está ligado à Sra. Frank Scully, viúva do autor de Por Trás dos Discos Voadores (Capítulo 3). Recordou ela que em 1954 o marido comprara uma cabana nas montanhas do deserto, nas imediações da Base Aérea de Edwards. Um dos carpinteiros que trabalhou para eles em junho daquele ano fora empregado civil da base. Esse homem, cujo nome ela não recordava, contou-lhes que Eisenhower de fato visitara secretamente Edwards, meses antes, e comentou que era estranho que a imprensa nunca tivesse mencionado o assunto.

Talvez alguns jornalistas soubessem do fato, mas, não podendo confirmá-lo, mantiveram-se calados. O Capitão Edward J. Ruppelt, que na época (setembro de 1953) afastara-se há pouco da chefia do Projeto Livro Azul, pesquisa da Força Aérea sobre os OVNIs, ouvira também, aparentemente, esses boatos e interessara-se o suficiente para se dar ao trabalho de redigir um memorando sobre o assunto. Embora este memorando, descoberto por Moore durante um exame dos arquivos de Ruppelt, vários anos depois de sua morte, infelizmente não revele se o militar acreditava ou não na história, sua própria presença permite supor que Ruppelt tinha interesse mais do que passageiro pelo assunto.

Mais recentemente, um antigo membro dos altos escalões do governo Eisenhower, que vive agora no Arizona, confirmou confidencialmente aos amigos que Ike realmente visitara Muroc em

1954 para ver os destroços do disco voador e os corpos, e que a viagem fora feita de helicóptero, saído de Palm Springs.
Que terá acontecido ao disco depois da visita de Eisenhower? Só nos podemos basear em boatos e circunstâncias; mas alguns destes sugerem que em fins de 1954 (talvez devido à publicidade acima mencionada), o disco foi em parte desmantelado e transportado de caminhão até a Base Aérea de Wright-Patterson, em Dayton, Ohio, para se reunir aos fragmentos de naves e corpos que já o haviam precedido ali em finais da década de 40.
Mas antes da visita do General Eisenhower, certos acontecimentos inusitados haviam sido observados nos céus de Muroc. As diversas aparições de OVNI's na região, antes que os objetos e corpos fossem transportados, incluem o seguinte:

8 de julho de 1947: Quatro aparições independentes de objetos não-identificados em forma de disco foram observadas sobre a Base Aérea de Muroc e Rogers Dry Lake, local secreto de provas na Califórnia. Um objeto sobrevoou um avião F-51 em momento em que se sabia não haver nenhuma aeronave nas proximidades.

31 de agosto de 1948: Grande objeto desconhecido, com cauda de chama azulada de quase um quilômetro e meio de extensão, foi visto voando a 15.000 metros sobre a Base Aérea de Muroc. O piloto civil Bob Hanley e dois passageiros declararam ter avistado o mesmo objeto, ou um similar, sobre Mint Canyon, às 12hl5min.

24 de junho de 1950: Piloto e tripulação de um transporte da Marinha e vários pilotos de linhas comerciais observaram objeto em forma de charuto manobrando sobre o deserto de Mojave, próximo a Daggett, Califórnia, cerca de 37 quilômetros a leste da Base Aérea de Muroc. O objeto acompanhou o vôo comercial da United Airlines durante

quase 30 quilômetros.

10 de agosto de 1950: O físico e tenente da Marinha Robert C. Wykoff observou um grande objeto em forma de disco através de binóculos 7 x 50 calibrados, enquanto o objeto manobrava entre o ponto em que ele se encontrava e uma série de morros distantes. O fato ocorreu ao longo da Estrada 395, próximo a Edwards, cerca de 15 quilômetros ao norte do cruzamento com a velha Estrada 466.

30 de setembro de 1952: Dick Beemer, fotógrafo de aviação, e duas outras testemunhas observaram uma dupla de objetos achatados, de forma esférica, sobrevoando, manobrando e descrevendo curvas fechadas sobre a Base Aérea de Edwards.

Em conexão com o caso, talvez seja pertinente observar que Nicholas von Poppen, o fotógrafo que declarou ter fotografado os destroços de um OVNI (e visto alguns membros mortos da tripulação) em Los Alamos, observou que ao tempo de sua visita a base estava em estado de alerta, como medida de precaução para o caso de surgirem outros OVNI's de repente, em missão de resgate ou salvamento. Além do desejo de obter informação por parte dos investigadores de OVNI's e talvez do Presidente Eisenhower, é possível que tenha havido (e ainda haja) um certo interesse de inteligências que não são deste planeta.

Um boato que corria os círculos dos ufologistas, relativo ao Incidente de Roswell, gira em torno de outra destacada figura do governo dos Estados Unidos, o Senador Barry Goldwater, do Arizona. Refere-se a história à suposta tentativa por parte do senador (que tem o posto de general da Força Aérea dos Estados Unidos) para visitar uma área de alta segurança da Base Aérea de Wright-Patterson, onde, segundo se dizia, eram então guardados o OVNI de Roswell e os corpos da

tripulação extraterrena. Foi-lhe recusada admissão com base no critério da "necessidade de saber".
Segundo o Senador Goldwater, o que aconteceu foi o seguinte: quando em viagem para a Califórnia, no início de 1960, deteve-se na Base Aérea de Wright-Patterson, onde fez uma visita ao seu amigo, General Curtis LeMay. Sabia da existência de um recinto, ou setor na base, com o nome de "Sala Azul", onde artefatos, fotografias e objetos pertencentes aos OVNI's eram guardados. Como velho piloto que era, o senador tinha interesse mais do que passageiro pelos OVNI's, e pediu permissão ao General LeMay para visitar o local. A resposta do general foi eminentemente sucinta: "Não, diabos. Eu não posso, você não pode. E nunca mais me faça este pedido!"
Embora não conseguisse ver o que para a maioria dos pesquisadores seria prova conclusiva da existência de objetos voadores extraterrenos, as reflexões do Senador Goldwater sobre a possibilidade de vida cósmica e seu provável desenvolvimento tecnológico foram expressas no que poderia ser chamado orientação para especulação cósmica: "Não posso crer que sejamos o único planeta onde existem seres inteligentes... Tenho mil razões para acreditar que outros seres de outras partes do universo sejam tão inteligentes, ou mais, do que nós...

Talvez a Sala Azul contenha a solução. Mas o que quer que encerre foi evidentemente considerado tão secreto que não devia ser visto nem mesmo por importantes generais da Força Aérea.

8
Para sempre "ultra-secreto" - A alternativa AVRO

SE O GOVERNO dos Estados Unidos conseguiu de fato reunir peças

suficientes do objeto de Roswell para determinar, grosso modo, o que ele é e como operava, seria compreensível que o classificasse como "ultra-secreto" na vigência dos regulamentos de segurança da época. Isto seria particularmente necessário porque um crescente número de países estrangeiros desejaria obter o que talvez se revelasse a última palavra em arma secreta. Além disso, outros OVNI's já teriam caído, ou viriam a cair, em diferentes partes do mundo, e outras nações estariam de posse de partes diversas de um quebra-cabeças cósmico, cuja solução daria ao país que a alcançasse o segredo do vôo a velocidades inacreditáveis, sem o uso de combustíveis como presentemente os concebemos.

Os resultados das operações de recolhimento teriam que ser estudados, portanto, sob condições de estrita segurança, e eventualmente seriam realizadas tentativas para copiar e fazer funcionar tais aparelhos. Essas tentativas, por sua vez, gerariam subseqüentemente sua própria onda de boatos. Um dos mais insistentes acerca de tal experiência foi narrado por Reilly Crabb, presidente da Borderland Research Foundation, de Vista, Califórnia.

Crabb soube do suposto incidente em 1971, através de um sargento da Força Aérea, que lhe contou que o fato se dera quatro anos antes, quando ele estava em serviço temporário na Base Aérea de Edwards. Nessa ocasião, o sargento fizera amizade com determinado piloto de combate, cujo nome se recusou a mencionar, mas que descreveu como sendo do tipo "Steve Canyon". Em conversa com "Canyon" um dia, em um dos hangares, abordou o tópico dos OVNI's, manifestando interesse e crença no fenômeno. O oficial escutou por algum tempo, hesitou e súbito disse: "Quero lhe mostrar uma coisa. Siga-me sem fazer perguntas. De qualquer modo, não responderei."

O sargento foi conduzido a outro hangar, "onde as precauções de segurança não eram tão severas, mas o uniforme e a exibição do crachá permitiram-lhes entrar no escritório e na área da oficina". Os

dois seguiram até o pavimento superior, onde havia escritórios com janelas laterais dando para o piso do hangar, lá embaixo, todas fechadas por pesadas cortinas. No chão havia uma linha vermelha, para além da qual um guarda só permitia a passagem de quem apresentasse a devida autorização. O piloto murmurou ao sargento que esperasse ali e, enquanto esperava, espiasse pela cortina entreaberta o que se encontrava no hangar, no plano inferior.

O piloto passou pelo guarda e, já que este não parecia interessado, o sargento deu o que descreveu a Crabb como "uma boa espiada". O que viu foi "uma nave em forma de disco, apoiada em um elevado trem de pouso. Era completamente circular, com as bordas nítidas inclinando-se para cima e formando no centro a área de uma cabine abobadada. Parecia capaz de transportar duas, talvez três pessoas, pelo menos, e teria entre sete e meio e nove metros de diâmetro". Movimentando-se em torno da nave havia pessoal de serviço, vestindo o costumeiro macacão azul da Força Aérea.

O piloto voltou logo e o sargento saiu com ele da área. Antes de se despedirem, o primeiro lembrou-lhe que não devia contar nada do que vira, nem dizer onde estivera e que se falasse, ele (o piloto) negaria tudo.

- Acha que era um disco voador construído e acionado pelo pessoal da Força Aérea? - perguntou Crabb.

- Sim - respondeu o sargento. - Travei conhecimento com guardas civis em Edwards, que alegavam ter visto essas naves em forma de disco operando à noite, em hangares especialmente camuflados.

O informante de Reilly Crabb foi transferido para o Vietnã pouco depois dessa entrevista e lá, segundo julga Crabb, morreu em ação.

Aparentemente confirmando a probabilidade de que pelo menos uma pesquisa do governo foi feita numa nave em forma de disco, há o persistente boato de que um objeto desse tipo foi submetido a testes de vôo sobre a Base Aérea de Nellis, Nevada, em 1955, armazenado

por algum tempo e depois novamente testado, talvez com modificações, em 1974. Alegam algumas fontes terem visto um avião denominado Flying Flapjack em um noticiário cinematográfico comercial. Quando uma dessas pessoas escreveu ao programa de televisão You Asked For It (Você Pediu), solicitando uma repetição do noticiário, disseram-lhe que o filme fora adquirido pelo governo, passando a ser daí em diante "ultra-secreto". O Flying Flapjack é um projeto (oficialmente) morto desde a década de 40 e presume-se que seja a única nave desse tipo construída que jamais saiu de Connecticut.

Quando interrogada por carta a respeito, a Força Aérea orienta invariavelmente o indagante para trabalho não classificado e altamente visível, por ela executado entre 1945 e 1959, em contrato com a A. V. Roe Ltda., firma de aeronáutica de Toronto. Cerca de 10 milhões de dólares foram gastos no desenvolvimento do chamado AV -9 Avrocar, nave em forma de disco - um monumental fracasso, que nunca se ergueu mais do que alguns palmos do chão e ondulou como um ioiô quando finalmente testada em dezembro de 1959. Esse desastre tecnológico, segundo a Força Aérea, é o máximo a que chegou quem tentou forçar um disco a se ajustar aos princípios da aerodinâmica. Ao que parece, o caso está encerrado.

Mas estará mesmo? Recentemente, algumas das pessoas ligadas ao projeto AVRO sugeriram outra coisa, isto é, que o malfadado carro nada era além de monumental cortina de fumaça para afastar a atenção do público da verdadeira pesquisa feita em naves reais "capturadas", ou das tentativas de copiá-las. O Tenente-coronel George Edwards, da USAF (reserva), residente em Nova York, cientista "que alega ter participado do projeto de disco fabricado pelo homem, o AVRO VZ-9, declarou (Ideal's UFO Magazine no. 4, outono de 1978) que ele e outros envolvidos na tarefa sabiam desde o início que ela nunca teria êxito e que o VZ-9 jamais levantaria vôo.

"Embora não nos revelassem coisa alguma", alegam ter ele dito, "sabíamos que a Força Aérea estava secretamente testando uma verdadeira espaçonave alienígena. O VZ-9 era uma 'camuflagem' para que o Pentágono tivesse uma explicação sempre que alguém alegasse ter visto um disco voador em trânsito. Se é exato o que ficou dito acima (e o VZ-9 é fato, com certeza), poderia ser classificado como mais um exemplo da propaganda "cinzenta" descrita na pág. 64.

O mistério do disco, ou OVNI, caído nas proximidades de Roswell no início da "era dos OVNI's" só será provavelmente revelado quando o governo liberar a montanha de informação que vem coligindo através dos anos sobre o assunto. A busca de informação por civis interessados é complicada não só porque as agências competentes revelam má vontade em liberar informes, como também porque as notícias sobre OVNI's não se concentram em uma só agência. Provêm tanto da CIA como do FBI, NASA, Força Aérea, Marinha, Agência Nacional de Segurança e Arquivo Nacional, entre outras e, como era de se esperar, as notícias se perdem, ou são erroneamente classificadas quando transferidas de uma agência a outra.

Grupos de estudiosos do assunto vêm contestando e pressionando desde a década de 60, mas agora, devido à aprovação da emenda à Lei de Liberdade de Informação (5USC-552), que entrou adequadamente em vigor a 4 de julho de 1974, o acúmulo de informes retidos parece que começa a dar sinais de ceder.

A détente da Lei de Liberdade de Informação veio acompanhada de verdadeiros portentos. Carter, em sua campanha para a presidência, declarou que vira pessoalmente um OVNI na Geórgia, quando era governador, e que liberaria informação concernente ao assunto se fosse eleito presidente, contanto que a informação não comprometesse a segurança do país. Em abril de 1977, a U.S. News

& World Report profetizou: antes que a guerra termine, espera-se que o governo - talvez o Presidente - faça o que foi descrito como "perturbadoras revelações" a respeito dos objetos voadores não-identificados. Tais revelações, baseadas em informes da CIA, seriam uma reversão da política oficial que, no passado, subestimou os incidentes relacionados com OVNI's.

Um pedido de informação referente à liberação de noticias sobre os OVNI's foi endereçado pelos autores, em 1979, ao Presidente Carter, em conseqüência de consultas recebidas do mundo inteiro, especialmente da Índia. A resposta da Casa Branca dizia que o Presidente consultara a NASA acerca da conveniência de reabrir o inquérito referente ao assunto, mas a NASA respondera que tal investigação não parecia se justificar "à luz do fato de não haver informes novos ou concretos acerca dos OVNI's".

Quando se tornou evidente que nenhuma revelação partiria das agências do governo, a reação de alguns dos grupos de estudiosos de OVNI's, protegidos pela Lei de Liberdade de Informação, foi apenas questão de tempo.

Em setembro de 1977, William Spaulding, diretor da Ground Saucer Watch, Inc. (GSW), de Phoenix, Arizona, deu o pontapé inicial, instaurando um processo contra a CIA com base na Lei de Liberdade de Informação, alegando que a agência não só possuía milhares de documentos acerca de seus envolvimentos com OVNI's no decorrer dos anos, como conspirara ativamente e continuava a conspirar para manter esses documentos ocultos do público, chegando a negar sua própria existência.

A GSW instaurou processo em vista da recusa da CIA em franquear seus arquivos relacionados com OVNI's, baseada em que a

segurança nacional se achava em jogo. A estratégia da GSW era exigir uma inspeção dos documentos in camera (inspeção particular, mas oficial, executada por um juiz federal no recinto de seu gabinete), para determinar em que grau, se algum, a segurança da nação estaria em jogo processo facultado pela própria FOIA (Lei de Liberdade de Informação).

Um segundo grupo, Cidadãos Contra Sigilo OVNI (CAUS), foi constituído no início de 1978, sob a chefia de W. T. Zechel, antigo diretor de pesquisa da GSW e ex-radioperador da Agência de Segurança do Exército. O objetivo patente da CAUS era nada menos que uma "tentativa de estabelecer que a USAF (ou elementos a ela pertencentes) recolhera uma espaçonave extraterrena espatifada", na fronteira Texas-Novo México - México, em finais da década de 40.

Em dezembro de 1977, sob a chefia de Brad Sparks, consultor técnico e diretor de pesquisa, o grupo CAUS assumiu completamente a administração da demanda da pendente GSW e, através do processo de descobertas e negociações diretas, conseguiu obter um mandado judicial da Corte Distrital de Washington, D.C., que, segundo se supunha, forçaria a CIA a fazer uma pesquisa em todos os seus dossiês de material relacionados com OVNI's. O interessante é que cerca de 10.000 páginas de documentos pertinentes foram "localizadas" em julho de 1978 e menos de 900 finalmente liberadas à GWS/CAUS em dezembro daquele ano. Ao mesmo tempo, a CIA recusou-se a liberar cerca de 57 documentos relacionados com OVNI's (o verdadeiro número de páginas é desconhecido), com base nos regulamentos de segurança nacional.

Pedido semelhante feito ao FBI pelo físico e ótico Bruce Maccabee, de Silver Springs, Maryland, obrigou eventualmente aquela agência a liberar 1.000 páginas de seus dossiês relacionados com OVNI's, mesmo após a negativa inicial de que tais dossiês existiam.

Embora a maioria dos documentos entregues dessa maneira até agora sejam cópias de memorandos rotineiros e papéis semelhantes, que pouco forneceram no sentido de informação nova ou inesperada, há vários que parecem ter fortes ligações com o Incidente Roswell. Um dos mais surpreendentes é um memorando com anotações de ninguém menos que o falecido J. Edgar Hoover, chefe do FBI, por longo tempo figura poderosa nos círculos governamentais e pessoa reconhecidamente ciosa tanto de suas prerrogativas como de supostas infrações do seu poder. O memorando era breve e direto:

Memorando ao Sr. Lald:

O Sr. (censurado) também discutiu a questão com o Coronel L. R. Forney, do MID (Military Intelligence Division - Divisão de Informação Militar). O Coronel Forney deu a entender que, a seu ver, na medida em que se estabeleça que os discos voadores resultam de experiências do Exército ou da Marinha, a questão é de interesse do FBI. Declarou ser de opinião que o Bureau, se possível, deveria aceder ao pedido do General Schulgen (i.e., ajudar a Força Aérea do Exército em suas investigações).

SWR: AJB (Iniciais)

Anexo ao memorando, na própria caligrafia de Hoover:

"Eu o faria, mas antes de concordar precisamos insistir no pleno acesso aos discos recolhidos. Por exemplo, no caso (ilegível - poderia ser "SE", ou "LA"), o Exército apoderou-se dele e não nos permitiu sequer um exame rápido."
H.

Supõe-se que qualquer outra providência tomada com relação a esta petulante exigência se encontre entre os documentos a serem ainda liberados (se é que o serão algum dia). Contudo, o fato de o memorando datar de "15 de julho de 1947" é altamente significativo, assim como a incerta referência ao local, que tanto poderia ser SW (sudoeste), como LA (Luisiana, ou talvez mesmo Los Angeles - área em que se localiza a Base Aérea de Edwards).

A possibilidade de ser Luisiana, sugerida por alguns pesquisadores com referência a um falso disco voador de alumínio, de cinco metros de diâmetro, contendo algumas peças de rádio e encontrado em Shreveport a 7 de julho de 1947, é quase totalmente anulada por dois memorandos do FBI relativos ao caso, um dos quais se origina da sucursal do FBI de Nova Orleans e o outro do próprio Hoover (ambos datados de 7 de julho). Enquanto a anotação de Hoover acima mencionada indica claramente que ele se referia a um disco de que "o Exército se apossou... e não permitiu que (o FBI) examinasse", os dois memorandos de Luisiana referentes ao caso Shreveport mostram sem rodeios que o oposto era exato, e que a Força Aérea cooperou com o FBI no caso.

A prova de que Hoover se referia de fato ao acidente do Novo México é confirmada à luz de outro memorando, levado à atenção dos autores pelo pesquisador Brad Sparks. Este documento, a cópia de um telex "Urgente" datado de 8 de julho de 1947, passado pela sucursal de Dallas do FBI à de Cincinnatti, com cópias para Hoover e o Comando Aéreo Estratégico, refere-se diretamente ao Incidente de Roswell. Os trechos pertinentes são os seguintes:

TELEX
FBI DALLAS
8-7-47

18h17min

DIRETOR E SAC, CINCINNATTI URGENTE.

DISCO VOADOR, INFORMAÇÃO A RESPEITO. (Censurado), Q-G DA 8ª. FORÇA AÉREA AVISOU POR TELEFONE A ESTE GABINETE QUE UM OBJETO TIDO COMO DISCO VOADOR FOI RECOLHIDO (sic) PRÓXIMO A ROSWELL, NOVO MÉXICO, NESTA DATA... (Censurado) AVISOU TAMBÉM QUE O OBJETO ENCONTRADO LEMBRA UM BALÃO METEOROLÓGICO DE ELEVADA ALTITUDE, COM UM REFLETOR DE RADAR, MAS QUE A CONVERSAÇÃO TELEFÔNICA ENTRE O GABINETE E A BASE DE WRIGHT NÃO CONFIRMARIA ESTA CONVICÇÃO. DISCO E BALÃO FORAM TRANSPORTADOS PARA WRIGHT EM VÔO ESPECIAL, A FIM DE SEREM EXAMINADOS. (Grifo do autor). INFORMAÇÃO FORNECIDA A ESTE GABINETE DEVIDO AO INTERESSE NACIONAL PELO CASO E AO FATO DE A NATIONAL BROADCASTING COMPANY, ASSOCIATED PRESS E OUTRAS TENTAREM TRANSMITIR HOJE A HISTÓRIA DA LOCALIZAÇÃO DO DISCO. (Censurado) AVISOU QUE PEDIRIA AO CAMPO DE WRIGHT PARA TRANSMITIR À SUCURSAL DE CINCINNATTI OS RESULTADOS DO EXAME...

WYLY

FIM

Analisada esta importante peça de comunicação, vários pontos se tornam imediatamente óbvios:

(1) Em momento algum teve o FBI acesso ao disco, ou aos destroços recolhidos, conforme indica o memorando de 15 de julho, assinado por Hoover.

(2) Alguém do gabinete de Ramey, em Fort Worth, provavelmente o próprio Ramey, conferenciou por telefone diretamente com o Campo de Wright a respeito da exata natureza e descrição do estranho objeto que caíra em suas mãos. O resultado desta conversação foi a conclusão nítida de que, fosse qual fosse o objeto que explodira sobre a fazenda de Brazel, não era em definitivo "um balão meteorológico de elevada altitude, com refletor de radar", embora alguns de seus elementos lembrassem em parte tal instrumento.

(3) A declaração do General Ramey no sentido de que o vôo especial para o Campo de Wright fora cancelado e que os despojos espalhados no chão do seu gabinete permaneceriam provavelmente onde estavam, conforme já haviam declarado tanto o Major Marcel como o Coronel DuBose, era uma óbvia e deliberada mentira, com a finalidade exclusiva de afastar a imprensa.

(4) Aparentemente, a Força Aérea do Exército informou ao FBI do caso apenas para garantir a sua ajuda em conter a reação pública se a NBC e a AP fossem bem sucedidas nas tentativas de publicar a história completa.

Se a FAA, no Campo de Wright, chegou a comunicar ao FBI os resultados das investigações referentes ao disco, tais resultados jamais vieram à tona. A incapacidade do Bureau para obter os detalhes corretos do Incidente Roswell não afastou Hoover, porém, da convicção de que a melhor maneira de se obter o máximo de informes a respeito desses misteriosos discos era cooperar com a FAA, em vez de tentar esquivar-se. Assim, a 30 de julho de 1947, a seguinte diretriz foi expedida a todos os agentes:

30-7-47

Boletim no. 42 do Bureau
Série 1947

É seu dever investigar todo caso de aparecimento de disco voador levado ao seu conhecimento, verificando se se trata de visão autêntica, imaginária, ou brincadeira. É preciso ter em mente que certos indivíduos comunicam ter visto discos voadores por diferentes razões. É concebível que alguém procure publicidade pessoal, causar histeria, ou fazer uma brincadeira.

O Bureau deve ser imediatamente notificado por telex de todos os aparecimentos e dos resulta dos das investigações. Nos casos em que a notícia parecer merecer crédito, o telex será acompanhado de carta ao Bureau, contendo os resultados minuciosos das investigações. A Força Aérea do Exército garantiu ao Bureau total cooperação no assunto e sempre que deixar de fornecer a informação disponível, ou recusar o exame de discos voadores capturados, o fato deve ser prontamente comunica do ao Bureau.

Qualquer informe em conexão com esses discos deve ser prontamente levado ao conhecimento do Exército através dos canais competentes.

62-83894
COPIA ARQUIVADA
70
252
58 18 Ag. 1947
4 de Agosto de 1947

Embora os documentos acima indiquem claramente o amplo envolvimento do FBI na investigação dos discos voadores, esse envolvimento foi mais tarde ocultado e negado pela agência. De

posse do autor acham-se várias cartas do FBI, com datas entre 1966 e 1972, escritas em resposta a indagações do público referentes à natureza e âmbito do envolvimento do Bureau no fenômeno dos discos voadores. Em cada uma dessas cartas, todas assinadas por J. Edgar Hoover, a resposta clássica é: "Para sua informação, o inquérito de Objetos Voadores Não-Identificados não está e nunca estará no âmbito de investigação do FBI."

Outra descoberta inesperada foi feita entre os documentos liberados. Trata-se de um memorando datado de 23 de setembro de 1947, assinado pelo General Nathan Twining, da Força Aérea, e enviado ao chefe do Comando de Material Aéreo da FAA, dirigido ao Comando de Informação Técnica Aérea de Dayton, Ohio, que aparentemente solicitara ao seu gabinete orientação acerca dos "discos voadores". Segue-se um excerto do memorando:

23 de setembro de 1947

Assunto: CMA - Opinião Acerca dos "Discos Voadores ..

Para: Comando Geral

Força Aérea do Exército

Washington, D.C.

ATENÇÃO: General-de-brigada George Schulgen

AC/ AS-2

1. Conforme solicitado pela AC/AS-2, apresentamos abaixo a opinião ponderada deste Comando com respeito aos chamados "Discos Voadores". Baseia-se esta opinião nos dados do relatório fornecido pela AC/AS-2 e estudos preliminares do pessoal da T-2 e Laboratório Aircraft, Divisão de Engenharia T-3. Chegou-se a esta opinião em uma conferência entre o pessoal do Instituto de Tecnologia Aérea e a Aircraft, Usina de Força e Laboratório de Propulsão da Divisão de Engenharia T-3.

2. É opinião que:

a. O fenômeno mencionado é algo real e não visionário ou fictício.

b. Existem objetos com a forma aproximada de um disco, de tamanho apreciável, a ponto de parecerem aeronaves fabricadas pelo homem.

c. É possível que alguns dos incidentes sejam causados por fenômeno natural, tais como meteoros.

d. As características operacionais observadas, tais como a extrema velocidade de ascensão, flexibilidade de manobra (sobretudo rotativa) e ação que deve ser considerada evasiva ao serem avistados ou contactados por aviões amigos, ou por radar, fazem crer na possibilidade de que alguns dos objetos sejam acionados manualmente, ou por controle automático ou remoto.

e. A descrição comum aos objetos, ao que parece, é a seguinte:

(1) Superfície metálica, ou que reflete a luz.

(2) Ausência de rastro, exceto nos poucos casos em que o objeto operava aparentemente em condições de alto desempenho.

(3) Forma circular, ou elíptica, fundo achatado e topo arredondado.

(4) Há várias notícias de vôos em formação regular, variando de três a nove objetos.

(5) Nenhum som em geral associado ao objeto, à exceção de três casos em que foi notado um ronco substancial.

Compreende-se que o memorando Twining não se referia ao disco de Roswell, mas a data do documento, dois meses e meio após o incidente, e o fato de aceitar a realidade dos "discos voadores" indicam o clima oficial de urgência gerado pelo Incidente de Roswell.

Quanto à questão levantada pelo processo do CAUS referente à data específica do acidente com um OVNI e operação (ou operações) de captura, a CIA respondeu em agosto que "esses dados cairiam no âmbito da Força Aérea e teriam que ser solicitados à USAF".

Prevendo a resposta, a CAUS já fizera um requerimento FOIA à Força Aérea no mês anterior, solicitando especificamente os informes sobre discos caídos em 1947-48 e indicando como participantes do incidente um coronel da reserva da USAF, que, segundo se dizia, "estava encarregado de policiar a área durante a operação de captura” e um tenente-coronel da reserva, que se achava em vôo na ocasião do suposto acidente e fora alertado quanto à intrusão do objeto no espaço aéreo dos Estados Unidos por um comunicado de rádio na freqüência scramble do seu aparelho.

A Força Aérea confirmou que o primeiro indivíduo, identificado apenas como "Coronel John Bowen", de fato servira como chefe de polícia militar na Base Aérea de Carswell, Fort Worth, à época do suposto incidente, mas não quis fornecer outros informes. Em agosto foi expedida uma negativa pro forma, na qual a Força Aérea caracteristicamente negava a existência de documentos ou registros relacionados com a queda e captura de qualquer aparelho extraterreno.

Mais tarde, em resposta à subseqüente apelação desta negativa, registrada de acordo com os requisitos da FOIA, a Força Aérea

sustentou não estar sujeita a tal apelação, já que não negara acesso a documentos, e sim a própria existência do material. A FOIA, dizia, levava em conta apenas os casos de negativa de acesso aos registros, não os casos em que a existência específica de registros era negada.
E nisso ficou temporariamente a questão. A época em que escrevemos, uma famosa firma de advocacia de Washington, D.C., prevendo prolongada demanda, aceitou o caso CAUS vs Força Aérea a honorários reduzidos, como "processo de interesse público", enquanto simultaneamente o caso GSW/CIA prossegue nos tribunais, em mãos de uma firma de advocacia de Nova York. Peter Gersten, o advogado encarregado do caso, não se mostra muito entusiasmado com o material que a questão obteve até o momento: "Desconfiamos que a agência esteja sonegando pelo menos 200 documentos, além dos 57 que confessa não nos entregar para salvaguardar fontes de informação." Contudo, pretende seguir com o processo de agência em agência, até obter os dossiês desaparecidos (inclusive os do Incidente de Roswell).
Superficialmente, pelo menos, o clima de cooperação oficial sofreu uma recente e relativa mudança. Pedidos de informação acerca de OVNI’s são agora atendidos, ou pelo menos acusados, com grande rapidez. Há exceções, é claro, nos casos importantes, entre os quais a ocorrência de Roswell pode ser classificada como chave e, de certo modo, antevisão do futuro.
Consideremos as implicações do Incidente de Roswell: se apenas um dos muitos indivíduos mencionados neste livro, que alegam ter visto o acidente e/ou subseqüente captura de um veículo extraterreno, estiver dizendo a verdade, talvez neste mesmo instante nós nos encontremos no limiar do maior acontecimento do século 20 - o primeiro contato com seres extraterrenos vivos (ou mortos). Esta ocorrência, caso verdadeira, seria pelo menos comparável ao

encontro de Colombo com os surpreendidos nativos, na sua visita ao Novo Mundo. Com uma exceção: no caso, os nativos surpreendidos seríamos nós.

9
O Contato Russo

GRAÇAS aos empoeirados arquivos de outras décadas, soubemos da tremenda e inexplicável explosão de um meteoro ou cometa, que colidiu com a Terra, caindo sobre a Sibéria em 1908; do alto do planalto andino, na América do Sul, chegam notícias de uma recente bola de fogo que espatifou o pico de uma montanha em 1979; em 1978, tremendas explosões não identificadas foram ouvidas nas costas de Nova Jersey e da Virgínia, vindas do Atlântico; houve alusões também a estrondos ou explosões em início do século 19. A NASA, AEC, FAC, NOAA, Força Aérea, Guarda Costeira, Marinha e outras corporações têm dado explicações, dizendo o que esses estrondos não são, mas não conseguiram definir o que são em cada caso. E não têm explicações para os seguintes fenômenos satisfatoriamente comprovados: a bola de fogo siberiana, ou Tunguska, explosão de espaçonave, explosão atômica, ou fosse o que fosse, não deixou traços de corpo meteórico, ou extraterreno. Restou apenas um trecho achatado, ou queimado, de floresta (mas não cratera), um número considerável de renas mortas, lendas locais de uma grande explosão e vestígios de radiação que permaneceram através dos anos.
A prova do incidente andino, que se supõe ter ocorrido na Bolívia, permanece tão tênue como o ar da montanha, enquanto os grandes estrondos de 1978, ouvidos na costa do Atlântico, talvez se tenham originado no espaço, ou na própria Terra. Além das hipóteses de

colisões e explosões espaciais, existem outros boatos, em geral ligados a OVNI’s caídos nos Estados Unidos e que talvez sejam, é claro, variações do Incidente de Roswell, melhoradas e deslocadas para outros lugares, ao passarem de boca em boca. Ao que parece, nos anos subseqüentes nada do que veio à tona deixou indícios concretos de visitantes extraterrenos além de faixas queimadas na floresta e do inexplicável chamusco do solo do deserto.

Nos últimos anos, porém, vieram à luz boatos e uma certa quantidade de documentação semi-oficial referente a outro "visitante do espaço". Este deixou prova concreta do seu encontro com a Terra: um OVNI, ao que parece, sofreu uma explosão e subse-qüentemente colidiu com o solo antes de se recuperar e prosseguir em sua rota celeste. Existem certas semelhanças entre o incidente russo, que se supõe ter ocorrido nas proximidades do lago Onega, na República Socialista da Carélia, União Soviética, e o Incidente de Roswell.

O incidente do lago Onega ocorreu em 1961, mas só recentemente alusões ao assunto chegaram ao Ocidente. Foi descrito em OVNI na União Soviética. Vol. II (1975), pelo Prol. Felix Ziegel, e em As Novas Descobertas Psíquicas dos Soviéticos, por Gris e Dick (Prentice Hall, 1978). Os relatórios originais à época do incidente foram redigidos pelo Prof. Ziegel, do Instituto de Aeronáutica Soviético, e por Yuri Fomin, engenheiro do Estado. É digno de nota que já antes dos relatórios oficiais começou a circular na União Soviética grande volume de comentários referentes à ocorrência, que apareceram em publicações samisdat, ou ilegais, exatamente como se noticias de publicações de OVNI não-oficiais dos Estados Unidos tivessem sido mais tarde confirmadas pelo governo. Isto ainda não aconteceu.

O incidente ocorreu próximo à aldeia agora abandonada de Entino, no extremo norte do lago Onega. Na manhã de 27 de abril de 1961, um grupo de 25 caçadores e lenhadores viu um "objeto aéreo de

origem desconhecida" aproximar-se do solo e colidir contra ele junto a uma enseada. (Segundo as testemunhas, isto aconteceu às 8h ou 10h. As variações de tempo podem ser atribuídas a diversas razões, tais como confusão entre a hora de Moscou e a hora local, problema freqüente na União Soviética; a probabilidade de os caçadores não terem relógio, e o compreensível nervosismo de cidadãos soviéticos em face de explosões vindas do céu. Mas as descrições das testemunhas são exatamente acordes quanto ao que viram.)

O objeto tinha forma oval, o tamanho de um grande avião de passageiros, e brilhava com luz azul-esverdeada. Viajava em baixa altitude e a tremenda velocidade. Seguia de leste para oeste quando bateu no chão próximo à margem norte do lago, provocando estrondo semelhante a uma explosão e causando considerável dano no solo e na vegetação circundante.

O alarmado grupo de caçadores procurou o guarda-florestal do distrito, Valentin Borsky, com um pedido urgente de ajuda. Borsky chegou ao local por volta das oito horas da manhã seguinte.

Investigações feitas por Borsky revelaram que outras pessoas da região haviam observado a mesma seqüência de fatos que os caçadores. Segundo testemunhas, o objeto sobrevivera ao impacto com a terra e prosseguira para oeste com movimentos ligeiramente ondulantes, numa trajetória ainda próxima ao solo, desaparecendo em seguida. Todas as testemunhas declararam não haver som associado ao objeto, afora o resultante do próprio impacto.

Subseqüente investigação no local do incidente, feita por Borsky e mais tarde por uma equipe civil-militar da cidade de Povenets, com o ecologista Fydor Denisov chefiando o contingente civil e o engenheiro do exército soviético Major Anton Kopeikin no comando do setor militar, juntamente com o técnico sênior Tenente Bóris Lapunov, revelou que a colisão do objeto com a margem do lago produzira três sulcos, um maior e dois menores, e a conseqüente

destruição da vegetação local. O impacto com o próprio gelo despedaçou grande faixa da superfície do lago, destroçando fragmentos e atirando outros maiores e menores ao solo. Aparentemente o gelo adquiriu intensa coloração esverdeada em conseqüência do impacto. Os sulcos produzidos no declive ao longo da costa consistiam em uma trincheira maior, com cerca de 27 metros de comprimento por 15 de largura e profundidade máxima de três metros; uma segunda trincheira, iniciando no extremo ocidental da primeira e dela separada por cerca de cinco metros e meio; e uma terceira, menos definida, com cerca de 40 centímetros de largura e conduzindo ao próprio lago. A escarpa tem, neste ponto do lago, inclinação de cerca de 60° em relação à superfície da água. Além das mencionadas marcas que lembram trincheiras e dos danos causados pelo impacto no gelo do lago, não houve aparentemente outros sinais de colisão na área.

Exame minucioso dos sulcos ao longo do declive e do solo sublevado na margem do lago foi realizado pelo Major Kopeikin, levando à descoberta de partículas minúsculas, pretas, de aparência metálica, forma geométrica e origem, ao que tudo indica, artificial, e de um pequeno fragmento de substância fina, também de aparência metálica, lembrando *folha estanhada* (grifo do autor), de um milímetro de espessura, dois centímetros de comprimento, e meio de largura, e que mais tarde descobriu-se ter a mesma composição das partículas pretas. Estas, juntamente com diversas amostras de gelo colorido de "verde-cromo" brilhante, assim como os grãos pretos, foram recolhidos e mais tarde enviados para análise ao Instituto Tecnológico de Leningrado.

A análise produziu os seguintes resultados:

A. O gelo verde, quando derretido, deixou um resíduo de fibra parecida com barbante. Essa fibra, ao ser analisada, proporcionou

um composto orgânico desconhecido, acusando a presença de pequenas quantidades de alumínio, cálcio, bário, silício, sódio e titânio.

B. As partículas de aparência metálica e forma geométrica, segundo se verificou, eram resistentes ao ácido e a altas temperaturas, não eram radiativas, e pareciam consistir de uma liga sílico-ferrosa, combinada com quantidades menores de alumínio, lítio, titânio e sódio.

C. A substância que lembrava folha metálica parecia ter a mesma composição das partículas maiores.

O famoso geofísico soviético Professor Vladimir Sharanov, do Instituto Tecnológico de Leningrado, interessou-se de tal modo pelo incidente que tomou providências para visitar pessoalmente aquele local isolado. Baseando suas conclusões na análise acima, e na evidência do local da colisão, o Professor Sharanov manifestou a sua opinião:

Não creio que o objeto fosse um meteorito. A destruição e sublevação do solo causadas pela queda de um meteorito estão ausentes no caso. Especificamente, a queda de um meteorito deixa uma cratera duas a cinco vezes maior que o seu tamanho. Neste caso, não se encontrou cratera alguma. A queda de um meteorito vem acompanhada de efeitos auditivos e visuais nitidamente identificáveis. Não houve nenhum neste caso.
Por fim, a substância química deixada no solo pelos meteoritos não se acha presente no caso.
Os grãos encontrados no fundo do lago, embora inexplicáveis no momento, eram claramente de origem artificial.

A possibilidade de o objeto ser uma aeronave comum, ou mesmo um avião-espião americano (reação normal na União Soviética), fazendo. reconhecimento em baixa altitude para escapar à detecção pelos radares, foi totalmente afastada por Sharanov e pelos cientistas do Instituto de Leningrado. Concluíram eles que nenhum avião resistiria a tal impacto contra o solo gelado sem sofrer graves avarias estruturais e perder parte significativa de seus componentes que seriam mais tarde localizados na região.

O Professor Felix Ziegel, respeitado astrônomo, e cientista espacial soviético, autor de cerca de 28 livros sobre astronomia e astronáutica e numerosos artigos científicos sobre o assunto, seria altamente capaz, e, compreensivelmente cauteloso, de estabelecer a diferença entre aviões, cometas e meteoros. Suas próprias conclusões sobre o objeto voador não-identificado do lago Onega, baseadas em investigação pessoal do caso, são de considerável interesse. Qualificou-o de "sonda espacial vinda de outro planeta, (que) raspou o solo, mas conseguiu prosseguir o caminho, apesar de danos supostamente superficiais". E prossegue: "É o único caso registrado em território da União Soviética." O Professor Ziegel, nesta observação, refere-se apenas, é óbvio, a "acidentes" e não às muitas aparições de OVNI's na União Soviética, inclusive rápidos encontros com aviões de combate, às vezes com resultados fatais para os pilotos.

O Professor Aleksander Kazentsev, famoso pesquisador cientifico russo, escritor e membro da Academia de Ciência Soviética, foi um tanto mais direto: Era, evidentemente uma sonda espacial. Se alguém tentasse identificá-la de outro modo, descobriria que toda evidência apontava em sentido contrário. É claro que, o dossiê sobre o mistério Onega está longe de encerrado.

Os incidentes de Roswell e do lago Onega são muito semelhantes.

Consideremos os ingredientes: um objeto desconhecido, voando de leste para oeste, em altitude extremamente baixa e a alta velocidade; ocorre uma colisão, ou explosão, produzindo danos no solo; destruindo a vegetação e, no caso do lago Onega, o gelo; destroços de aparência metálica espalham-se pela área; não se houve som algum, exceto o da colisão, impacto ou explosão; o objeto permanece no ar, continua viajando para oeste após bater no solo, embora no incidente de Roswell tenha caído em seguida à primeira pane.

Mas o objeto do lago Onega teria sofrido danos suficientes para causar a sua queda em algum ponto mais distante a oeste, como parece ter ocorrido ao objeto de Roswell? Dada a extrema vastidão e pequena concentração populacional da área que circunda o local do impacto no lago Onega, tal acontecimento poderia ter facilmente ocorrido e os destroços resultantes estariam ainda à espera de ser descobertos por algum caçador de peles, lenhador, membro de tribo nômade, ou talvez integrante de turma de trabalho. É possível ainda, sendo tão escassa a população, que os destroços do objeto (e talvez corpos da tripulação) tenham sido encontrados e recolhidos por unidades militares soviéticas, sem que a população civil tomasse conhecimento do fato, situação mais provável na União Soviética do que nos Estados Unidos, onde o Incidente de Roswell foi anunciado na imprensa e no rádio antes de ser abafado pelas autoridades.

Durante décadas os Estados Unidos e a União Soviética entretiveram mútua desconfiança de que a outra superpotência é a origem dos insondáveis e persistentes OVNI’s. Uma ampla faixa da opinião pública de ambos os países acha-se agora mais ou menos convicta de que os nossos misteriosos visitantes existem de fato e vêm de algum ponto do espaço, ou talvez do tempo. Como ambos começam agora a explorar a nossa mais próxima vizinha do cosmos, a Lua, seria aconselhável que as duas potências, e outras que

eventualmente ingressem na exploração lunar, partilhassem a informação obtida, sobretudo a que se refere à possibilidade de vida presente ou passada em nosso satélite.

Há insistentes boatos de que os astronautas americanos e os cosmonautas soviéticos observaram e fotografaram o que parecem construções na superfície da Lua, e que incluem muralhas, cúpulas, formações em feitio de ponte, agulhas e pirâmides agudas, calculadas em 450 metros de altura, no interior do Mar das Tempestades, onde Conrad e Gordon observaram também "algo que parecia um muro retilíneo". No lado escuro do satélite, a Luna 9 soviética registrou disposições geométricas de pedras imensas que, segundo o Professor Ivanov, cientista espacial russo, poderiam ser marcações de vôo de uma pista lunar. No Mar da Tranqüilidade, diversas sombras agudas parecem ser causadas por imensas estruturas e uma delas, de acordo com a descrição, tem a forma de uma torre "da altura do monumento de Washington". Outra lembra uma gigantesca antena, nos bordos da Cratera Jansen e, segundo descrições, é de "altura improvável", sugerindo que talvez seja uma gigantesca torre de eletricidade.

Esses boatos e notícias têm sido, é claro, sistematicamente negados ou, quando já fotografados, depreciados como formações perfeitamente naturais. Astrônomos e intérpretes de fotografias, cautelosos, compreende-se, no que respeita a sua reputação, explicaram as pirâmides como sombras, às pontes e muralhas como encostas recurvas, as disposições rochosas como penhas espalhadas ao acaso, e as cúpulas como relevos da superfície lunar resultantes de atividade vulcânica. (Mas se isto fosse exato, a superfície das próprias cúpulas seria da mesma cor da região lunar circundante, e não de um branco translúcido, como na verdade são.)

Outros fenômenos inexplicáveis observados na Lua sugerem movimento. Uma fotografia (que se supõe ser da missão Apolo 11),

publicada nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e outros países, mostra dois discos brilhantes não-identificados saindo de uma cratera lunar. Jorros de luz fixa e cintilações lunares intermitentes, em cores cambiantes, têm sido há muito observados em diferentes partes da Lua por grande quantidade de astrônomos de diversos países e em múltiplas ocasiões. Segundo se observou, originam-se em especial da Cabeça de Cobra do Vale Schroter e das crateras de Aristarco e Maskelyne. Um dos fenômenos registrados, uma estranha névoa que parece de silício e se ergue ocasionalmente na superfície lunar, foi atribuído, por um observador, considerando-se a ausência de vapor d'água, à possibilidade de "operários lunares" estarem escavando uma das crateras. Estes últimos fenômenos, se melhor estudados, seriam sem dúvida atribuídos ao interior ainda ligeiramente ativo da Lua.

Se adotarmos, porém, a hipótese lógica de que não estamos sozinhos em nossa galáxia, não será excesso de imaginação especular sobre a possibilidade do uso da Lua por outros seres não-especificados, como base de observação da nossa Terra. O lado escuro do satélite apresenta diversas vantagens importantes para esta finalidade. Está protegido de interferência do rádio terrestre e não apresenta problemas climáticos, ou de corrosão. Sendo a maior lua do sistema solar em relação ao tamanho do planeta - quase um planeta-irmão da Terra - acha-se convenientemente próxima da vida planetária desenvolvida aqui existente.

O físico Stanton Friedman sugeriu que talvez os OVNI's relativamente pequenos sejam "módulos de exploração" levados à Lua por naves maiores, vindas de outros pontos desta ou de outras galáxias.

As dezenas de milhares de OVNI's que têm sido vistos na Terra começaram a surgir em 1947, pouco depois que a bomba atômica introduziu a era que poderia ser chamada "fim do isolamento

cósmico", ou "final da inocência". A proximidade entre a série intensiva de aparições de OVNI's e os bombardeios atômicos, seguidos de testes continuados, talvez tenha provocado interesse mais vivo na atividade atômica da Terra por parte dos nossos vizinhos (se aceitarmos sem discussão que eles existem) do espaço interior ou exterior, intensificando suas observações e patrulhas, sobretudo nas extensas regiões onde as superpotências se preparam ativamente para a guerra atômica.

É lógico supor que, já que o maior número de aparições tem sido observado sobre os Estados Unidos e nos oceanos que o cercam, e mais recentemente em número progressivo nas planícies e florestas da União Soviética, haveria problemas ocasionais nas operações dos OVNI's nessas duas extensas áreas do mundo. Embora se apontem pelo menos dois casos em que deixaram material aqui na Terra, pode ter havido outros que ambos os lados se ocultam mutuamente e escondem do seu próprio povo.

O perigo do constante sigilo acerca dos OVNI's, agora em julgamento nos tribunais dos Estados Unidos, é bastante óbvio. A pane individual de um OVNI, resultando em grandes explosões ou ataques retaliatórios por parte de outros OVNI's, poderia ser facilmente atribuída à ação inimiga em potencial (já que os OVNI's não existem oficialmente), desencadeando uma reação em cadeia que conduziria ao uso de ogivas nucleares entre o crescente número de países possuidores de armas atômicas. As nações da Terra que as possuem devem-se a si mesmas e umas às outras a partilha de informes acerca dos OVNI's que cruzam os nossos céus, como evidência de atividades espaciais não-identificadas.

Werner von Braun, o famoso pai dos foguetes, que contribuiu para o desenvolvimento da V-2 alemã na Segunda Guerra Mundial e mais tarde auxiliou os Estados Unidos nos seus lançamentos espaciais, fez uma declaração profética pouco antes de sua morte, a respeito

da qualidade difusa, mas difícil de definir, dos OVNI’s e sua inferência de vida extraterrena: "É tão impossível confirmá-los no presente como o será negá-los no futuro.”

Esperemos que, à medida que o nosso presente se transforma em futuro incerto, nos disponhamos a aceitá-los com compreensão e boa vontade e, ao mesmo tempo, com o necessário preparo técnico, tanto em terra como no espaço.

Para isso é necessário um esforço comum, global, um livre intercâmbio entre organizações científicas e tecnológicas do mundo inteiro. Partilhar o nosso conhecimento de técnicas inventivas, informar ao público o que está acontecendo, e contribuir, tanto quanto possível, para o seguro andamento da nossa espaçonave, a Terra, através dos perigos inerentes ao cosmos. E embora ignoremos ainda se os OVNI’s representam ou não uma ameaça, torna-se evidente, à medida que as superpotências fazem experiências com mísseis de alcance cada vez mais longo e satélites assassinos, que a humanidade representa para si mesma um perigo, tanto no espaço como na terra.

A presença cada vez mais óbvia dos OVNI’s sobre os continentes e oceanos terrestres leva-nos a refletir sobre o uso que fazemos dos grandes progressos científicos do último século e que estão agora, quem sabe, escapando ao nosso controle.

Inúmeros motivos foram atribuídos aos que enviam e tripulam os OVNI’s, que giram em torno sobretudo de agressão, exploração, reconhecimento para conquista, captura de espécimes humanos, ou futura ocupação planejada da Terra, e que apenas refletem todos as imagens de como nós reagiríamos no lugar deles. Mas, em vista do perigo que representamos para nós mesmos e nosso meio-ambiente, talvez haja outra explicação.

Aquilo a que chamamos OVNI será parte de um plano - ou mensagem - cujo sentido se nos tornará claro, espera-se, antes que

seja tarde demais.